

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CARLOS MAGNO DOS SANTOS SOUTO

**O ALVISSAREIRO: A NATAL ANTIGA E A
NOVA NATAL NAS CRÔNICAS CASCUDIANAS
DE 1940- 1950.**

RECIFE

2009

CARLOS MAGNO DOS SANTOS SOUTO

**O ALVISSAREIRO: A NATAL ANTIGA E A
NOVA NATAL NAS CRÔNICAS CASCUDIANAS
DE 1940 - 1950.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, dentro da área de concentração História do Norte-Nordeste do Brasil, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Sílvia Cortez Silva

RECIFE

2009

Souto, Carlos Magno dos Santos

O alvissareiro : a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas de 1940-1950 / Carlos Magno dos Santos Souto. -- Recife: O Autor, 2009.

134 folhas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2009.

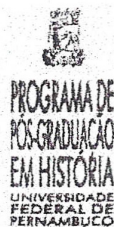
Inclui: bibliografia.

1. História. 2. Historiografia. 3. Natal (RN). 4. Modernização. 5. Cascudo, Luís da Câmara, 1898-1986 – Crônicas literárias. I. Título.

**981.34
981**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

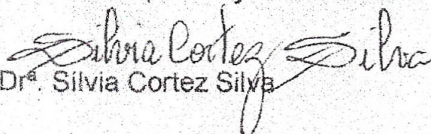
**UFPE
BCFCH2009/95**

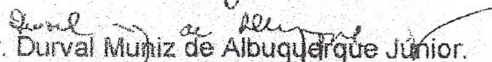


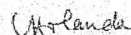
ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO CARLOS MAGNO DOS SANTOS SOUTO.

Às 14:00h do dia 15 (quinze) de junho de 2009 (dois mil e nove), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Carlos Magno dos Santos Souto** intitulada **“O Avissareiro: a Natal Antiga e a Nova Natal nas crônicas cascudianas de 1940-1950”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“APROVADO”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Sílvia Cortez Silva (Orientadora), Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Lourival Holanda. A validade deste grau de Mestre está condicionada à entrega da versão final da dissertação no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar a partir da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da Resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam a presente ata os professores supracitados, a Coordenadora, Profª. Drª Tanya Maria Pires Brandão e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 15 de junho de 2009.


Profª. Drª. Sílvia Cortez Silva


Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.


Prof. Dr. Lourival Holanda.


Profª. Drª. Tanya Maria Pires Brandão.


Sandra Regina Albuquerque.

Dedico esta dissertação a memória de José Alves de Souto Filho, meu avô, que em vida sempre manifestou apoio incondicional a formação intelectual de seus filhos e netos. Sua trajetória de vida é uma referência que nem mesmo a morte tem o poder de apagar.

AGRADECIMENTOS

É comum nos referirmos as atividades da pesquisa e da escrita como atos extremamente solitários. São horas passadas nos arquivos e em frente a tela do computador sem outros companheiros além dos livros, papéis velhos, uma xícara de café e, para alguns, um maço de cigarros. Entretanto, esta é apenas uma das faces do trabalho intelectual. Como esquecer as várias pessoas que estiveram sempre ao nosso lado ao longo dessa trajetória? Os pais, orientadores, amigos, professores, funcionários, e tantos outros que, direta ou indiretamente, contribuíram durante a gestação de nossas produções.

Este espaço constitui uma pequena maneira de demonstrar minha gratidão e carinho por aqueles que estiveram presentes quando necessitei, e que, de alguma forma, me auxiliaram na pesquisa e escrita deste texto. São apenas algumas palavras sinceras que, ao mesmo tempo, demonstram e reconstroem meu afeto por estas pessoas, com as quais quero dividir este momento de grande alegria.

Agradeço aos meus pais Carlos Hermano e Socorro Nazaré, pela confiança que sempre depositaram em mim, prontos para apoiar e incentivar minhas decisões e a fazer grandes sacrifícios para que a minha estadia em Recife fosse possível, vocês são meu sustentáculo. A minhas irmãs Séfora e Diana. Ao meu cunhado Kaio Márcio. Aqueles que, pacientemente, acompanharam meu dia-a-dia ao longo da escrita desta dissertação, e que souberam agüentar meu mau humor e me confortar com suas palavras de carinho. Enfim, a toda a minha família que amo imensamente e que abraçou meu projeto de vida e fez de tudo para torná-lo possível.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco que me acolheram e em cujas disciplinas encontrei valiosas contribuições para o meu trabalho. Ao professor Antônio Paulo Rezende que aceitou participar de minha banca de qualificação e apontou questões bastante pertinentes para o enriquecimento do meu texto. Ao ex-coordenador Antônio Torres Montenegro. Aos funcionários do PPGH, inclusive Aluizio que não trabalha mais no programa, mas que me ajudou muito com as questões técnicas.

Agradeço ao CNPq pela bolsa e apoios concedidos a pesquisa, fundamentais para a dissertação ora apresentada.

Agradeço aos funcionários dos arquivos onde realizei a pesquisa, especialmente os do IHGRN, tão prestimosos e educados. A Daliana Cascudo diretora do Memorial Câmara Cascudo.

Agradeço ao professor Lourival Holanda que aceitou o convite para participar da banca de minha defesa, este momento tão importante que caracteriza o fim de uma experiência inesquecível em minha vida.

Agradeço a todos os meus colegas da turma de 2007, com os quais passei manhãs e tardes nos acalorados debates das disciplinas, e que partilharam comigo o sentimento de angústia e apreensão que acompanha a produção acadêmica. Aos meus grandes amigos João Carlos, Alan Romel e João Paulo com os quais sempre discuti questões relativas à pesquisa e a escrita, e que mesmo estando longe souberam demonstrar seu apoio e afeto.

Agradeço, em especial, a Durval Muniz de Albuquerque Junior que acompanhou a gestação deste trabalho desde que ainda era apenas um projeto, e que esteve presente ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Lembro ainda de meu primeiro dia de aula no curso de História da UFCG, em que tive meu primeiro contato com esta figura que se tornou um amigo sincero. Foram suas palavras de incentivo que me levaram a abraçar definitivamente a História. Minha admiração e respeito transcendem a academia e se refletem em um grande e duradouro carinho.

Agradeço a Helen Lopez de Souza, uma pessoa que em apenas um ano tornou-se um dos meus maiores amigos. Juntos vivemos a experiência de sermos estrangeiros em uma cidade desconhecida. Experimentamos o desassossego de morar em uma das avenidas mais movimentadas do Recife, ouvindo dia e noite o zumbido atordoante do fluxo ininterrupto de automóveis. Nunca vou esquecer das nossas longas conversas sobre alguns assuntos importantes e sérios e sobre outros nem tanto, travadas na cozinha do apartamento da Caxangá, nas mesas dos surreais bares de Recife, e em outros vários lugares. A sua ajuda foi de inestimável valia, não tenho como agradecer tudo o que fez por mim durante aquele longo ano em Recife, o mínimo que posso dizer é que contribuiu bastante para o meu amadurecimento intelectual e pessoal.

Por fim, gostaria de agradecer especialmente a Silvia Cortez Silva, minha orientadora. Quando entrei na pós-graduação não imaginava que iria conhecer uma pessoa tão encantadora quanto esta. Sua acolhida tão carinhosa e natural revelou desde o início que nossa relação transcenderia os muros da academia e se estenderia a vida. Nossas conversas consistiram no mosaico sobre o qual fui, aos poucos, montando as partes deste texto. Sua sabedoria, tão calma e tranqüila, foi fundamental para a escritura desta dissertação, e proporcionou a

inspiração que deu a ela a forma que aí está impressa nestas páginas. Não tenho palavras para expressar meu agradecimento, e todas quantas eu utilizar serão insuficientes. Quero apenas que saiba do meu reconhecimento, carinho e admiração sinceros. Mais do que uma orientadora Silvia constitui uma grande amiga para toda a vida.

*"Veio para ressuscitar o tempo
e escalar os mortos,
as condecorações, as liturgias, as espadas,
o espectro das fazendas submergidas,
o muro de pedra entre membros da família,
o ardido queixume das solteironas,
os negócios de trapaça, as ilusões jamais
confirmadas
nem desfeitas.
Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.
É importuno,
sabe-se importuno e insiste,
rancoroso, fiel."*

(O HISTORIADOR, Carlos Drummond de
Andrade)

RESUMO

Esta dissertação pretende analisar as imagens produzidas por Luís da Câmara Cascudo para a cidade do Natal nas décadas de 1940 -1950. Uma das questões principais é entender como e porque o autor construiu duas imagens complementares e antagônicas para a capital potiguar: a Natal antiga, que caracteriza a cidade provinciana e nostálgica do fim do século XIX e início do século XX, e a nova Natal, que representa a cidade nos anos 1940 -1950, época em que o espaço urbano passou por profundas transformações ocasionadas pelo impulso modernizador. Para isso faz-se uso da análise textual das crônicas cascudianas publicadas na imprensa natalense no período mencionado, assim como de outros escritos que auxiliam a compreender tal assunto. A articulação entre uma história dos espaços urbanos e uma história intelectual permite vislumbrar a formação de um autor que produziu sua identidade de homem de letras em estreita relação com terra em que nasceu, viveu e morreu. O percurso traçado ao longo da escrita busca afastar-se das verdades instituídas acerca da vida e obra de Câmara Cascudo e lançá-lo na dispersão, na multiplicidade, na fragmentação que caracterizaram sua trajetória intelectual e que possibilitam compreender seus posicionamentos frente a questões centrais como o passado, o presente e a modernidade, as quais se desdobraram em suas crônicas sobre a cidade. A investigação das crônicas cascudianas sobre a cidade revela um intelectual apegado ao tempo passado, que constrói com o tecido da saudade a Natal antiga, um espaço calmo e idílico que reflete o período de sua infância. Já a nova Natal aparece em seus escritos como o lugar da instabilidade, da fragmentação, do dilaceramento do sujeito. A cidade moderna é vista com pessimismo por um autor que se mostra extremamente reacionário em relação a qualquer tipo de mudança e que enxerga o passado como um refúgio contra as agruras do tempo presente. Câmara Cascudo situa-se entre essas duas realidades conflitantes. Por fim a leitura de suas crônicas permite traçar o perfil de um intelectual conservador, que tem suas origens vinculadas as decadentes elites rurais do Norte do país, que produz sua memória sublinhando certos aspectos de sua vida e obscurecendo outros, e que trata a historiografia de uma maneira tradicionalista.

Palavras-Chave:

História urbana. Luís da Câmara Cascudo. Natal (RN). Modernização. Crônicas Literárias. História Intelectual.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the images produced by Luís da Câmara Cascudo to the city of Natal in the decades from 1940 to 1950. One of the main issues is to understand how and why the author has built two images completely and antagonistic to the capital of Rio Grande do Norte: The Old Natal, which features a nostalgic and provincial town of the late XIX and early XX century, and the new Natal, which represents the city in the years 1940 - 1950, by which time the urban space has undergone profound changes brought about by the modernizing impulse. For this makes use of textual analysis of chronic cascudianas natalense the press in the period mentioned, as well as other writings that help to understand this subject. The relationship between a history of urban spaces and an intellectual history paves the formation of an author who has produced his identity as a man of letters in close relationship with the land he was born, lived and died. The path traced through writing seeks to depart from the established truths about life and work of Cascudo and enter it in the dispersion in the multiplicity in the fragmentation that has characterized his intellectual and that allows us to understand their positions ahead of key issues such as the past, present and modernity, which unfolded in his chronicles of the city. The investigation of chronic cascudianas of the city reveals an intellectual attached to the past tense, which builds the fabric of the ancient longing for Natal, a quiet and idyllic area that reflects the period of his childhood. Already the new Natal appears in his writings as the place of instability, fragmentation, the tear of the subject. The modern city is viewed with pessimism by an author which is very reactionary in relation to any change and he sees the past as a refuge from the hardships of the present time. Câmara Cascudo lies between these two conflicting realities. Finally, reading his stories to draw the profile of a conservative intellectual, has its origins tied to declining rural elites of the north, which produces his memory emphasizing certain aspects of his life and obscuring others, and that this historiography a traditional way.

Keywords:

Urban History. Luís da Câmara Cascudo. Natal (RN). Modernization. Literary Chronicles. Intellectual History.

SUMÁRIO

Introdução _____	12
------------------	----

Capítulo I

Com o Tecido da Saudade se Edifica uma Cidade: Natal Antiga nas Crônicas de Luís da Câmara Cascudo.

Alegoria e História _____	20
A Aurora dos Novos Tempos _____	22
Um Provinciano Incurável _____	25
O Alvissareiro _____	26
O Cronista e a Cidade _____	30
A Visão Imóvel _____	37
Um Passado Defunto Novamente Sepultado _____	39
Geografia Invisível _____	43
Escavando o Passado _____	46

Capítulo II

Angústias do Presente: A Emergência da Natal Moderna nas Crônicas de Luís da Câmara Cascudo.

Cidades do Passado e do Presente _____	54
Um Sinal dos Novos Tempos _____	55
A II Guerra Mundial e as Transformações Urbanas Natalenses _____	59
Nova Cidade, Novo Carnaval _____	66
Natal nos Anos 40: Cidade do Progresso e do Barulho _____	69
A Cidade Como Escrita _____	77

Capítulo III

Várias Faces de um Provinciano Incurável.

O Homem por Trás das Crônicas	88
Um Intelectual Nascido da Doença e da Solidão	89
Nas Malhas do Poder	94
Anauê	99
Esquecer Para não ser Esquecido	107
Entre o Folclore e a História	111
Procissão de Mortos	113
História, Documento e Verdade	119
Considerações Finais	125
Bibliografia	131
Lista das Crônicas de Luís da Câmara Cascudo Utilizadas	134

INTRODUÇÃO

“Do 110 ° andar do World Trade Center, ver Manhattan. Sob a bruma varrida pelo vento, a ilha urbana, mar no meio do mar, acorda os arranha-céus de Wall Street, abaixa-se em Greenwich, levanta de novo as cristas de Midtown, aquietam-se no Central Park e se encapela enfim para lá do Harlem. Onda de verticais. A imensa massa se imobiliza sob o olhar. Ela se modifica em texturologia onde coincidem os extremos da ambição e da degradação, as oposições brutais de raças e estilos, os contrastes entre prédios criados ontem, agora transformados em latas de lixo, e as irrupções urbanas do dia que barram o espaço.”¹

Contemplar uma grande cidade de um de seus pontos mais altos é, verdadeiramente, uma experiência única, arrebatadora. Significa escapar ao tumultuoso fluxo de suas ruas e observá-la, calma e iluminada, de um lugar privilegiado. Lugar que permite ver o conjunto, contemplar as partículas daquele todo em sua completa extensão. Aquele que se aventura a tão elevados lugares escapa a massa anônima que dilui todas as particularidades e anula as identidades de autores e espectadores. Por alguns instantes um simples mortal experimenta a sensação de um deus. Mesmo estando apenas no cume de um edifício ele imagina-se planando sobre a cidade de concreto, delineando os contornos das construções, acompanhando a sinuosidade de suas ruas, observando a algazarra e o movimento dos transeuntes apressados. O “voyeur urbano” já nem sente seu corpo, dilui-se frente à monumentalidade de tal visão. Se sente um deus moderno que, como o Dr. Frankstein, vislumbra sua criação genial e bizarra ao mesmo tempo e, perplexo, se indaga o alcance de seu invento.

Destes mirantes, tão comuns no mundo moderno, o olho humano enxerga algo como um grande organismo vivo pulsando sincronicamente, obedecendo a um movimento harmônico. A complexidade, que consiste em uma das características mais intrínsecas a cidade, é sacrificada em nome de um olhar totalizador. A visão panorâmica simplifica aquela realidade do objeto observado, só os aspectos mais gerais transparecem. É como se o observador, vendo tudo de cima, transformasse a cidade em um grande quebra cabeças que ele monta calmamente para vislumbrar a forma que estava oculta. O caos vira ordem, a fragmentação dá lugar à unidade. Contudo, o que se tem sob os olhos não passa de um simulacro, um artefato óptico. A cidade vista de cima pressupõe um espectador isolado, neutro, que se furta a viver os meandros da vida urbana. É o olhar que se coloca a distância, como o do técnico, do urbanista e do cartógrafo. O “voyeur”, que assim contempla o espaço urbano, desconhece suas práticas, exclui-se da miscelânea de comportamentos que compõe o seu dia-a-dia.

¹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Editora Vozes, 2005. p.169.

Mas lá embaixo, onde o fugaz deus criador transforma-se em um mortal caminhante, onde o olhar total fragmenta-se em vislumbres múltiplos e onde a aparente calma dá lugar a um efervescente tumulto, o espectador funde-se ao praticante ordinário da cidade. Ele a observa, entretanto, acima de tudo, a vive. Não é o olho passivo que apenas contempla. Ao rés do chão tudo é diferente, a falsa homogeneidade revela uma experiência múltipla e plural. As pessoas são caminhantes, pedestres quase indistintos, que se deixam levar através dos caminhos e das ruas. São os narradores por excelência da cidade, aqueles que a observam ao mesmo tempo em que a percorrem e praticam, perdem-se nos seus labirintos obscuros.

Ver a cidade de um ponto elevado, sem dúvida, constitui uma experiência ímpar, contudo mergulhar em seu tumultuoso cotidiano e navegar através de seu fluxo ininterrupto certamente é ainda mais intenso, pois ao invés de uma pseudo-sensação de distanciamento nos proporciona um contato direto e revelador. Caso conduzíssemos vinte pessoas ao topo do maior arranha-céu da cidade onde moram e, ao fim de dez minutos de contemplação, pedíssemos para descreverem o panorama, não haja dúvida que, guardadas as devidas proporções, os relatos seriam, em linhas gerais, semelhantes. Porém, se pedíssemos as mesmas vinte pessoas para descreverem a cidade a partir de suas andanças por ela que riqueza de relatos teríamos. Cada narrador descreveria a “sua cidade”, ou como ela se apresenta, individualmente, aos seus olhos. A pluralidade seria patente. Mas o mais importante seria a profundidade de tais criações. Ao invés da superficialidade da visão panorâmica, a profundidade do olhar do espectador praticante.

Porém este não é um texto sobre as grandes cidades contemporâneas e as várias formas de vê-las e narrá-las, nem sobre a relatividade dos olhares que podem ser lançados sobre determinados objetos. É um estudo sobre Natal, cidade nordestina de pequeno porte, e a forma como foi dita e pensada pelo seu maior intelectual, o folclorista Luís da Câmara Cascudo, na primeira metade do século XX, período de marcantes mudanças, onde antigo e novo, moderno e tradicional conviviam ainda em uma sociedade em profundo processo de transformação. Mas e então, qual o paralelo que podemos enxergar entre a observação de uma grande cidade moderna contemporânea e a observação de uma pequena cidade brasileira no começo do século passado, onde a modernidade começava a dar seus primeiros passos? Uma possível resposta a esta questão se encontra no fato de que Câmara Cascudo se propôs a narrar à história natalense do cume da *Torre da História*, como discutiremos no primeiro capítulo. Assim como o “voyeur urbano” contempla a cidade de seu ponto mais alto, o folclorista escreveu sobre a história de Natal observando-a de cima, incorporando a figura do Alvisareiro. Porém, Câmara Cascudo não construiu imagens para esta cidade e narrou sua

história cotidiana contemplando-a apenas de um alto e distante ponto de observação. Ele foi também, guardadas as devidas proporções para que não haja um anacronismo, uma espécie de flâneur² da cidade de Natal. Um intelectual que diariamente percorria as ruas de sua cidade atento a todos os detalhes, que a muitos passavam despercebidos. Seu ponto de observação, portanto, se por um lado era panorâmico, por outro, era o mais próximo da realidade da cidade e de seus habitantes que o espectador poderia ter.

Cascudo não apenas olhava a cidade, mas, sobretudo, escrevia sobre ela; seus artigos diários na imprensa natalense demonstram um grande interesse pelo fenômeno urbano. Através de algumas *Actas Diurnas*³ entrevemos o cotidiano de uma cidade que está em franco processo de transformação urbana, e onde o novo e o velho, o moderno e o tradicional, têm uma convivência conturbada. Podemos considerar que ele não apenas contemplava a cidade, mas a construía diariamente através de seus relatos. Afinal de contas não são apenas ruas, edifícios, habitantes e várias outras coisas que compõe uma cidade, mas são também os relatos sobre ela. Todo relato se refere a um espaço. E todo relato é também uma prática do espaço⁴. Assim, Câmara Cascudo ao tratar do tema urbano em seus artigos participa ao mesmo tempo da construção imagética da cidade. E sem dúvida seus escritos demonstram uma forte intenção de intervir nos rumos para os quais Natal estava caminhando.

Em seu conjunto, as crônicas cascudianas das décadas de 40 e 50 distribuem seus temas urbanos equilibradamente entre passado e presente, e a partir delas podemos ver como vai tomando forma a visão de história de tal autor. Certamente a experiência citadina foi bastante abordada por Cascudo. Seja produzindo uma memória acerca da Natal do começo do século ou registrando as mutações pelas quais estavam passando o espaço, as formas de sociabilidade e a cultura urbana naquele momento, não escapou aos seus sentidos apurados a percepção da importância do fenômeno urbano.

Cascudo estava atento à mutação porque passava Natal nas primeiras décadas do século XX. Os artigos das *Actas Diurnas* que tratam da cidade não deixam de relatar a crescente agitação social com a mudança da superfície e das formas de sociabilidade de tal espaço. São tratadas, por exemplo, além das perturbações sonoras ocasionadas por donos de rádios e automóveis, as mudanças ocorridas nas festas carnavalescas; ou ainda a feiúra dos

² O flâneur constituiu um certo tipo de passeante da cidade, típico da Paris da segunda metade do século XIX. Um homem que livremente passeava pela moderna Paris criada pelo celebre Barão de Hausmann, percorrendo suas ruas e circulando por todos seus recônditos espaços, mas, sobretudo, andava pelos famosos boulevares parisienses contemplando a cidade. Acerca da figura do flâneur ver: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

³ Coluna diária que manteve por mais de duas décadas nos jornais *A República e Diário de Natal*.

⁴ Sobre práticas de espaço ver CERTEAU, Michel de. *“Práticas de Espaço”*. In: *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Editora Vozes, 2005. pp.169 – 215.

anúncios publicitários espalhados pelos muros da cidade, além de muitas outras questões relativas ao urbano.

Todavia, não é apenas a cidade em processo de modernização que é apresentada nestes artigos. Existem ainda descrições nostálgicas da Natal do início do século XX, com seu aspecto colonial e seus tristes lampiões a querosene. Essas lembranças da cidade antiga são sempre pintadas com o tom da saudade e do encantamento de tempos passados.

Esta dissertação, portanto, buscando articular uma história dos espaços urbanos e uma história intelectual apresenta como tema a construção discursiva da cidade do Natal na produção do folclorista norte-riograndense Luís da Câmara Cascudo. Tentando compreender como e porque seus escritos produzem duas imagens fundamentais para Natal: a cidade da memória, vista com saudades e viva nas lembranças da infância e adolescência do autor; e a cidade que se moderniza, que caracteriza o processo de transformação urbana por que passava Natal no período de 1930-1960, e que era acompanhado com desconfiança pelo folclorista. Privilegiamos como objeto de estudo os discursos de Luís da Câmara Cascudo sobre o fenômeno urbano, especialmente os artigos das *Actas Diurnas*, procurando entender como tais discursos produzem a cidade do Natal, ao atribuir-lhe sentidos diversos.

Antes de tudo é necessário advertir que nossa intenção não é narrar, pontualmente, a história da cidade do Natal na primeira metade do século XX. Muitos autores já se dedicaram a esta tarefa, inclusive o próprio Câmara Cascudo em seu volumoso *História da Cidade do Natal*, e obtiveram êxito. A proposta desta dissertação é discutir as percepções de Cascudo do fenômeno urbano. Entender como e porque muitas das crônicas que publicou na imprensa natalense dedicam-se a produzir duas imagens antagônicas para Natal: a cidade antiga e a nova Natal. Portanto, mais do que a materialidade da cidade, expressa através de sua história, nos interessa a cidade das palavras que Cascudo erigiu em suas crônicas.

O primeiro capítulo desta dissertação propõe uma tarefa bastante delicada: apresentar e descrever um morto. Nosso intuito é percorrer o panorama de uma Natal que existira no fim do século XIX e nos primeiros anos do século XX, através das crônicas e textos de Luís da Câmara Cascudo sobre a “cidade antiga”. Mas porque esta se constitui em um “morto”? Simplesmente pela razão de não mais existir no momento em que Cascudo escreve sobre ela. As crônicas publicadas na imprensa natalense nas décadas de 40 e 50, que tratam da Natal antiga, descrevem uma realidade que não mais existia. A designação “Natal antiga” caracteriza uma realidade que estava desaparecendo desde os anos 20, e que foi cunhada justamente sob o impacto da destruição que a apagara. Esse nome emerge posteriormente ao fato que ele representa, pois na Natal em que Cascudo vivia, completamente mudada em

relação ao início do século, percebia-se claramente um acelerado processo de transformações históricas que originava uma cidade nova ao mesmo tempo em que ia fazendo desaparecer todos os vestígios da cidade velha. Cascudo, a partir da década de 1920, vive em um espaço que passa por um amplo processo modernizante, onde os valores e signos tradicionais, que ele tanto defendia, estão sumindo. O mundo aristocrático de seus antepassados está desaparecendo frente à invasão dos valores burgueses, por isso ele se volta para o passado e quer perenizar uma realidade que estava deixando de existir.

A intenção neste capítulo, portanto, é navegar nas ondas memorialísticas cascudianas por uma Natal “doce e dorminhenta à beira do rio”. Mostrar como o autor constrói, a partir de suas lembranças, uma imagem da cidade antiga em franca contraposição com a nova Natal. Tentando responder por que Cascudo narra com tanta nostalgia e saudosismo a Natal em que ele viveu seus primeiros anos, chegando a constituí-la como uma espécie de espaço idílico, um local tranqüilo e calmo onde as pessoas viviam felizes, alheias ao tumulto contemporâneo. É uma espécie de mergulho nas memórias nostálgicas em que ele evoca uma Natal iluminada por tristes lampiões, onde “anoitecer era mergulhar nas trevas”.

O segundo capítulo traz a discussão da cidade em um momento de transformações urbanas e sociais. Natal, a partir da segunda década do século passado, assiste a uma significativa intensificação do seu processo modernizante. Manchas de alagados são convertidas em praças, largas avenidas são abertas, o bonde urbano passa a encurtar as distâncias, a energia elétrica e o sistema de água encanada tornam-se símbolos do progresso e do conforto proporcionado pela vida moderna. Natal passa a ser alvo da intervenção de técnicos, urbanistas e cartógrafos.

Todo este amplo processo modernizador não passou despercebido aos olhos de Câmara Cascudo. Nas crônicas das décadas de 40 e 50 ele demonstra pleno conhecimento dos rumos que a cidade vinha tomando. São abordados, por exemplo, nas *Actas Diurnas*, a reorganização e reforma das ruas da cidade, a introdução dos signos modernos como a energia elétrica na pacata capital potiguar, ou ainda, a feiúra dos anúncios publicitários espalhados pela cidade.

Mas não eram apenas os aspectos materiais das reformas urbanas que eram percebidos e retratados por Cascudo, as mudanças nas sociabilidades, hábitos e costumes da população também eram abordadas nas crônicas. São fatos mezinhos observados nas ruas pelo folclorista, e transcritos para suas páginas diárias. Foi vagando pela cidade que Cascudo captou, por exemplo, o que em sua opinião constituía um dos elementos característicos da vida moderna, embora extremamente perturbador: a alteração da quietude que dominara Natal

em tempos passados. Para ele, os ruídos abundantes na cidade que se pretendia moderna, provocados por automóveis, rádios, gritos de transeuntes, ao invés de uma marca do progresso eram um sinal de incivilidade. Destes escritos também transparece o desencanto que as mudanças nas tradições populares urbanas provocaram no autor. As novas maneiras de brincar o carnaval, por exemplo, chocaram-no com toda a licenciosidade conferida pela liberalização dos costumes, por sua vez ocasionada pelo impulso modernizador.

Enfim, neste capítulo, evidenciando a importância dos escritos cascudianos como uma das principais fontes para o estudo da urbanização em Natal, buscamos apresentar ao leitor o “outro”, o reverso da cidade antiga. Nesse sentido, afigurou-se como fundamental narrar o contexto em que, na década de 1940, as principais reformas urbanas e sociais riscaram o espaço da cidade antiga. Partindo de alguns autores que trabalharam esse tema, assim como do próprio Cascudo, discutimos como a presença de grandes contingentes militares norte-americanos e brasileiros e a criação da base aliada de Parnamirim Field, durante a 2ª Guerra Mundial, serviram como um agente catalisador das transformações já em curso desde a década de 1920. A partir destas considerações torna-se mais fácil analisar as crônicas de Luís da Câmara Cascudo sobre a nova Natal.

Estes dois primeiros capítulos, em grande medida, se completam. Como já foi dito, a Natal antiga emerge justamente no seio da cidade nova e moderna. Nos textos cascudianos uma só encontra sentido em relação à outra. Ou seja, para descrever uma imagem ele tem, necessariamente, de remeter ao seu contraponto. Portanto, nas crônicas em que fala da Natal do passado Cascudo a compara a atual cidade em que vive, e vice versa. Optamos então por preservar em nosso texto o método do autor. Dessa forma, cada uma das duas imagens analisadas se imiscui sutilmente nos domínios da outra. No primeiro capítulo, sobre a cidade antiga, vez por outra nos deparamos com a nova Natal. E no capítulo seguinte, onde se trata desta última, algumas vezes vemos emergir das sombras a cidade do passado. No que diz respeito às *Actas Diurnas* analisadas não há uma preocupação em seguir uma rígida ordem cronológica. Isto é, não abordamos as crônicas pelas décadas em que foram publicadas, mas preferimos tratá-las a partir do tema que relatam.

Finalmente, no terceiro e último capítulo optamos por nos afastar um pouco do tema da cidade do Natal nas crônicas cascudianas para adentrar em alguns caminhos que permitem vislumbrar a sua formação pessoal e intelectual. Se nos dois capítulos anteriores tentamos entender o autor Luís da Câmara Cascudo através de seus textos sobre o espaço urbano, neste buscamos trilhar um rumo diferente, analisando alguns pontos de sua trajetória obliterados pela maioria de seus estudiosos e biógrafos. Nossa intenção é tentar preencher algumas

lacunas que Cascudo deixou na prospecção que fez de seu passado e que a produção de sua memória continua a escamotear, as quais são fundamentais para traçar o perfil do folclorista enquanto intelectual.

Toda a carreira profissional e intelectual de Câmara Cascudo foi permeada por influências políticas. Embora suas biografias e autobiografias naturalizem seu amor pelo magistério ou sua profícua trajetória de estudioso e escritor, é preciso se esquivar destas verdades instituídas, e procurar compreender como sua opção pelo mundo das letras e pelos cargos públicos encontra-se intimamente ligada a sua condição de herdeiro de uma tradicional elite decadente.

Enfim, neste capítulo procuramos analisar algumas questões referentes a formação intelectual de Cascudo que tendem a ser esquecidas por alguns estudiosos de sua vida e obra, como por exemplo, suas relações com o poder político e sua participação no movimento integralista brasileiro, revelando algumas facetas menos conhecidas do folclorista-etnógrafo-historiador-antropólogo. Tentamos ainda enfocar suas concepções na área da história, uma vez que estas aparecem constantemente em seus escritos sobre a cidade.

CAPÍTULO I

CAPÍTULO I

COM O TECIDO DA SAUDADE SE EDIFICA UMA CIDADE: NATAL ANTIGA NAS CRÔNICAS DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Houve um tempo em que a cidade tinha pêlo na axila
 E em que os parques usavam cinto de castidade
 As gaivotas do Pharoux não contavam em absoluto
 Com a posterior invenção dos kamikazes
 De resto a metrópole era inexpugnável
 Com Joãozinho da Lapa e Ataliba de Lara
 (...)
 Houve um tempo em que o amor era melancolia
 E a tuberculose se chamava consumpção
 De geométrico na cidade só existia
 A parlamenta dos ioles, de manhã...
 Mas em compensação, que abundancia de tudo!
 Água, sonhos, marfim, nádegas, pão, veludo!
 (...)
 Houve tempo... E em verdade eu vos digo: havia tempo
 Tempo para a peteca e tempo para o soneto
 Tempo para trabalhar e para dar tempo ao tempo
 Tempo para envelhecer sem ficar obsoleto...
 Eis, por que, para que volte o tempo, e o sonho, e a rima,
 Eu fiz, de humor irônico, esta poesia acima.

(A CIDADE ANTIGA – Vinicius de Moraes)

Alegoria e História

Nossa proposta ao inadvertido leitor destas páginas é que iniciemos nosso percurso com uma alegoria. Na realidade esta não é uma metáfora original, a literatura do Ocidente utilizou-a largamente ao longo dos anos. Contudo, acreditamos que sua validade e alcance permanecem, em grande medida, inalterados, e por isso, se adequou aos nossos propósitos.

Suponhamos que um homem nasça em uma determinada cidade. Seus pais e os pais de seus pais sempre moraram ali. As origens da família perdem-se no tempo e confundem-se com a gênese do próprio espaço que habitam. O homem vive ali a aurora de sua vida. Em menino corre pelas ruas estreitas, empina papagaios no céu azul e ensolarado, caça pequenos animais nos campos de sua querida terra natal. Quando adolescente vai à igreja matriz aos domingos, rezar aos santos de sua devoção e espiar as belas pequenas que escondem seus corpos e lançam a ele olhares furtivos. Nas praças e ruas escuras, à noite, ele tem as primeiras conversas com os amigos, também jovens e inexperientes, acerca do futuro e das aspirações. Os primeiros namoros são iniciados em locais escondidos e afastados dos

olhares públicos e indiscretos. É também neste ambiente que, o então rapaz, vivencia suas primeiras experiências intelectuais, frequenta as escolas preparatórias, travando contato com livros e homens que o impressionariam pelo restante de sua vida. Depois vem os círculos mundanos, a boêmia, os divertimentos em lugares socialmente proibidos, mas extra-oficialmente tolerados. Seus primeiros bailes e festas. Enfim, seus anos dourados de infância e juventude, são vividos naquele ambiente familiar e tranqüilo, onde o tempo parece não passar. O cenário e a vida social parecem desfrutar de uma imutabilidade inalterável, tudo permanece aproximadamente igual ao que era há vinte, há trinta, quem sabe cinqüenta anos. O rapaz torna-se homem e um dia abandona sua pequena e provinciana cidade, não por desamor, mas pela necessidade imperiosa de construir um futuro profissional de sucesso, e parte em busca de novos ares. Estabelece-se em um novo ambiente urbano mais amplo e diferente de onde veio, estuda, constrói uma sólida carreira, prospera rapidamente e um dia volta e encontra a cidade já bastante mudada. O tempo passa, ele se casa, vem os primeiros filhos, a família estável. Ele assiste a muitas mudanças no mundo em que vive, entretanto as memórias de sua idílica terra natal permanecem inalteradas, constituem o porto seguro de seus pensamentos. Mesmo com tantas transformações ocorrendo ele nunca deixou de ver a antiga paisagem em sua mente. As lembranças mais felizes que tem são as de sua infância e adolescência. Seus sonhos, cotidianamente, o transportam aquele espaço amado, em que a tranqüilidade envolve a todos como um véu de fina gaze. Quando os filhos ficam mais velhos narra a eles belas histórias da cidade em que nasceu, narrativas engraçadas, tristes, porém sempre pintadas com a saudade e do encantamento de tempos passados. Deseja mostrar a eles os verdes prados de sua infância, as ruas estreitas e irregulares, repletas de casinhas coloridas e aconchegantemente modeladas, a praça central e a igreja matriz onde todos os dias os habitantes se encontravam e perdiam longas horas em deliciosas conversas cotidianas. Os relatos feitos aos filhos transbordam de saudade. Contudo, suas memórias são o único meio de reencontrar tal espaço. Aquele não é mais o local com o qual tão frequentemente sonhava. Não conseguia acreditar que em quarenta anos tudo mudara tão radicalmente. Em vão percorria a cidade em busca de paisagens familiares, pouca coisa havia agora que evocava o passado. Parecia que haviam destruído a cidade antiga e erguido uma nova em seu lugar. Do passado restavam apenas vestígios, escombros, ruínas. Os campos em que brincara quando criança agora eram populosos bairros periféricos, com inúmeras casinhas indistintas, sobrepondo-se umas as outras; a antiga sinuosidade das ruas do centro fora substituída pela amplitude de largas avenidas, a charmosa semi-obscuridade das noites fora dissipada pelo clarão das lâmpadas elétricas espalhadas aos montes pelas

ruas. O ritmo da cidade era outro agora, a antiga quietude que a caracterizara no passado já não existia mais, o barulho e a algazarra típicos da aglomeração humana inundavam e corrompiam o saudoso silêncio. Pelas ruas andava tentando encontrar uma fisionomia conhecida, um amigo de outros tempos, um contemporâneo da época de sua mocidade. Em vão, as muitas pessoas que circulavam pelas calçadas não pareciam conhecer-se umas as outras, não paravam para cumprimentarem-se como em outros tempos, pelo contrário, nem pareciam dar-se conta da presença do semelhante tão próximo. Finalmente, chegara aquele acanhado povoado o tão alardeado progresso. E mudara a face da antiga paisagem. Dos antigos amigos a maioria tinha desaparecido junto com a cidade, muitos a tinham abandonado há tempos, outros haviam morrido com o passado que tanto buscava reencontrar. Enfim, o espaço idílico de sua infância e adolescência não mais existia e aquela cidade mais parecia com as metrópoles que conhecera em algumas viagens. Contra todas as suas expectativas o tempo também passara ali, e a antiga crença de que tudo permanecia e permaneceria inalterado naquele lugar, mostrou-se falsa. Nada resistia a chegada do progresso, talvez apenas os sonhos. Entendeu, com lágrimas nos olhos, que aquele espaço no qual havia sido tão feliz desaparecera para sempre, passando a existir apenas em seus pensamentos.

Pois bem, esta é a alegoria do indivíduo que assiste a completa transformação do seu mundo. O homem saudoso, que um dia percebe que o porto seguro de sua existência não existe mais, tendo sucumbido a irreversível e cruel passagem do tempo. Como já foi mencionado, ela não é inédita, na literatura e na memorialística são inúmeros os relatos acerca da saudade de um espaço idílico, que no presente só encontra materialidade nas lembranças. Mas qual a utilidade dela neste texto acerca da capital potiguar nas crônicas de Luís da Câmara Cascudo?

Nossa intenção é ilustrar um fenômeno bastante comum nas primeiras décadas do século XX no Brasil, a perplexidade dos indivíduos diante das grandes transformações ocorridas neste período. Noções fundamentais como tempo e espaço foram significativamente alteradas com o advento da chamada modernidade. Antigas identidades ancoradas na tradição e no conservadorismo, de repente, perderam seus referenciais, levando algumas pessoas a experiências traumáticas sem precedentes. Dentre todas as inovações trazidas pelo ideal burguês moderno, uma das mais importantes foi, sem dúvida, a modernização das capitais

brasileiras⁵. De repente, em um curto espaço de tempo, cidades atreladas às antigas aristocracias, assistiram a mudanças vertiginosas em suas trajetórias, as quais lançaram seus habitantes no “olho do furacão”. A realidade mais palpável que os indivíduos conheciam, a material, desaparecia da frente de seus olhos espantados e as reformas modernizantes, empreendidas por elites republicanas ansiosas por se alçar ao poder, iam riscando e apagando, progressivamente, o antigo espaço que vivenciavam e as relativas formas de sociabilidade ligadas a ele. Com certeza muitas pessoas passaram por uma situação semelhante a do protagonista de nossa alegoria, sentindo na pele a sensação desagradável e extrema de perder os referenciais de tempo e espaço. E Cascudo constitui um deles. Mesmo sem nunca deixar por muito tempo sua província, e tendo vivido cotidiana e paulatinamente as transformações urbanas em Natal, ele demonstrou um forte sentimento de angústia, através de seus escritos, ao ver o mundo de sua infância e adolescência ser minado pela nova ordem.

A Aurora dos Novos Tempos

A instauração do regime republicano e o conseqüente advento de “Novos Tempos” representam o contexto ideal para o fortalecimento de uma idéia de “Modernidade” urbana no Brasil. É nesta época que as ressonâncias dos processos de industrialização na Europa e nos Estados Unidos se fazem sentir por aqui⁶.

Com o fim do período imperial e o início da República criam-se as condições favoráveis para a implantação de um projeto político que viria a alterar a fisionomia dos principais centros urbanos brasileiros, imprimindo-lhes uma nova imagem representativa da visão cultural das novas elites dirigentes, os republicanos, visão esta marcada por uma abordagem positivista que implicava no reordenamento das estruturas urbanas e na adoção de uma estética que demonstrasse o “novo projeto”.

O progresso científico na área da saúde contribuiu, na segunda metade do século XX, para a adoção dos princípios de sanitarismo nas práticas urbanas, num momento onde o enfrentamento das epidemias exigia que as áreas centrais fossem remodeladas, de forma a implantar serviços de infra-estrutura de água e esgotos, a sanear áreas pantanosas e inundáveis, a prover espaços públicos abertos para facilitar a aeração e a insolação, a eliminar

⁵ A respeito da emergência e das conseqüentes alterações culturais que o ideal moderno provocou nas capitais brasileiras, é muito elucidativo o estudo de Nicolau Sevcenko sobre São Paulo nas primeiras décadas do século. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

⁶ Ver SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso*. In: História da Vida Privada no Brasil 3. República: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. p. 07-08.

focos de concentração de moradias insalubres e a estabelecer normas para as construções⁷.

Nas áreas litorâneas esta política era acompanhada de projetos de ampliação e modernização das instalações portuárias, para adequá-las à economia agro-exportadora e para inserir as cidades nos fluxos globais ligados ao comércio.

Esta modernização foi acompanhada de uma evolução nos meios de transporte, com o advento do bonde elétrico e do automóvel, que exigiu profundas alterações nas antigas malhas urbanizadas herdadas do período colonial, através de projetos de ampliação e retificação viária. Novas técnicas construtivas contribuíram para a mudança do padrão de ocupação, como as estruturas metálicas, o elevador e o concreto armado, trazendo a substituição das antigas construções por edificações de vários pavimentos e seguindo os cânones da estética do ecletismo.

A gestão da cidade também passava por aperfeiçoamentos, uma vez que a consolidação do poder político na esfera municipal criara novos cargos administrativos que foram ocupados por profissionais com formação técnica de nível superior voltada ao enfrentamento destas mudanças – os engenheiros e arquitetos – a grande maioria formada nas escolas politécnicas, onde também lecionavam. Este fato criou as condições para o fluxo das idéias entre o que se passava no contexto urbanístico europeu e as práticas aqui realizadas, dando origem a uma abordagem mais cientificista da questão urbana, fato que marcaria o advento dos pioneiros do urbanismo no Brasil.

Todo este amplo processo modernizante, ansiado e impulsionado pelas novas elites emergentes, propiciado pela acumulação de recursos provenientes da exportação de produtos primários como o café e a borracha, e ancorado no falso ideal republicano de mudança da ordem, não constituiu uma unanimidade entre a população urbana brasileira. Até mesmo uma parte da camada dirigente, que a princípio defendeu vivamente as modificações e, sobretudo, uma significativa parcela da intelectualidade nacional assistiu estarrecida, e até mesmo amedrontada, as transformações pelas quais estavam passando as cidades brasileiras.

Neste ponto podemos traçar um claro paralelo com a alegoria do início do texto. Assim como o personagem da “estória”, que percorre a cidade de sua infância e adolescência e encontra apenas escombros do passado, a população urbana das principais capitais brasileiras, nas primeiras décadas do século XX, assistiu a uma radical mudança que, praticamente, apagou do mapa o espaço que haviam conhecido em um passado nem tão

⁷ Especificamente sobre a importância que a questão sanitária desempenhou no processo modernizante da cidade do Natal ver: DANTAS, George Alexandre Ferreira. *Crise Urbana em Natal na Virada para os Anos 20: impasses da modernização e saberes técnicos*. Revista Risco. Num. 3. 2006.

distante. É certo que esse processo não ocorreu de forma brusca, do dia para a noite, mas desenvolveu-se de forma progressiva e irreversível em um curto período de algumas décadas. E, se por um lado, muitas pessoas subjetivaram o ideal da modernidade e regozijaram-se com a emergência dos signos modernos no país, por outro, algumas outras acompanharam as modificações com um olhar enviesado de desconfiança. As transformações urbanas constituíram um episódio importante para quem as viveu, seja para quem as viu com “bons olhos” ou pra quem perdeu o sono com elas.

Para algumas pessoas, notadamente ligadas às antigas aristocracias em declínio, o rompimento com o passado afigurou-se, em especial, traumático. Lembremos que uma considerável parcela da intelectualidade, sobretudo no norte⁸ do país, tinha suas raízes fixadas nas antigas elites latifundiárias do açúcar. A destruição do passado colonial das cidades, portanto, significava o desaparecimento de um mundo que lhes era familiar, uma época em que o espaço urbano refletia a opulência de suas famílias, exemplificada nos grandes sobrados. Para tais intelectuais, o advento da modernidade urbana significava ainda a ascensão da nova ordem burguesa e industrial, contrária aos seus interesses. O que fazer então para salvar do desaparecimento as cidades antigas, aquelas que, paulatinamente, sucumbiam sob as novas construções planejadas e empreendidas em nome do tão aclamado progresso da civilização? Era preciso preservar esses idílicos espaços em que as hierarquias ainda não haviam sido dissolvidas. A solução encontrada por estes intelectuais foi reinventar esses locais através da escrita. Seja na poesia, no romance, na crônica ou no ensaio acadêmico, muitos assumiram a incumbência de não deixar sumir as antigas cidades de seu passado, e passaram a registrar e narrar a história destes locais utilizando-se de suas memórias.

Dentre estes intelectuais que se dedicaram a salvar do esquecimento as memórias de suas cidades natais encontra-se o eminente folclorista Luís da Câmara Cascudo, imortalizado na cultura brasileira pela impressionante erudição, pela amplitude dos horizontes de seus interesses intelectuais e pela metódica pesquisa das manifestações populares. Desde as mais tenras incursões pelo mundo das letras Cascudo já demonstrava o interesse em assumir o papel de “Alvissareiro”⁹ da cidade do Natal. Em suas primeiras crônicas publicadas nos jornais *A Imprensa* e *A República*, mas, principalmente, nos seus escritos das décadas de 40 e 50, manifesta um grande desejo de cristalizar o passado de uma Natal que se distinguiu com

⁸ Até os primeiros anos do século XX o Brasil era dividido em duas regiões: Norte e Sul. O Nordeste, enquanto noção estratégica do espaço emerge na paisagem imaginária do país no fim da primeira década do século XX, sendo fundado sob os signos da saudade e da tradição. Acerca deste tema ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *O Engenho Anti-Moderno: A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo, Cortez, 1999.

⁹ Discuto essa denominação mais à frente no tópico *Alvissareiro*.

nitidez da Natal em que ele vivia.

Um Provinciano Incurável

Ao observar a biografia histórica de muitos intelectuais¹⁰ brasileiros não é raro constataremos a total identificação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, Luís da Câmara Cascudo é um bom exemplo deste fato, pois é praticamente impossível narrar sua trajetória histórica sem remeter a gênese e cristalização do objeto de estudo que viria a ser conhecido como “Cultura Popular Nordestina”¹¹, seu tema privilegiado desde as primeiras pesquisas. No entanto, do mesmo modo, afigura-se também inconcebível dissociar a história de vida deste autor, da história da cidade do Natal, terra que nunca abandonou apesar dos muitos convites. De fato, as duas trajetórias históricas confundem-se no tempo e narrar uma sem remeter a outra constitui uma ingrata tarefa. Acompanhar o passar dos anos da vida de Cascudo significa também observar um momento crucial na história urbana natalense, uma época em que o antigo e o novo conviviam lado a lado trazendo tensões a uma sociedade em processo de mudança, período em que a cidade muda de face e faz sucumbir antigos traços materiais e culturais que remetiam a um passado próximo. Do mesmo modo, narrar a história da capital potiguar, durante mais ou menos um século, implica, necessariamente, em remeter a vida de seu filho mais ilustre, um homem que fez de sua cidade um dos símbolos de sua trajetória intelectual.

No entender de Arrais, Câmara Cascudo **“deve um tanto de sua formação ao pequeno meio natalense a que estavam presas suas raízes familiares e no qual ele fixou seus projetos de escritor.”**¹² É inegável a importância da terra natal na produção da subjetividade deste autor e na construção do intelectual que “quer saber todas as coisas do campo e da cidade.” Ao contrário de, por exemplo, Gilberto Freyre, que passou um significativo período de sua vida e formação afastado do Recife de que tanto falava, Luís da Câmara Cascudo nunca abandonou

¹⁰ O substantivo intelectual, que será bastante usado ao longo desta dissertação, refere-se aqueles que abraçaram o mundo das letras e do conhecimento como carreira, ou, de acordo com o dicionário, *as pessoas com gosto predominante ou inclinação pelas coisas do espírito, da inteligência*. É neste sentido que nos referimos a Luís da Câmara Cascudo como intelectual, embora enquanto sujeito do conhecimento ele se encaixe melhor no perfil do erudito. Acerca da distinção entre intelectuais e eruditos no Ocidente Contemporâneo ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *De Amadores a Desapaixonados: Eruditos e Intelectuais como Distintas Figuras do Conhecimento no Ocidente Contemporâneo*. Barcelona, Mimeo, 2002.

¹¹ Sobre este tema ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Luís da Câmara Cascudo em As Batalhas Contra o Tempo: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898 – 1986)*. Projeto de pesquisa. CNPq, 2004. Digitado

¹² ARRAIS, Raimundo. *Crônicas de Origem. A cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal, EDUFRRN – Editora da UFRN, 2005. p. 09.

Natal a não ser por curtos períodos. Requisitava para si o título, dado a ele por Afrânio Peixoto, de “provinciano incurável”, homem que por amor ao meio no qual nascera nunca o deixou, mesmo recebendo propostas de muitas universidades pelo Brasil afora para se fixar em outras cidades.

Mas não nos deixemos enganar, essa identidade de “provinciano incurável” não é construída ao acaso e baseada apenas em um sentimento de pertencimento a um lugar ou amor nacionalista ao espaço em que nasceu, ela é sim um dos elementos em que se alicerça a construção do indivíduo enquanto autor. Pode-se dizer que serve de sustentação a imagem do “erudito popular”, aquele que alcançou um nível impressionante de saber sem nunca abandonar a sua cidade e o seu povo. Talvez possamos enxergar nesta identidade intelectual localista um contraponto a imagem construída por Freyre, que seria a do intelectual cosmopolita, aquele que adquiriu erudição longe de sua pátria, mas retornou a ela para aplicar seu conhecimento.

O Alvissareiro

O texto introdutório de *História da Cidade do Natal* oferece uma chave explicativa que nos permite compreender melhor a visão esboçada pelo autor acerca da cidade antiga, que aflora das crônicas publicadas nos jornais *A República* e *Diário de Natal*:

“Lembro o Alvissareiro da Torre da Matriz. Antes de 1862 estava o mastro fincado no pátio do Quartel Militar. Feita a Torre da Matriz, chantaram o pau dos sinais no topo e perto o Alvissareiro, João Irineu de Vasconcelos, ganhando 240\$000 por ano. Ficava ele olhando a cidade, morros, praias, rio e mar. Todo o horizonte era uma moldura circular para sua curiosidade. Devia erguer uma bandeira sempre que avistasse navio. Do lado do norte do mastro se fosse barco vindo dessa zona. Do sul, se de lá despontasse.”

“Os anos passaram. Ainda alcancei e é de pouco tempo o desaparecimento do Telégrafo Ótico, com suas bandeiras do código internacional de sinais, subindo e descendo, no eirado da torre quadrada.”

“Todas as alegrias de embarcar ou chegar, tristezas de partida, vindas de carga para enriquecer os ricos, noivos, soldados, companhias de teatro, todos os temas, assuntos e teses para a Cidade eram vistos em primeiro lugar pelos olhos humildes do Alvissareiro.”

“Raros lhe sabiam nome e estado de espírito. Se sofria, amava, adoecia ou morria, a cidade jamais lhe perguntou. Essencial é que as bandeiras subissem nos lados do mastro, espalhando as notícias tranquilizadoras ou amargas mas indispensáveis. Milagres de alegria e de lágrima as bandeiras azul e encarnadas semearam no ar. O alvissareiro era o mágico indiferente às fantasmagorias que inundavam a cidade.”

“Do cimo da Torre da História o Alvissareiro anuncia a passagem, na linha do horizonte, dos velhos e passados navios que estão no fundo do mar. Sonhos, amores, lutas, ambições, delírios, mortes, tudo quanto segue na alma

do Homem, sempre com ele viveu, como a sombra ao corpo, muda e teimosa testemunha de sua passagem, reaparece e vive a vida emprestada pela recordação. Gente do norte e do sul. As bandeiras sobem, contando, de dia e de noite, como os navios passaram, chegaram e partiram para sempre.”

“Ninguém pergunte se faltou um navio ou se um fantasma faltou à chamada nesta Procissão de Mortos. Apenas, solidário com a grande alma coletiva da cidade, o alvissareiro olha o mar e conta a história dele aos que não o podem ver, no tempo...”¹³

Não podemos deixar de perceber a clara analogia traçada entre o humilde Alvissareiro, João Irineu de Vasconcelos, e o historiador da cidade do Natal, no caso o próprio Cascudo. O Alvissareiro constituía um trabalhador anônimo, do qual não importavam sentimentos, sofrendo, amando, ou mesmo enfermo, essencial era que executasse seu trabalho e hasteasse as bandeiras no mastro, as quais traziam notícias boas ou más, conquanto indispensáveis. Também Cascudo, em correspondência enviada a Mário de Andrade, com quem manteve uma estreita relação intelectual e fraterna, datada de 30/12/1925, queixava-se de um forte sentimento de solidão que acompanhava o árduo trabalho de pesquisa e magistério que realizava:

“Estou ansiado, triste e só. Há poucos meses é que o meu Estado iniciou um movimento de atenção em derredor de mim. É terrível. Estou ficando velho. Velho sem ter aqueles olhares de inimigo. O inimigo era o meu ritmo. Britava por ele as minhas asperezas angulares. Este olhar de atenção curiosa que se cerca está me...mastigando. Estou moralmente de sobrecasaca. E de lenço vermelho. E jogando gamão debaixo da árvore. E me interessando pela política. Me mizerum...”¹⁴

A história da cidade precisava ser contada não importando as condições em que se encontrava seu autor. Neste sentido, historiador e alvissareiro se identificam, uma vez que ambos realizam um importante trabalho sub-reptício justificado pelo seu fim. Cascudo parece expressar nessas linhas que o trabalho intelectual que realiza é caracterizado por uma profunda solidão, o merecido reconhecimento estava chegando tarde demais. O Estado, ao qual se dedicava como professor e pesquisador, apenas há pouco é que parecia ter-se apercebido dele. Se o alvissareiro, que realizava um trabalho fundamental na Natal antiga, nunca havia sido reconhecido por isso (poucos lhe sabiam o nome), vivendo e morrendo solitário e anônimo, Cascudo, o intelectual que se propõe a narrar a história da cidade, uma realidade que, lentamente, está sendo tragada pela maré enchente do progresso, por sua vez também se queixa da solidão e da indiferença.

Tal é a identificação entre alvissareiro e historiador da cidade, para Cascudo, que por

¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. p. 16-17.

¹⁴ Carta a Mário de Andrade (30/12/1925)

fim o autor os funde em uma só figura. O Alvissareiro-Historiador localiza-se no alto da Torre da História e de lá sinaliza a passagem dos velhos navios afundados no fundo do oceano. Todos os aspectos e sentimentos presentes na alma do homem habitam nele e dele são indissociáveis, assim como a sombra do corpo, dessa forma ele vive uma vida emprestada pela recordação. O Alvissareiro-Historiador segue erguendo as bandeiras e informando como os navios passaram, chegaram e partiram para sempre. Ele contempla o mar (a cidade) e narra à história dele aos que de sua visão estão privados, no tempo.

Um passagem poética e bela, em que Câmara Cascudo deixa escapar a compreensão que tem da história da cidade. Ele é, portanto, o Alvissareiro da História, localizado no cimo da torre. Só que ao invés de mensagens telegráficas importantes ele tem que informar aos habitantes da cidade sobre um passado que está desaparecendo, mas que nem por isso deixa de ser fundante. No lugar das bandeiras coloridas ele tem a escrita como instrumento de intervenção, que possibilita transmitir aos outros a mensagem que enxerga no horizonte da história, personificado poeticamente pelo mar. E esta mensagem talvez queira dizer que o passado querido da cidade está em franco processo de desaparecimento, e é importante que as pessoas não o esqueçam. O Alvissareiro-Historiador traz em si tudo quanto habita na alma do Homem, sejam sonhos, amores, lutas, ambições, delírios, ou mortes. É possível que sua vida só encontre sentido através da recordação, seu destino é rememorar o que os outros viveram e traçar geografias de espaços desaparecidos para sempre.

Ele é aquele que contempla o passado da cidade de cima, pois seu ponto de observação é o topo da Torre da História. Sua visão do horizonte é, portanto, panorâmica. O Alvissareiro-Historiador consegue vislumbrar grande parte do que ocorreu na cidade, porém de um ponto de vista que torna seu olhar homogeneizante. A narrativa que faz deste passado tende a enfatizar as continuidades e suavizar as rupturas. De cima da Torre da História é o primeiro a enxergar, com seus olhos humildes, **“todas as alegrias de embarcar ou chegar, tristezas de partida, vindas de carga para enriquecer os ricos, noivos, soldados, companhias de teatro, todos os temas, assuntos e teses para a Cidade”**, constituindo-se assim em uma espécie de mensageiro. A ele compete transmitir o passado urbano aqueles que não o viram, e que não dispõe de um lugar tão privilegiado quanto o dele para contemplá-lo.

“Do cimo da Torre da História o Alvissareiro anuncia a passagem, na linha do horizonte, dos velhos e passados navios que estão no fundo do mar. (...) As bandeiras sobem, contando, de dia e de noite, como os navios passaram, chegaram e partiram para sempre. (...) Apenas, solidário com a grande alma coletiva da cidade, o alvissareiro olha o mar e conta à historia dele aos que não o podem ver, no tempo...” Por meio deste trecho podemos dizer que emerge o

Cascudo Alvissareiro da cidade do Natal, mais uma das muitas facetas adotadas em sua trajetória intelectual. Da mesma forma que o Cascudo etnógrafo dedicou sua vida a dar voz aos representantes da cultura do povo que dela estavam privados, o Alvissareiro assumiria o papel de porta voz de uma realidade em vias de extinção, a antiga cidade do Natal, junto com seus habitantes e formas de sociabilidade. É nesse sentido que a história urbana natalense é metaforicamente chamada por Cascudo de “procissão dos mortos”. Mortos estão a grande maioria dos personagens que aparecem em suas crônicas sobre a cidade antiga, mortas estão também boa parte das formas de sociabilidade e dos hábitos descritos, e morta está ainda a própria cidade antiga, que vive apenas através das recordações dos intelectuais que a instituem como realidade por meio de seus discursos, e nos escombros sepultados sob as novas e modernas edificações. Portanto, o papel do Cascudo Alvissareiro seria salvar das sombras esse passado mudo e esquecido e contar sua história aos que não puderam vê-lo, instituindo um espaço materializado apenas em suas memórias.

A crônica, neste contexto, aparece como instrumento que possibilita a cristalização da cidade antiga. É, em grande medida, a escrita que institui esse espaço simbólico. Só por meio dela é possível construir uma realidade que há muito deixara de existir. A partir das crônicas de Luís da Câmara Cascudo sobre a Natal antiga podemos refletir acerca das relações entre o tempo narrado e o tempo vivido pelo cronista: o do cotidiano. Ou seja, tomando como base esses escritos diários podemos pensar o que, no presente, o impele a esse mergulho no passado. De acordo com Benjamin, **“o cronista é o narrador da história”**¹⁵. Levando em consideração que tais crônicas, que relatam o cotidiano de um espaço idílico e perdido, aparecem fundamentalmente nas décadas de 40 e 50 do século XX, período em que as transformações modernas mudam de forma definitiva a face da cidade, somos levados a pensar que é a angústia em relação ao tempo presente e sua realidade dinâmica que impelem o autor ao passado.

Seguindo a definição de Pierre Nora é possível considerar as crônicas cascudianas sobre a Natal antiga como “lugares de memória”¹⁶, pois estas se constituem em espaços materiais, simbólicos e funcionais em que a memória é constantemente elaborada, reelaborada e interpretada. Suas crônicas são formas de escrita que elaboram a passagem do tempo e a memória do grupo em que está inserido, que é o dos intelectuais que vêm de antigas

¹⁵ BENJAMIN, Walter. *O Narrador. Considerações Sobre a Obra de Nicolai Leskov*. In: Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.

¹⁶ O conceito de memória não constitui um dos eixos deste trabalho, por isso nos abstermos de uma discussão detalhada acerca do tema. Sobre os “lugares de memória” ver: NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História. São Paulo, v.10, p.7-28, 1993.

aristocracias falidas.

Cascudo estreou no jornalismo em *A Imprensa*, jornal que pertencia a seu pai, Coronel Francisco Cascudo. Sua primeira coluna chamava-se *Bric-à-Brac*, termo francês que quer dizer amontoado de coisas velhas a venda ou baú de onde se tiram coisas novas e velhas. Em 1927 *A Imprensa* fechou, após 13 anos funcionando com recursos próprios do Coronel Cascudo. Passou a escrever então no jornal *A República*, que na época já era o maior periódico do Rio Grande do Norte. Em *A República* criou três colunas: *Biblion*, *Biblioteca* e *Acta Diurna*, esta última posteriormente, passou a ser publicada no Diário de Natal. As duas primeiras traziam comentários de livros que recebia de escritores locais e de outros estados. A *Acta Diurna* foi iniciada em maio de 1939 e mantida até 1960.

É por meio destas crônicas que o Cascudo Alvissareiro anuncia a volta da Natal antiga ao mundo dos vivos. Melhor dizendo, elas não apenas anunciam, mas também participam diretamente da ressurreição deste morto, que emerge literalmente de baixo da terra para habitar nas palavras dos intelectuais natalenses do início do século XX, em especial Luís da Câmara Cascudo. Talvez nem mesmo um velho necromante da aurora dos tempos tenha realizado um tão bom trabalho de contato com os mortos. Por meio destas crônicas ele nos faz enxergar claramente a provinciana cidade do início do século.

De maneira geral, é nas Actas Diurnas publicadas a partir de 1939 que o tema da Natal do passado aparece com mais força. E isso não acontece por acaso, é justamente entre 39 e 45, impulsionada pela presença americana durante a segunda Grande Guerra, que a cidade atinge o ápice de sua modernização urbana. Portanto, **“no plano dos signos, de modo oposto a sua evolução histórica, é dentro da cidade que se moderniza que nasce a cidade antiga, com a fisionomia e o nome que lhe dão os intelectuais dos anos 20”**¹⁷. As crônicas nascem da aguçada percepção do autor da passagem irreversível do tempo, apagando traços, destruindo sociabilidades, sepultando figuras. Diante do pessimismo e da perplexidade demonstrados por ele em relação aos signos modernos, não espanta que tenha se voltado para o passado em busca de uma imagem idílica e bondosa de outros tempos.

O Cronista e a Cidade

Quando Luís da Câmara Cascudo nasceu, em 30 de dezembro de 1898, Natal ainda era uma pequena vila que mantinha grande parte dos seus traços coloniais. Dividia-se em duas

¹⁷ ARRAIS, Raimundo. *Crônicas de Origem. A cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal, EDUFN, 2005. p. 18.

áreas principais: a Cidade Baixa, próxima ao cais do porto, na qual se localizava o comércio; e a Cidade Alta, no cume dos morros circunvizinhos do porto, onde ficavam igrejas e prédios do governo. Por esta época Natal contava como pouco mais de dezesseis mil habitantes, ao passo que na segunda década do século XX, período de que datam suas primeiras crônicas acerca da cidade, esse número praticamente triplicara.

Filho único do Coronel Francisco Cascudo e de dona Ana da Câmara Cascudo, duas das mais tradicionais famílias do estado, Luís herdaria do avô paterno (adepto intransigente da monarquia e do partido conservador, a ponto deste ser apelidado pejorativamente de “partido cascudo”), o sobrenome. Acerca da figura de seu pai os relatos biográficos apresentam lacunas consideráveis, o que se sabe ao certo é que foi oficial do batalhão de segurança de julho de 1892 a março de 1900, daí a patente militar que o acompanhou até a morte; pela época do nascimento do filho era um abastado e próspero comerciante estabelecido na província, o que proporcionou ao jovem Cascudo uma infância e adolescência despreocupadas e opulentas.

O período de sua meninice Cascudo passou na casa em que nascera, na Rua José Bonifácio, mais conhecida como Rua das Virgens, na ribeira, auto intitulando-se por isto “canguleiro”¹⁸, e em um casarão na Rua do Comércio, atual Rua Chile, para o qual a família se mudou em 1905. Era um sobradão com sótão, onde ele, então com sete anos de idade, encontrou seu primeiro pouso e miradouro. Sobre este período sabe-se que não gozou do cotidiano normal de uma criança sadia. Era um menino pálido, doente, com pulmões suspeitos. Raramente podia brincar no espaço da rua, passando o tempo sentado, dedicando-se as figuras e aos jogos. Amigos de sua idade não os tinha, por isso aprendeu desde cedo a conviver com os adultos. Por não poder desfrutar da liberdade de que usufruíam os outros meninos comuns, Cascudo dedicou-se aos livros, seus mais fiéis companheiros desde pouca idade. Suas saídas à rua eram sempre acompanhando o pai, contudo, é provável que a inquieta criança devorasse com avidez a visão da paisagem urbana que conhecia apenas através das janelas de sua casa. Por outro lado, seu gosto pelas histórias contadas por qualquer narrador com algum talento substituiu as andanças pelo espaço na produção de uma memória da cidade antiga, que posteriormente desdobrar-se-ia em grande parte das suas crônicas jornalísticas.

De fato, ao analisarmos seus escritos podemos perceber como a construção que faz da Natal antiga, em grande medida, se baseia em suas memórias infantis. Estas constituíram uma

¹⁸ A cidade Alta e a Cidade Baixa compunham um espaço segmentado e desarticulado no passado, uma vez que uma íngreme e escorregadia ladeira os separava. Esta segmentação se refletia em uma espécie de localismo que levava os habitantes desses bairros a hostilidades mútuas. Os moradores da Cidade Alta denominavam ironicamente seus vizinhos da Cidade Baixa de *canguleiros*, e estes, por sua vez, chamavam os outros de *xarias*.

rica fonte para produzir a imagem de uma cidade harmônica, que vivenciara no início do século, e que, paulatinamente, ia deixando de existir no período em que se dedica a contar sua história. Seja através de suas próprias experiências, passadas nos primeiros anos de sua vida, ou das histórias que ouviu quando menino, o fio da memória foi o material utilizado por Cascudo para tecer a imagem de uma Natal que ficara perdida no tempo. A cidade antiga constituiria uma recordação inesquecível e imutável ao longo da vida do autor, que de certa forma reflete o período de sua infância.

“A sua paisagem garante a imutabilidade do afeto. De um lado o rio perene; do outro, a cinta dos morros verdes que até 1915 eram completamente desertos.”

“Na minha meninice, Natal era uma cidade de 30 mil habitantes, iluminada por 90 candeeiros de querosene, sem transportes, dividida em dois grandes bairros: A Cidade Alta e a Cidade Baixa, ou seja, a Cidade Alta e a Ribeira. Os habitantes da Cidade Baixa eram canguleiros. Eu sou canguleiro.”¹⁹

As lembranças dos tempos de criança se entrelaçam as memórias da Natal do passado. A ternura que Cascudo sente em relação à cidade antiga garante que sua paisagem permaneça sem mudanças, contudo apenas no plano das recordações. E através dos textos em que evoca a Natal antiga, ele garante a longevidade desta, assim como da sua própria infância. Neste sentido, narrar à história da cidade no começo do século XX significa também atravessar a torrente dos anos e regressar ao nostálgico período de sua meninice. Na mente de um adulto, que vê o tempo escorrer rapidamente entre seus dedos, a infância conserva sempre certa áurea de “idade do ouro”, e com Cascudo não foi diferente. É possível até mesmo que, para ele que sempre se mostrou tão indisposto com o fluxo temporal e suas conseqüentes mudanças, essa aguda saudade dos tempos de criança tenha sido mais intensa. Dessa forma, a relação entre as memórias da Natal antiga e suas próprias reminiscências infantis se apresenta como um via de mão dupla, evocar qualquer delas implica necessariamente em remeter a outra.

Infância em Berlim por volta de 1900, de Walter Benjamin, constitui uma obra de bastante relevância para a compreensão de como as memórias da criança, posteriormente, podem se tornar a matéria prima para a produção do passado de um espaço. Neste texto, concluído em 1932, Benjamin fala de uma cidade desaparecida, ou melhor, fala de uma cidade que ainda existia e se mantinha viva em sua memória. Em 1900 a grande Berlim era apenas um projeto em formação na cabeça de arquitetos e urbanistas, ao passo que, no momento em que *Infância em Berlim* é produzido, a cidade mudara radicalmente sua face.

¹⁹ LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo Um Brasileiro Feliz*. Rio de Janeiro, Lidador, 1998. p. 63.

Neste ponto, guardadas as devidas proporções, podemos enxergar certa analogia entre as experiências vividas por ambos. Tanto Benjamin, em sua trilogia berlinense, quanto Cascudo, nas crônicas e demais escritos em que fala da Natal antiga, narram o passado de lugares que sucumbiram a passagem do tempo. Entretanto, há de se levar em conta que Berlim ocupa um papel apenas secundário no texto benjaminiano, uma vez que o autor dirige seu foco com mais intensidade, para as lembranças infantis, enquanto Cascudo aborda a Natal do início do século XX de maneira mais direta.

Em infância em Berlim por volta de 1900, Benjamin abandona o modelo de uma narração autobiográfica linear, centrada nos fatos e conduzida por uma cronologia histórica convencional, para conduzir o leitor e fazê-lo se perder em uma cidade invisível.

“Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perde-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios”²⁰

Para Benjamin, circular por uma cidade constitui uma arte. Tal como saber orientar-se em uma floresta, andar pelo espaço urbano requer técnica. É necessário ter instinto, conseguir interpretar os vestígios que o ambiente oferece. O nome das ruas deve soar ao caminhante como um vago indício de qual caminho seguir, enquanto a reverberação do sol nas vielas do centro indica as horas do dia. Contudo, para o transeunte da cidade saber orientar-se no espaço urbano é secundário, importante é que ele domine a arte de perder-se na cidade. Segundo Benjamin, assim como é preciso se perder em um texto para se encontrar com o autor, é necessário saber perder-se na cidade para, de fato, vivenciá-la. De acordo com estas considerações, podemos imaginar que, para fazer surgir textualmente um espaço urbano desaparecido o autor deve dominar a arte de saber perder-se em suas memórias, circular pelos labirínticos caminhos de sua mente, abandonado ao sabor da recordação, perdido em lembranças. Em grande medida, podemos identificar esse processo de rememoração nas crônicas cascudianas sobre a Natal antiga, o autor se perde em lembranças de um passado idílico, tempos áureos de infância e juventude, para fazer emergir a cidade do início do século.

Deixemos o “mestre” falar, através de suas memórias, sobre a Natal de sua infância:

²⁰ BENJAMIN, Walter. *Infância em Berlim por volta de 1900*. In: Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. São Paulo, Brasiliense, 1995. p. 73.

“Nasci na Rua das Virgens e o padre João Maria batizou-me no Bom Jesus das Dores, Campina da Ribeira, capela sem torre mas o sino tocava as Trindades ao anoitecer. Criei-me olhando o Potengi, o Monte, os mangues da Aldeia Velha onde vivera, menino como eu, Felipe Camarão. Havia corujas de papel no céu da tarde e passarinhos nas árvores adultas, plantadas por Herculano Ramos.”²¹

Neste pequeno trecho já conseguimos identificar duas das características principais que irão marcar as crônicas cascudianas sobre a Natal antiga: o tom predominantemente nostálgico e saudosista e a associação de outros personagens (algumas vezes notórias como neste caso) aos espaços afetivos com os quais se identifica. Vejamos esta outra passagem em que essas características aparecem de maneira mais clara:

“(…) Natal de noventa e seis lampiões de querosene. Santos Reis da Limpa em Janeiro. Santa Cruz da Bica em maio. Senhora d’Apresentação em novembro. Farinha de castanhas e carrocel. Xarias e Canguleiros. Natal que se apavorou com o holofote, enchendo as igrejas de bramidos e arrependimentos. Auta de Sousa embalou-me o sono. Pedro velho pôs-me na perna. Vi segundo Vanderley declamar. Ferreira Itajubá cantando. Alberto Maranhão passeando a cavalo, manhã de domingo. Tinha treze anos quando veio a luz elétrica. Festas no Tirol. Violão de Heronides França. Livros. Cursos. Viagens. Sertão de pedra e Europa. Nunca pensei em deixar minha terra.”²²

Por meio destas memórias do menino, recuperadas e escritas pelo adulto cascudo, vemos delinear-se um vago perfil da cidade antiga. Espaço idílico e tranquilo, lugar da saudade e do “encantamento do passado”, esvaziado as tensões pela escrita do autor. Todos os lugares mencionados, desde a antiga e desaparecida Rua das Virgens, passando pelo rio Potengi e pelos mangues de aldeia Velha, até as ruas escuras e as igrejas que simbolizam a religiosidade, são unidos sutilmente à vida sentimental e ao passado de Câmara Cascudo. Ele não descreve espaços pelos quais apenas passou a vista, mas pelo contrário, reconstrói cada um deles a partir dos laços afetivos que os unem as suas lembranças. Sua escrita, portanto, como fica manifesto nas crônicas que tratam da cidade desaparecida, busca restabelecer uma ponte com estes locais queridos, que o irreversível tempo sepultou debaixo das edificações que simbolizam o progresso. Uma ponte que ligue o presente ao passado, possibilitando tanto ao próprio Cascudo como a seus leitores, libertar-se das limitações impostas pelo impiedoso deus Chronos.

É praticamente impossível não perceber o tom saudosista dos dois trechos acima.

²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo: Auto Retrato de um Brasileiro Incomum*. In: Câmara Cascudo. 20 anos de encantamento. Organização Daliana Cascudo. Natal, EDUFRN, 2007. p. 188.

²² Idem.

Pode-se dizer que remetem a uma espécie de bucolismo semi-rural. Caracterizam uma cidade pequena e provinciana onde todos os dias ao anoitecer os sinos dobram e lembram ao pacato habitante que as sombras estão prestes a dominar o mundo. No primeiro trecho enxergamos claras analogias a um cenário característico do campo, passarinhos, árvores, corujas de papel empinadas por meninos despreocupados, enfim, tudo remete a uma tranquilidade inabalável de outros tempos. Segundo Arrais, para boa parte dos escritores do início do século XX, a Natal antiga estava mais próxima da Natureza que da engenhosidade humana.

Em ambos podemos observar como Cascudo associa sutilmente os espaços narrados a figuras do passado. Felipe Camarão, considerado um dos heróis da resistência à ocupação holandesa do Norte do Brasil, habitara os lugares que cotidianamente ele via das janelas de sua casa. No segundo trecho assistimos a um desfile de mortos ilustres, que representam o próprio espaço morto que habitaram. Todos foram vistos pelo autor e participaram de suas vivências na cidade. Pedro Velho, figura notória da política norte-riograndense o pôs na perna; a Segundo Vanderley e Ferreira Itajubá viu exercerem o dom da poesia, Alberto Maranhão, por sua vez, era figura constante nas ruas de Natal nas manhãs de domingo.

A cidade antiga, como já foi ressaltado, amalgama-se de forma indissociável as recordações da infância de Cascudo. Contudo, ela não constitui o palco de seu passado particular. Estas muitas figuras a que se refere em seus textos também fazem parte da Natal antiga. De acordo com Benjamin:

“A rua conduz o flâneur em direção a um tempo que desapareceu. Para ele qualquer rua é íngreme. Ela vai descendo, quando não em direção às Mães, pelo menos rumo a um passado que pode ser tão mais enfeitante por não ser seu próprio passado, seu passado particular. Entretanto, este permanece sempre o tempo de uma infância.”²³

O tempo presente, onde Cascudo produz as crônicas acerca da Natal antiga, o leva (assim como a rua conduz o flâneur), a um passado desaparecido. E este passado se afigura tão mais encantador por não ser unicamente seu. Todos os nomes citados em suas crônicas compartilharam com ele o cotidiano da velha cidade.

Já durante o período de sua adolescência e juventude, Cascudo pôde experimentar melhor o espaço da cidade. Agora já não dependia quase que exclusivamente dos passeios na companhia do pai e dos relatos de terceiros para conhecer a terra em que morava, podia locomover-se à vontade, passear pelos lugares com que sonhara na infância. Foi provavelmente, por esta época, que ficou patente ao jovem erudito que mudanças drásticas

²³ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006. p. 461-462.

estavam operando uma verdadeira metamorfose em sua cidade. De fato, datam das duas primeiras décadas do século XX, as transformações iniciais no espaço urbano natalense, que viriam a alcançar seu ápice nas décadas seguintes. Com treze anos, por exemplo, presencia a chegada da luz elétrica, naquele cenário em que anoitecer era mergulhar no escuro, ou na melhor das hipóteses, na mortífera luz dos lampiões. Saudada como carro chefe do progresso, a eletricidade, com certeza introduziu um novo modo de viver naquela calma cidade, novas sociabilidades noturnas emergiam, ao passo que outras deixaram progressivamente de existir. E Cascudo não deixou de perceber essas mudanças, e as sutis implicações que suscitavam.

Em 1913, a família muda-se novamente. Desta vez para uma rica chácara no bairro do Tirol, a “Vila Amélia”.

“De 1914 a 1932 morei no Tirol, olhando o Morro Branco que basilava a pista do horizonte sul. Entre o morro anterior e ele, o espaço de permeio, era chamado o Buraco da Velha, e anunciava, infalivelmente, as chuvas quando as nuvens se aglomeravam nesta área.”²⁴

Lá viveu o cotidiano de um rapaz rico, cercado por todos os confortos. Sua vasta biblioteca, repleta de livros importados da Europa, constituía uma atração à parte, e para visitá-la acorriam muitos habitantes da cidade. Os amigos costumavam chamá-lo de Príncipe, daí o nome da chácara, “Principado do Tirol”. Em 1914, como já foi mencionado anteriormente, o coronel Francisco Cascudo funda o jornal *A Imprensa*, onde o filho publicaria suas primeiras crônicas. Desde o seu início, em 1914, até seu fechamento, em 1927, a *Imprensa* não teve outro patrocinador além do coronel Francisco Cascudo, que desde o princípio o manteve funcionando com seus próprios recursos. Segundo Cascudo, *A Imprensa* constituiu um amplo aprendizado para dezenas de nomes que viriam posteriormente, a figurar na cena intelectual natalense, impulsionando e encorajando os primeiros vôos em um ambiente animador, fraternal e solidário.

Na chácara do Tirol Cascudo recebia, com o total acolhimento de seu pai, um grupo de jovens como, ansiosos por transformar suas idéias em páginas da *Imprensa*. No ambiente ainda provinciano da cidade Cascudo se torna uma espécie de animador cultural, assumindo um papel que na geração anterior havia sido ocupado por seu mestre, o poeta Henrique Castriciano, do qual herdaria ainda a nostalgia em relação a Natal antiga.

“Fundou-se o Principado do Tirol, com toda a hierarquia aristocrática, reuniões mensais com frios requintados... Meus primeiros artigos e livros

²⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Morro Branco*. A República, 04 de março de 1959.

nasceram nesse clima... Para ali fui rapazinho de 15 anos e saí aos 34, casado e com um filho.”²⁵

Enfim, em sua juventude de garoto rico e admirado, Cascudo viveu em uma cidade em que o antigo e o moderno habitavam o mesmo espaço e em uma sociedade ainda dividida entre os velhos valores e as novas possibilidades advindas do processo modernizante. É claro que nesse cenário, onde antigas tradições conviviam com a invasão de valores e signos modernos, as tensões eram constantes, e não nos enganemos com o panorama tranqüilo delineado pelas páginas cascudianas. Seu pensamento tende a esvaziar a sociedade de situações conflitantes, e nesse sentido é que devemos entender suas crônicas sobre o espaço urbano. Se a cidade antiga é apresentada aos olhos do leitor como um local de paz e quietude, onde todos viviam harmoniosamente, é porque o narrador quer mostrá-la desta forma.

A Visão Imóvel

Em um artigo de 13 de dezembro de 1947, publicado no periódico *Diário de Natal*, vemos delinear-se a visão de história que vai perpassar as crônicas cascudianas sobre a Natal antiga durante toda a sua carreira como jornalista. Nesta crônica Cascudo defende a subjetividade individual como parâmetro para avaliar objetos, entidades e valores. Dessa forma, cada coisa teria seu significado elaborado pelo observador, não valendo, exatamente, pelo que se constitui.

O autor denomina esse fenômeno de deformação inconsciente, e o acredita comum. Todos os objetos materiais ou simbólicos (“nomes, civilizações, doutrinas”) chegam a nossa sensibilidade através de informações prévias já possuídas pelo indivíduo, ou seja, por meio de suas leituras, informações verbais e, possivelmente, viagens. Cada significação é decodificada pelo homem através de seu conhecimento ou experiência adquirida. No rastro dessa argumentação Cascudo defende que é a visão inicial de cada coisa que fica gravada na mente de cada um. A primeira impressão, percebida por uma sensibilidade que o autor concebe como “uma placa ainda virgem”, seria o parâmetro para a avaliação deste objeto, fato, fenômeno, etc. A impressão inicial cristalizar-se-ia no pensamento do observador, resistindo à passagem do tempo e moldando qualquer posterior juízo de valor acerca dela.

Por meio destas idéias podemos compreender um pouco da visão de história deste autor, que irá aparecer claramente em seus escritos sobre a cidade antiga. Por mais que ele

²⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu. Maginações e notas de um professor de província*. Natal, EDUFRRN, 1995. p. 66.

defenda que cada coisa passa ao pensamento do indivíduo através do filtro da subjetividade pessoal ele acredita em um passado imóvel. Aqui vemos, em grande medida, uma espécie de contradição. Se a mente tem o poder de alterar a significação de cada coisa, que passa a ser aquilo que ela acredita que seja e não necessariamente aquilo que ela de fato é, por que a visão inicial é aquela que marca a percepção para sempre? Cascudo parece ignorar as características do tempo e o que ele representa: infinita mudança e fluxo.

“(...) Os anos passam, mas a visão inicial, gravada na placa ainda virgem da sensibilidade pessoal, resiste às modificações posteriores quando não verificadas diretamente. A impressão primeira tornou-se convenção, dogma, tabu e todo raciocínio que vier depois filtrar-se-á através dos juízos velhos e já acomodados ao nosso maquinismo psicológico. O que se ajustar, fica incorporado ao corpo velhinho do ‘juízo formado’.”

“O que contrariar, está errado. É crime, blasfêmia. No mínimo de observação. Não há namorado distante, anos e anos, da namorada, que a julgue diferente da época em que a deixou. A mocidade viajou nos olhos do ausente. Ninguém admite uma transformação. O Tempo não existe. O natalense que vive fora da sua cidade há meio século tem na memória visual a paisagem antiga, Natal do seu tempo. Evoca-o, descreve-o, finca casas, costumes, fisionomias. Quando há o encontro desse exilado natalense com um outro conterrâneo, moço e atual, há uma divergência totalitária. Não se entendem. Cada um possui a sua Natal, com povo, costumes, fisionomias diversas. De raro em raro é que surge uma coincidência. Contam de um velho natalense que vivera longamente no sul do país, regressando para ver a cidade, comentava assombrado: - Menino! Do meu tempo só encontrei Chico Herôncio e o mar!...”

“Tudo mudara. A visão imóvel é a soma dos valores fixados na memória.”²⁶

Cascudo parece não conviver bem com as mudanças que a passagem do tempo acarreta. Se ele diz que ninguém admite uma transformação, na verdade, está se referindo a si próprio. Esta é uma prática bastante comum a este autor, falar de si por meio do discurso sobre o outro. Não é raro revelar o que pensa por meio da atribuição ao outro, ou transformar características suas em traços coletivos. Com isto talvez busque a aprovação por meio do consenso. É neste sentido que devemos entender a afirmação: “O tempo não existe”, que mais uma vez expressa sua indisposição com a passagem dos anos. Na verdade é sua visão do passado que é imóvel. Cascudo avalia grande parte dos objetos que aborda desse jeito, sua primeira impressão é mais valiosa referência. Em grande medida é assim que narra a Natal antiga, por meio de suas primeiras impressões de infância e juventude. O passado urbano, tranquilo e desprovido de tensões, é a visão inicial grafada em sua mente quando trata da cidade antiga.

A passagem em que fala do natalense que vive fora de sua cidade há muito e quando

²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *A Visão Imóvel*. Diário de Natal, 13 de dezembro de 1947.

retorna encontra tudo mudado é bastante significativa. E encontramos estreita relação entre ela e a alegoria do início do capítulo. Mesmo vendo tudo mudado este personagem ainda continua a enxergar o passado, “Natal do seu tempo”. Cascudo, mesmo sem se afastar por muito tempo da cidade, impressionou-se com as mudanças operadas nela. E por não reconhecer no espaço atual o lugar idílico que tinha gravado na memória, a “visão inicial”, dedicou-se a recriá-la através de suas crônicas. Estas, em grande medida, são a própria visão imóvel do autor acerca do passado da cidade, imagens impressas na “placa ainda virgem” de sua sensibilidade.

Já ao tratar, em outra crônica, de um antigo amigo falecido, Jaime Adour, Cascudo utiliza um outro recurso já mencionado nas páginas anteriores. Se referindo a uma cidade calma, que não mais existia no momento em que ele escreve, associa a este espaço bucólico a figura de seu amigo, grande personalidade, culta e inteligente, figura serena e lírica, que não sabe porque não escreveu um livro. Nas primeiras linhas, ao descrever Jaime Adour, Cascudo, notadamente, o confunde ao espaço. Grande parte dos adjetivos aplicáveis ao amigo serve também para o espaço em que viveram. Natal antiga, para ele, era um lugar de cultura e saber, onde boa parte de seus habitantes desfrutava de boas possibilidades de adquirir conhecimento. Quanto à serenidade e ao lirismo pode-se dizer que sempre aparecem nos escritos cascudianos que se referem ao passado da cidade. Sentimentalmente Jaime Adour é parte da cidade que ele representa, por isso o autor faz questão de confundir os dois e os mostrar como indissociáveis.

“Juntos, há vinte e oito anos, na doce e sonolenta Natal, fumamos o primeiro cigarro, lemos o primeiro Eça de Queiroz e publicamos a primeira crônica. Escrevemos as cartas aos escritores famosos do nosso tempo. Comentamos as respostas que deslumbravam.”

“Com muito berro, muito licor de cacau, discutimos os futuros livros que não fizemos e os inevitáveis sucessos que não vieram. Destruímos muita glória, substituindo pelos santos da nossa simpatia os oragos imóveis nos velhos altares, sagrados pela continuidade maquinal do culto.”

“Juntos afrontamos, com uma insolência fria de predestinados, a burguesia assombrada da cidade, usando monóculos no olho e polainas brancas em cima da botina.”²⁷

Cidade doce e sonolenta em que o tempo parecia não passar, e a vida desenrolava-se calmamente. Neste tempo os monóculos e polainas brancas em cima da botina ainda conseguiam espantar uma burguesia em ascensão.

Um Passado Defunto Novamente Sepultado

²⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Jaime Adour*. A República, 16 de junho de 1945.

Em certas crônicas, Luís da Câmara Cascudo dedica-se a tarefa de registrar o desaparecimento dos signos da Natal do início do século. Nestes textos ele fala de lugares que sucumbiram à modernização da cidade, de casas e prédios que ele presenciara no passado e que já não existiam mais ou que estavam sumindo paulatinamente. Neles percebemos um certo tom de denúncia, uma espécie de alerta, pois apontam para o desaparecimento de elementos característicos da velha paisagem da cidade.

Em Acta Diurna de 1959 Cascudo declara ter acompanhado, dia após dia no ano anterior, a demolição da antiga Fábrica de Tecidos de Natal, fundada por Juvino Barreto. O autor lamenta ninguém ter notado o seu desaparecimento. A imprensa nem ao menos registrou uma nota dando conta de sua morte. “Não fez falta”.

“Viveu oitenta e três meses.”

“À sua sombra trabalharam os oitenta operários de Juvino César Paes Barreto. A charanga ensaiava seus dobrados e valsas, olhando-a.”

“Recebeu o primeiro ‘pára-raio’ na cidade. Vinha gente de longe para ver as pontas de aço, dedos metálicos espetando o ar, aguardando o impacto radiante.”

“Ao seu derredor tudo se modificou.”

“(…) A Chaminé nasceu em 21 de junho de 1888. Inauguração da Fábrica com a presença do presidente da Província, Dr. Antônio Francisco Pereira de Carvalho. Seu Juvino, rilhando os dentes, estava eufórico pela vitória.”

“Era a primeira fábrica de tecidos e não tivemos ainda a segunda.”

“(…) Nas oficinas soavam quarenta e oito teares, movimentando mil e seiscentos fusos. Fazendo tecido grosso, barato, popular.”

“(…) Eu nasci justamente depois do apito das cinco horas, numa sexta-feira, na Rua das Virgens.”²⁸

Este trecho remete ao nascimento da fábrica em 1888. Nesta data o autor ainda nem tinha nascido, contudo narra o episódio como se o tivesse presenciado. Foi um acontecimento importante na pacata Natal do fim do século XIX. Provavelmente a Fábrica de Tecidos de *seu Juvino* foi vista pelos habitantes da cidade como um sinal do progresso. Natal entrava na época da produção industrial, com suas máquinas e seus rígidos horários. Mas a escrita de Cascudo nos leva a imaginar que o estabelecimento terminou por se incorporar ao calmo cotidiano urbano dos natalenses. O apito tornou-se o relógio coletivo de todos os moradores, em um espaço em que não existia ainda uma exacerbada preocupação com a hora. Soava às cinco da manhã anunciando o novo dia, e às cinco da tarde marcando o fim da jornada de trabalho. Segundo Cascudo, a sirene servia de parâmetro para ricos e pobres, que regulavam seus negócios de acordo com o som estridente. O próprio autor refere-se ao seu nascimento

²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *A Chaminé de Tecido*. A República, 05 de fevereiro de 1959.

dessa forma, **“eu nasci justamente depois do apito das cinco horas”**.

Na tranqüila Natal do passado, a Fábrica de Tecidos era um anúncio da leva de modernização que estava por vir. No entanto, nos escritos cascudianos findou por tornar-se um símbolo da cidade antiga. Amalgamou-se a ela de uma forma indissociável. Por isso seu desaparecimento, para o autor, representa também a morte de mais uma parte da velha Natal.

“Passaram os tempos. A fábrica veio de firma em firma até que todo o maquinário foi vendido para Belém do Pará.”

“Os armazéns despovoaram-se. O edifício silenciou. A chaminé era inútil.”

“A chaminé ficou vendo. Esquecida mas impávida, alta, imponente, gritando sua história de oitenta anos, sua glória industrial desde 1888.”

“Era um pilone marcando a passagem do gigante Juvino Barreto. Deixara aquele vestígio como um faraó plantava um monólito, anunciando que vivera e fora grande no mundo.”

“Mas em setembro de 1958 a chaminé foi derrubada, devagar, desmanchando-se, sumindo-se do panorama da cidade o seu perfil vertical, índice de um passado defunto.”

“Não tinha mais utilidade à velha chaminé de oitenta anos. Numa época funcional, não tinha mais função.”

“Desapareceu...”²⁹

A velha chaminé presenciou tudo, viu o tempo passar, a paisagem em seu redor transformar-se. Foi-se o tempo da fábrica, mas ela continuou lá a testemunhar o mudo passado que representava. Para Cascudo, ela era parte da Natal antiga. Esta, apesar de desaparecida, continuava presente através de seus despojos, como o velho prédio e sua chaminé. Por isso é que a imagem da demolição deve ter sido tão dolorosa para ele. A destruição “devagar”, empreendida em 1958, atestava o desaparecimento da própria Natal antiga, que sumia definitivamente do mapa da cidade junto com seus últimos vestígios, **“índice de um passado defunto”**. Temos então uma dupla morte, o passado já defunto de novo sepultado. A imagem é significativa. Em uma época nova e moderna não havia mais espaço para a velha Natal e seus símbolos.

Em outra crônica de 1947, publicada no *Diário de Natal*, encontramos o mesmo tom saudosos e triste quando Cascudo questiona onde está a “Escola Doméstica” que existia na sua infância.

“Onde está a Escola Doméstica que havia, no meu tempo de menino, uns alicerces escuros e povoados de mato. Era ponto de briga infantil e do amor adulto. Hoje o amor não escolhe ponto e tem a cidade inteira por mensagem. E é assim mesmo com a briga.”

“No governo Ferreira Chaves, 1914-1930, construíram a Escola Doméstica. Antes, durante um ano, houve uma espécie de armazém com

²⁹ Idem.

curiosidades enviadas ao Governador pelos amigos. Era tanta curiosidade que o salão encheu e a Vila Cincinato, hoje Potiguar não cabia os testemunhos de amizade.”³⁰

Neste texto Cascudo fala sobre um personagem marcante de sua infância, Antônio Mil Homens. **“Um camarada forte, alegre, de imenso bigode branco, com um chapéu de palha de mandarim, irradiando simpatia, naturalidade...”**, que constituía uma espécie de herói popular. O autor narra um episódio em que *Mil Homens* foi chamado para dar jeito a uma onça que fugira da jaula e estava metendo medo em todo mundo. Cascudo e seu pai presenciaram o homem segurar **“com a mão a onça pelo pescoço, como um gato desmoralizado”**, e conduzi-la a jaula rosnando humilhada.

“(...) Perguntei, suando de emoção entusiasta:- Quem é, heim, quem é? – Não conhece? Antônio Milhomem! Era um velho amigo de meu pai. Ia à nossa casa. Foi o meu primeiro herói. O homem forte, simples, natural, sereno, na convicção tranqüila da coragem, da confiança pessoal.”

“No meu tempo não havia esse herói imaginário de agora, mentira de desenho, Super-Homem, Capitão Marvel, gente que apanha avião no ar e bota debaixo do braço. Os heróis eram raros, mas verdadeiros, de carne e osso, valendo no heroísmo relativo mas verídico.”

“Antônio Milhomem faleceu a 12 de janeiro de 1934, com mais de 70 anos. Era uma fisionomia humana e sugestiva que ficou na minha memória.”³¹

A Escola Doméstica, antigo ponto de brigas dos meninos e dos amores adultos, sumira da paisagem da Natal que se modernizava, como também aconteceria, cerca de uma década depois, com a Fábrica de Tecidos. A velha cidade ia se apagando, esvaindo-se no ar, para permanecer viva apenas nas memórias daqueles que a tinham visto. Também os personagens que povoavam esse espaço idílico iam sendo esquecidos. Antônio Mil Homens, seu primeiro herói infantil, de carne e osso, fora substituído por Super-Homens e Capitães Marvel. Segundo a percepção de Cascudo, no presente em que ele vivia o passado da cidade tornara-se obsoleto, poucas pessoas dedicavam importância a ele. Um tempo morto que permanecia presente apenas através de rastros, e mesmo esses estavam sendo cotidianamente apagados.

Em uma outra crônica, também de 1947, o “Mestre” relata que até mesmo as árvores, as quais haviam vivido os áureos tempos da cidade antiga, estavam sendo engolidas pelo ímpeto demolidor da modernidade:

“Natal, há vinte e cinco anos passados, tinha arborização razoável. Atendendo a ensolarização de uma cidade tropical, certas ruas possuíam alas de mongubeiras, moldurando-as em toda extensão. Da Praça Carlos Gomes até

³⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Mil Homens*. Diário de Natal, 14 de agosto de 1947.

³¹ Idem.

a Rua Juvino Barreto corriam, paralelas, suas filas de árvores, copadas. Toda a Avenida Jundiaí era arborizada, densamente, em ambos os lados. À Praça Augusto Severo, pelada atualmente como uma cabeça calva, era um parque delicioso. Um arquiteto, amoroso das árvores, Herculano Ramos, repetira o Príncipe de Nassau, trazendo árvores velhas, árvores adultas, e replantando-as. Do dia para a noite, em vez de um pântano onde as rãs coaxavam, nasceu um parque digno das saudades que desperta.”³²

Vemos emergir destas palavras cascudianas uma cidade idílica, onde grandes árvores eram mantidas e cuidadas por cidadãos participativos do cotidiano urbano. Se a Natal contemporânea do autor é um espaço sem grande beleza natural, onde muitas árvores foram arrancadas de seus lugares para dar passagem às largas avenidas e calçadas, a visão inicial gravada em sua mente é a da arborizada cidade antiga. Neste trecho podemos perceber outro artifício de Cascudo para tornar ainda mais nítida a imagem que apresenta aos seus leitores da Natal antiga. Para isso ele utiliza o contraste entre as duas realidades e suas respectivas significações. Na maioria das crônicas, a exemplo desta, o folclorista produz a cidade antiga em nítida contraposição a contemporânea. Se o progresso havia tornado Natal uma cidade sem grande arborização, a cidade em que ele havia vivido no passado tinha sido um espaço cheio de árvores. De fato, seria difícil descrever a cidade antiga sem o seu outro, o seu contraponto, a cidade moderna.

Geografia Invisível

Durante o tempo em que as Actas Diurnas perduraram era bastante comum a correspondência entre Cascudo e seus leitores. Os homens e mulheres que, cotidianamente, acompanhavam as incursões do autor pelos mundos do passado e do presente, com frequência, escreviam a ele pedindo que abordasse esse ou aquele episódio esquecido, relembresse certa figura perdida da história da cidade, ou esclarecesse alguma dúvida sobre um assunto diverso. Entre estes textos merecem destaque os escritos, muitos produzidos atendendo aos reclames dos seus admiradores, acerca da antiga geografia da cidade. De fato, não era raro que Cascudo publicasse artigo sobre a antiga localização de espaços da Natal antiga, nomes de ruas que haviam mudado, datas de criação desta ou daquela avenida.

“Um velho leitor pergunta-me onde ficava, na cidade do Natal, a Travessa do Medeiros, que ele deparara menção em jornais antigos e não conseguia localizar.”

“Corresponde a atual Travessa Venezuela, no bairro da Ribeira, ligando

³² CASCUDO, Luís da Câmara. *Velhas Árvores*. Diário de Natal, 08 de setembro de 1947.

a Rua Doutor Barata à Rua Chile, antiga do Comércio. É a primeira travessa, vindo da Avenida Tavares de Lira.”

“Ali estava o armazém de um comerciante do Natal passado. Antônio Idalino de Vasconcelos, ao redor de 1870.”

“Naturalmente o nome era apenas Beco de Antonio Idalino e assim toda a gente chamava.”³³

Cascudo fascina a seus leitores demonstrando um conhecimento detalhado acerca do antigo traçado da cidade. Ele parece saber exatamente onde se localizava cada coisa na Natal antiga. Esta desaparecera, sobrevivendo, moribunda, apenas através de alguns elementos que iam sumindo da paisagem, mas o autor passava a impressão de preservar um mapa imaginário dela. Cada recôndito escondido, cada rua ou beco, eram descritos e localizados com clareza.

“A Avenida Tavares de Lira, atualmente da Praça José da Penha ao cais Tavares de Lira, interrompia-se pelo prolongamento da Rua Dr. Barata que se estendia, depois do ‘Expresso 56’, esquina, até o prédio de M. Martins & Cia, onde havia um bequinho ligando com a Rua do Comércio.”

“Este beco denominava-se Beco de José Lucas mas o povo dizia-o, com a licença da palavra, Beco do Mijo. Era cimentado e de mau odor insuportável.”

“Esse trecho da rua, dividindo a atual Tavares de Lira, constava de algumas casas, sendo a maior residência do Padre Constancio, capelão do Exército. Nesta casa funcionou, muitos anos, *A República*.”

“Diante estavam as grandes gameleiras, dando sombra e pouso para conversa. Ficava a primeira gameleira paralela ao Café Abolicionista, depois batizado por Café Socialista, ponto de boêmia, bebidas e saídas de serenatas, com violões e tenores auto-suficientes.”³⁴

A descrição que empreende nestas crônicas impressiona pela riqueza de detalhes. O velho Cascudo parecia preservar em sua mente um retrato da cidade, tal como a tinha visto em seu passado ou ouvira dela falar. Cada elemento, que caracterizava determinada parte da paisagem urbana, é por ele lembrado. Nada é esquecido. Até mesmo o bequinho que havia perto do prédio de M. Martins & Cia, que servia de recanto para aqueles que necessitavam de um lugar para as necessidades fisiológicas, é relacionado pelo autor. Acerca do chamado “Beco do Mijo” Cascudo ainda vai mais longe, e, apelando para sua memória olfativa, diz que o mau cheiro que dele emanava era insuportável. Nem mesmo as gameleiras, que se localizavam neste “trecho de rua dividindo a atual Tavares de Lira”, são esquecidas. Nas suas sombras muitos paravam para conversar.

Sobre as ruas de Natal os artigos eram bastante recorrentes. E discutiam, além de sua antiga localização espacial, seus nomes, origens e outros aspectos.

³³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Travessa do Medeiros*. A República, 26 de março de 1959.

³⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Avenida Tavares de Lira*. A República, 12 de dezembro de 1958.

“Um ‘leitor do alecrim’ pergunta porque a Rua Coronel Estevão tem este nome.”

“O Coronel Estevão José Barbosa de Moura (1810 – 1891) abriu aquela estrada, caminho da povoação de Macaíba, antiga COITÉ.”

“Há meio século a Intendência do Natal, pela resolução n. 120, à 10 de agosto de 1908, denominou Coronel Estevão a via pública.”

“(…) ‘Considerando que é um dever cívico prestar homenagem ao cidadão que, à sua custa, abriu a primeira estrada que pôs esta Capital em comunicação terrestre com a Cidade de Macaíba, o qual foi o Coronel Estevão José Barbosa de Moura, resolve:’ ”

“(…) ‘Art. 2. : A antiga Rua do Alecrim passará de ora avante a denominar-se Rua Coronel Estevão.’ ”³⁵

Aqui Cascudo elucida a denominação de uma rua do Bairro do Alecrim. Ele busca no passado a história da construção da estrada para a povoação de Macaíba, pelo Coronel Estevão José Barbosa de Moura, para concluir que o nome da rua é uma homenagem a uma figura ilustre. Em outra crônica, de 1959, o autor fala sobre as ruas mais antigas da cidade e suas denominações, e queixa-se de que os antigos nomes, pelos quais eram conhecidas antigamente, estão quase todos sendo mudados.

“A primeira rua que houve na cidade do Natal foi a Rua Grande que em 1888 recebeu o nome de André de Albuquerque, chefe da Revolução de 1817.”

“Seguia-se a Rua de Santo Antônio, com este batismo em 1763. Em 1888 a Câmara Municipal denominou-a Rua Coronel Bonifácio, porque o Coronel Bonifácio Pinheiro da Câmara aí residira e falecera, quatro anos antes. Em 1914 o Prefeito do Natal, atendendo às solicitações tradicionalistas, fez voltar o velho nome de Rua Santo Antônio. Passou o Coronel Bonifácio para a Rua Senador Bonifácio, na Ribeira.”

“A última rua velha que resistiu em sua denominação antiqüíssima foi a Rua do Camboim, na capoeira da Solidão, caminho do Tirol. Em 1948 ficou sendo Rua Professor Fontes Galvão.”

“Na Ribeira já não há nome velho. Todos foram mudados nos últimos anos do século XIX e ao correr deste XX. Os demais bairros são de criação recente e de nomenclatura nova.”³⁶

Por meio desta crônica Cascudo denuncia que não são apenas os poucos vestígios materiais da Natal antiga que estão sumindo, como por exemplo, a chaminé da antiga Fábrica de Tecidos ou as velhas árvores, sobre as quais falamos anteriormente. Até mesmo a nomenclatura das ruas, que preservava as preferências dos antigos, estava sendo apagada. Os nomes que, simbolicamente, lembravam as pessoas mais velhas como havia sido a cidade no passado eram trocados para atender as necessidades de uma Natal nova e moderna, em que as denominações recentes espelhavam a juventude do espaço urbano.

Cascudo dedica-se então a recriar a antiga geografia da cidade nessa Actas. É provável

³⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Rua Coronel Estevão*. A República, 24 de agosto de 1959.

³⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *A Rua de Nome Mais Antigo*. A República, 16 de abril de 1959.

que seus leitores, tanto os mais velhos quanto os mais jovens, acompanhassem com relativo interesse essas crônicas, conforme podemos suspeitar a partir de suas referências as perguntas cotidianas. O autor descreve uma Nata que se tornara invisível, e que passava a existir apenas no plano dos signos, das palavras. A cidade antiga agora assumia materialidade apenas nos relatos sobre ela.

Michel de Certeau, em um texto bastante elucidativo sobre as “Práticas de Espaço”, propõe o entendimento dos relatos como formadores do espaço. Assim, tal como composta por ruas, casas, edifícios e avenidas, a cidade seria formada também por discursos, ou, na concepção do autor, relatos de espaço. Desse modo, os discursos adquirem o valor de sintaxes narrativas. Sob este aspecto as crônicas cascudianas sobre a Natal do passado consistem nos principais elementos constitutivos de sua imagem. Se ela não existe mais enquanto realidade concreta, no plano dos signos os relatos de Câmara Cascudo fornecem a materialidade que a faz existir.

Escavando o Passado

Em Cascudo, como podemos observar em algumas das Actas Diurnas, o processo de tentar recuperar o passado da cidade significa aproximar-se de seu próprio passado, mergulhar em suas memórias. Como já foi mencionado, é impossível dissociar a história da cidade do Natal no século XX da trajetória de seu filho mais ilustre, segundo alguns de seus biógrafos e admiradores o homem que projetou nacionalmente a capital potiguar e o estado do Rio Grande do Norte. Portanto, construir o passado da cidade constitui, para tal autor, uma tarefa extremamente pessoal. De modo que, nas crônicas em que aborda sua história de vida Cascudo conta, também, um pouco do passado de Natal.

Em “*Escavando e Recordando*”, Walter Benjamin, ao tratar do tema do indivíduo que revolve seu próprio passado, diz:

“A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. (...) A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem

daquele que se lembra...”³⁷

É bastante interessante a analogia que o autor faz entre o indivíduo que recorda seu passado e o homem que escava, um arqueólogo talvez. Para ele, quem quer investigar seu próprio passado enterrado na mente deve proceder a uma profunda escavação. Perfurar e revolver cada camada de “terra” (ou de lembranças, no caso), em busca das imagens mais “puras”, desprendê-las de todos os elementos supérfluos até que se obtenha aquilo que recompensa todo o trabalho. Trata-se de uma espécie de trabalho de mineração, onde o homem esburaca a terra à procura das “gemas preciosas”. É necessária grande atenção, cada camada de terra deve ser investigada cuidadosamente até que revele o tão cobiçado troféu. Este tem, então, de ser lapidado para por fim mostrar a verdadeira preciosidade.

A aproximação entre o homem que recorda o próprio passado e a figura daquele que escava (arqueólogo ou minerador) parece apontar para um cuidadoso trabalho da memória, no sentido de se obter aquelas recordações que tanto se busca. É um processo artesanal, do qual fazem parte tanto as lembranças como os esquecimentos.

Em grande medida, podemos enxergar em algumas crônicas de Luis da Câmara Cascudo um procedimento, em alguns aspectos, semelhante ao que descreve Benjamin. É certo que muitas das narrativas que faz da Natal antiga baseiam-se em relatos ouvidos de outras pessoas, mas mesmo grande parte destes foi escutada durante a infância do autor. Dessa forma, podemos depreender que criar uma imagem da cidade antiga, para Cascudo, que a contraponha a Natal moderna em que estava vivendo, significa, em parte, escavar o seu próprio passado em busca de reminiscências que lhe revelem o espaço urbano assim como o tinha presente em sua mente. Assim, falar da cidade no início do século, em alguns textos, implica, necessariamente, em escrever acerca de seus tempos de meninice e juventude.

Vejamos o relato de uma Acta Diurna de 1959:

“Creio que, num domingo de 1910, meu pai levou alguns amigos para o nosso almoço na grande residência em que me criei. Onde está o Grande Hotel.”

“Um dos convidados era-me espontaneamente familiar. Gordo, lento, simpático, rosado, risonho, a calva reluzente, os bigodes brancos, levemente arqueados, diziam-me da figura incomparável e admirada.”

“Quando meu pai foi dizendo os nomes dos amigos, interrompi, estouvadamente: – Este eu conheço! Conheço muito!”

“E, num acento de convicção inabalável: – É o Barão do Rio Branco!”

“Todos desataram a rir. Não era o Barão do Rio Branco. Era o Tenente Coronel da Guarda Nacional José Joaquim de Carvalho e Araújo, Zé de

³⁷ BENJAMIN, Walter. *Escavando e Recordando*. In: Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. São Paulo, Brasiliense, 1995. p. 239.

Araújo, amigo íntimo de Pedro Velho, chefe tradicional de Papari.”³⁸

Um relato permeado de bom humor dos velhos tempos. Cascudo contava, na época do episódio, doze anos de idade. Quanta ingenuidade juvenil, acreditando estar diante do Barão de Rio Branco! Mas é, também, uma crônica que nos permite acompanhar alguns aspectos da infância e da formação da sensibilidade do autor. De início logo percebemos a imagem refinada e nostálgica que Cascudo constrói da própria família. Receber convidados ilustres para um almoço em sua grande residência, certamente, não fazia parte do cotidiano de pessoas mais simples. Eram os tempos de ouro da família Cascudo. O Coronel Francisco Cascudo era, nesta época, um próspero comerciante estabelecido na cidade. Vinha de família tradicional. Gozava, evidentemente, de prestígio e status. Este foi o cotidiano infantil que Cascudo viveu, um menino rico cercado de cuidados e bajulações, que se orgulhava da posição social ocupada pelo pai. Podemos ainda perceber como desde cedo Cascudo sempre se viu cercado de adultos. Menino de saúde frágil, encerrado em casa, não desfrutou da amizade de pessoas de sua idade. Seus amigos eram os amigos de seus pais, homens e mulheres já maduros. E tendo, prematuramente, demonstrado grande aptidão para as leituras e demais atividades intelectuais era tratado como um adulto. O pequeno Cascudo participava sempre das reuniões promovidas pelos pais, conversava com homens e mulheres mais velhos, ganhava muitos livros de presente.

No livro de memórias *Ontem*, de 1962, o autor trata de forma mais explícita o passado da cidade a partir de suas próprias memórias infantis:

“Onde está a COSERN, na praça Augusto Severo, era a carpintaria de seu Canuto, forte, rude e bom. Encostado à parede, no lado da Praçuela D. Bosco, até 1930, ficava um homem alto, branco, triste, com traje humilde e limpo, sorriso parado sob o curto bigode alvo, sustentando chapéu de palha de abas duras onde caíam as esmolas, pedidas com olhar e agradecidas na breve inclinação da cabeça pintada de prata. Meu pai detinha o automóvel mandando um cédula pelo chauffeur João Pequeno. Apesar de repórter, irresponsável e curioso, nunca lhe dirigi a palavra. Não tinha coragem. Uma vez, em 1908, meu pai fora falar com o Dr. Augusto Leopoldo na grande casa desaparecida, edifício do Tesouro Estadual. (...) De volta, esperávamos o bonde de burros na esquina da Ulisses Caldas, quando a carruagem do Governador Alberto Maranhão, puxada por dois cavalos soberbos, estacou junto a nós. O boleiro, de sobrecasaca e cartola com uma roseta escarlate, falou: – Não quer descer, Coronel? Subimos para as macias almofadas. Até a nossa residência, lugar do Grande Hotel, o carro veio estrondando no calçamento, com o menino mais orgulhoso da cidade. (...) Meses, recordei o solene trajeto, dourando a ênfase infantil. Andara na carruagem do Governador! O boleiro seria o mendigo imóvel.”³⁹

³⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Vila Imperial de Papari*. A República, 19 de dezembro de 1958.

³⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem. Memórias*. Natal. EDUFRRN, 1998. p. 46.

Observando a construção que o autor faz do seu passado a partir das lembranças infantis somos levados a pensar que o processo de escavação de que nos fala Benjamim é seletivo. Ou seja, o homem que escava seu próprio passado procede a uma busca bastante específica por certas recordações que lhe interessa exumar naquele momento. O trabalho da memória não é aleatório, o que é rememorado certamente corresponde a questões que o indivíduo busca responder, questões, em grande medida, determinadas pelo presente. Por exemplo, porque Luís da Câmara Cascudo se volta para a Natal antiga em uma época em que a modernização da cidade deixa claro que o passado urbano está em vias de ser sepultado? Porque boa parte das crônicas que tratam da cidade no início do século remetem a um tempo áureo da família Cascudo? É possível que a primeira pergunta encontre resposta no fato de que os “novos tempos”, que se anunciam desde as primeiras décadas de 1900 em Natal, angustiam o autor com suas mudanças aceleradas, levando-o a crer que a tradição está em vias de sucumbir frente ao processo modernizante. O passado urbano que corria o risco de desaparecer representava o seu próprio passado. A segunda indagação talvez seja respondida, em grande parte, pela condição do adulto Cascudo. O presente reservara uma realidade bem diferente da vida que havia vivido no início do século. Embora levasse uma vida tranqüila financeiramente, visto ter se tornado professor e funcionário público, não havia mais a opulência da antiga família Cascudo.

A Natal antiga que emerge das páginas cascudianas, escavada das memórias do autor, é composta tanto de lembranças pessoais quanto de esquecimentos. Recordações de tempos áureos em que o prestígio de sua família inscrevia-se indelevelmente no cotidiano da capital potiguar, e as recepções requintadas, os finos jantares como convidados ilustres, o status que desfrutava o Coronel Francisco, serviam como elementos para contar a história da provinciana cidade.

O episódio em que o menino Cascudo passeou na carruagem do ex-Governador Alberto Maranhão pelas ruas é lembrado com entusiasmo. Mostra o prestígio e a deferência com que a família era tratada no passado. A Natal do passado, portanto, segundo as reminiscências que são escolhidas cuidadosamente pela escrita do autor, foi o palco das glórias da família Cascudo, não de suas tragédias pessoais. Os tempos difíceis, quando o jovem viu a falência paterna transformar a realidade da família, consistem em lacunas na prospecção que faz de seu passado. É uma parte da sua história de vida e de sua experiência urbana que ele não faz questão de lembrar. Um esquecimento compreensível e intencional, que também conta um pouco de sua trajetória e da vivência que teve na Natal antiga.

É interessante atentarmos também, no texto acima, para um personagem que quase passa despercebido pela crônica, o mendigo imóvel. Até 1930 ele ficava encostado à parede, no lado da Praça Dom Bosco, pedindo esmolas aos transeuntes, as quais eram agradecidas com o olhar. Cascudo descreve-o de uma forma quase romantizada. No fim da crônica, quando é narrado o episódio do passeio na carruagem do governador, que teria ocorrido por volta de 1908, ficamos sabendo que o pobre pedinte nem sempre foi mendigo. Na Natal antiga o mendigo imóvel era, simplesmente, o boleeiro da bela carruagem de Alberto Maranhão. A transformação da cidade, dessa forma, representa a ruína de pessoas como ele; o espaço citadino moderno expõe sem pudor suas feridas, a pobreza aparece em todos os lugares, o desemprego e a miséria assolam a população. O boleeiro na Natal antiga nos tempos modernos se torna um miserável pedinte, dependendo da boa vontade alheia para sobreviver.

CAPÍTULO II

CAPÍTULO II

ANGÚSTIAS DO PRESENTE: A EMERGÊNCIA DA NATAL MODERNA NAS CRÔNICAS DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

A cidade mudou. Partiu para o futuro
Entre semoventes abstratas abstratos
Transpondo na manhã o imarcescível muro
Da manhã na asa do DC – 4s.

Comeu colinas, comeu templos, comeu mar
Fez empreiteira de pombais
De onde se vêm partir e para onde se vêm voltar
Pombas paraestatais

Alargou os quadris na gravidez urbana
Teve desejos de cúmulos
Viu se povoarem seus latifúndios em Copacabana
De casa, e logo além, de túmulos
(...)
Não cresceu? Cresceu muito! Em grandeza e miséria
Em graça e disenteria
Deu franquía especial à doença venérea
E à alta quinquilharia.

Tornou-se grande, sórdida, ó cidade
Do meu amor maior!
Deixa-me amar-te assim, na claridade
Vibrante de calor!

(A CIDADE EM PROGRESSO – Vinicius de Moraes)

Cidades do Passado e do Presente

Em *As Cidades Invisíveis* os relatos de Marco Pólo nos transportam aos espaços mais longínquos e remotos do fabuloso império do Grande Kahn. Através de suas palavras somos apresentados à cidade de Maurília, que é assim descrita:

“Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada gracioso, e ver-se ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de

qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional - que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi.”⁴⁰

Tendo em vista que no capítulo anterior passeamos pela Natal do início do século XX por meio das crônicas de Luís Câmara Cascudo, queremos propor ao leitor que faça da capital potiguar uma espécie de Maurília, e percorra os escritos cascudianos, ao longo do seguinte texto, que tratam da “nova” cidade, com a imagem do passado bem diante de seus olhos. Tal como o visitante da Maurília do Grande Kahn, que é convidado a caminhar pelo espaço urbano ao mesmo tempo em que olha os velhos cartões-postais, os quais exibem imagens de como a cidade havia sido, convocamos o leitor dessas páginas a conhecer a Natal moderna, dos anos 1940-50, das crônicas de Cascudo, ao mesmo tempo em que rememora a cidade antiga que se ergueu de suas palavras no capítulo precedente.

Vamos acompanhar o contexto em que ocorreram mudanças significativas no espaço e nas sociabilidades natalenses e como estas foram percebidas e vividas pelo seu filho mais ilustre. Mas precisamos ter sempre em mente a Natal antiga, pois nos escritos cascudianos uma não existe sem a outra, são as duas faces de uma mesma moeda.

Ao contrário do visitante de Maurília, entretanto, não precisamos louvar a Natal do passado e preferi-la a atual. Esta postura talvez Cascudo tenha esperado de seus leitores contemporâneos, nas décadas de 1940 e 50. Esperado que se identificassem com ele em sua recusa da modernidade e do que ela representava, multiplicidade e mudança. Que observando a cidade em que viviam sentissem saudades nostálgicas da antiga Natal, reconhecendo que a nova paisagem urbanizada e seus hábitos e costumes nem de perto se comparavam com a graça perdida da cidade provinciana.

Um Sinal dos Novos Tempos

Ainda que a sensibilidade de Luís da Câmara Cascudo apontasse para a emergência de uma nova Natal no interior da cidade antiga e colonial o autor não era capaz de identificar claramente as nítidas fronteiras que delimitavam uma e outra no tempo. Os escritos cascudianos mais parecem assinalar uma coexistência das duas realidades urbanas durante os primeiros anos do processo modernizante em Natal. Era como se a nova cidade, em seus primórdios, conseguisse conviver com a antiga. Ou seja, nos anos iniciais das transformações

⁴⁰ CALVINO, Ítalo. As Cidades e a Memória. In: As Cidades Invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 2008. p. 30.

urbanas, com a chegada do tão esperado progresso, novo e velho, modernidade e tradição, habitavam a cidade do Natal.

No aspecto físico Cascudo elege uma série de iniciativas realizadas pelo poder municipal e pelo governo do Estado a partir da década de 10 (em especial o plano de sistematização da cidade, projetado pelo arquiteto italiano Giacomo Palumbo e posto em execução no final da década de 1920 pelo prefeito Omar O'Grady), como um dos principais marcos do aparecimento da nova Natal. Contudo, essa primeira tentativa de gerir de forma racional o espaço urbano natalense, que indica um desejo por parte dos poderes públicos de exercer um controle sobre a cidade, não implicou em alterações mais radicais. O plano sistematizador de Palumbo, que no final dos anos vinte esboça os traços de uma cidade moderna, não chega a operar no espaço natalense transformações capazes de fazer sumir por completo os traços da Natal antiga. De acordo com Arrais⁴¹, Cascudo demonstra uma visão positiva em relação às modificações que ocorreram segundo o plano de Palumbo. Isto se deve, principalmente, ao fato do cronista não perceber naquelas primeiras obras um grande impulso demolidor, como o que ocorreu, por exemplo, no Rio de Janeiro ou no vizinho Recife, que passaram por verdadeiros “bota abaixo”. Para Cascudo o plano de intervenção urbanística de Palumbo respeitava o que ele compreendia como sendo as formas originais da cidade. Era uma reforma que não modificava completamente o espaço físico, apagando os vestígios do passado da cidade antiga⁴².

Como veremos mais adiante, de acordo com as crônicas cascudianas, o momento mais dramático das reformas urbanas natalenses será a década de 1940, em que as transformações ocasionadas pelo impulso modernizador, que presença militar norte-americana acarretou em Natal, mudarão para sempre a face da cidade. **“As mutações espaciais mais significativas da cidade de Natal se relacionarão com um acontecimento de uma década e meia mais tarde: a instalação da base americana de Parnamirim Field”**⁴³.

Os planos urbanísticos que a partir dos anos 20 principiaram a transformar a cidade, entretanto, não constituem um dos nossos centros de interesses. Acerca deles já existe uma quantidade razoável de trabalhos. Nosso percurso segue outra direção, analisando as

⁴¹ ARRAIS, Raimundo. *Crônicas de Origem. A Cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal, EDUFRRN, 2005.

⁴² Acerca dos planos urbanísticos, que nos anos 20 do século passado iniciaram a transformação física da cidade, Cascudo publicou duas extensas crônicas no jornal *A República*, em 30/10/1929 e 07/11/1929, onde esboça um certo otimismo em relação as iniciativas do poder público. Ambos estes textos, que não são tratados detidamente nesta dissertação por fugirem ao recorte cronológico proposto e, principalmente, ao tema estudado, podem ser encontrados na íntegra no livro do professor Raimundo Arrais citado acima.

⁴³ LOPES, Edmilson. *A Construção Social da Cidade do Prazer: Urbanização turística, cultura e meio ambiente em Natal (RN)*. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 1997. p. 22.

percepções de Luis da Câmara Cascudo sobre as mudanças urbanas, esboçadas em suas *Actas Diurnas*. As crônicas cascudianas sobre a Natal em processo modernizante enfocam, principalmente, as transformações sociais ocorridas em consequência dessas mudanças. Dessa forma, se por um lado não encontramos nos escritos do autor marcos claros que delimitam a emergência física da nova Natal, por um outro, suas crônicas apontam para o aparecimento de fatores modernos, que proporcionam aos natalenses a criação de novas sociabilidades claramente distintas dos velhos hábitos e costumes da cidade antiga.

Um evento particular, tratado em algumas crônicas, nos permite imaginar que as modificações, que aos poucos foram fazendo desaparecer a Natal antiga, tiveram início na segunda década do século XX. De acordo com Cascudo, a chegada da luz elétrica a cidade, em 1911, foi o primeiro impulso para as transformações ocorridas nos anos posteriores, em especial para as mudanças de sociabilidades que dominaram a população natalense. Segundo o autor, até meados do século XIX Natal não contava com nenhum tipo de iluminação pública. Fato que, com certeza, contribuía sobremaneira para que praticamente não existissem hábitos noturnos na cidade:

“Às nove horas da noite um tambor, no Quartel da tropa de Linha, ruflava. Era a caixa das nove. Rara seria a criatura pacata que saísse depois desse ruflor. Ficava obrigada à revista do raro soldado que a encontrasse. Escravo vadio entrava na chibata.”

“Também não havia necessidade de andanças fora de hora. Ceava-se as Trindades, ao bater do Ângelus. Seis horas pelo relógio do sol. Depois das nove o sino plangia as badaladas de recolher. No orçamento da Câmara municipal para 1886-1887 aparece, pela última vez, a verba de sessenta mil-réis anuais para o encarregado do toque de recolher.”

“Quem ia fazer visita noturna levava um escravo com um lampião, abrindo a marcha, clareando o caminho difícil.”

“Nas primeiras horas da noite algumas ruas mostravam os listões luminosos da iluminação caseira, escapando pelas janelas abertas. Mas estas fechavam depressa as bandas inteiriças. Outrora as janelas não abriam. Eram revestidas de um gradeado, as reixas, herança ciumenta do pater família português. Entre o toque de recolher e a caixa das novas a cidade adormecia...”⁴⁴

Assim descreve Cascudo a cidade por volta de 1850 que ele conhecia através de relatos. Não havia iluminação nas ruas o que resultava em uma noite morta, onde quase ninguém se aventurava a sair de casa. Ceava-se cedo, dormia-se cedo. A vida citadina encerrava-se com o pôr do sol. Apenas em 1859 inaugurou-se o sistema de iluminação pública do Natal. Contudo, a parca luz dos lampiões de querosene não melhorava muito a vida noturna da cidade. Mesmo com a claridade dos lampiões a escuridão ainda dominava as ruas.

⁴⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. p. 280-281.

Como a energia elétrica só chegou a capital potiguar em 1911 Cascudo, nascido em 1898, sentiu na pele o que era viver em uma cidade dominada pelo negrume da noite, quebrado apenas pela fraca luz dos lampiões. Em uma crônica de 1924 Cascudo relembra uma Natal em que a chegada da noite representava um mergulho na escuridão ou, na melhor das hipóteses, na mortífera luz do azeite dos lampiões.

“Despensa o comentário. Basta anunciar. Natal a noite. Estamos vendo uma cidade quieta como se aprendesse o movimento com as múmias pharaônicas. Sob a luz (quando há) das lâmpadas amarelas arrastam, meia dúzia de criaturas magras, uma pose melancólica de Byrons papa-gerimuns.

“(...) Estive uns tempos inquerindo de como alguns amigos meus passavam as primeiras horas da noite. As respostas ficam todas catalogadas em três classes. Indolência. Ficam em casa e tentam ler. Saem e não havendo (desde que morreu Parrudo) nada de novo entre nós, deixam-se ficar modorrando numa praça silenciosa. Instinto de elegância. Natal Club. Aí está como vive a noite de um rapaz nesta terra de vates e de enchentes.”⁴⁵

Por meio deste trecho temos uma vaga idéia de como eram as sociabilidades noturnas dos natalenses no início do século XX. Não havia o que fazer a noite. As trevas traziam calma e tranqüilidade a cidade. Viveu-se assim até o início da década de 1910. Em 1911, quando Cascudo contabilizava treze anos de vida, a luz elétrica chegou à Natal modificando significativamente o cotidiano urbano.

“... em 2 de Outubro de 1911, os bondes correram com as lanças nos fios e as primeiras lâmpadas brilharam nas ruas e residências da Ribeira e Cidade Alta.[...] Depois de 1911 as lâmpadas foram conquistando os arrabaldes pobres, as ruas tristes, os bairros distantes.”⁴⁶

Apenas em 1911 chegou à eletricidade, constituindo para muitos o carro-chefe do progresso. Ela possibilitava a extensão do dia, uma vez que a iluminação propiciava que muitas atividades antes impraticáveis com o cair da noite fossem agora realizadas após as dezoito horas. As luzes elétricas atraíam os natalenses para as atividades noturnas realizadas nos espaços citadinos, o simples clarão produzido pela iluminação pública já constituía um atrativo que chamava as pessoas às ruas. Além disto, a eletricidade também tornava possível uma série de melhoramentos urbanos, como por exemplo, os bondes aos quais se refere Cascudo no trecho acima, que modificaram bastante o cotidiano da cidade.

Portanto, na percepção de Câmara Cascudo, evidenciada através de seus escritos, um dos primeiros sinais que anunciam a emergência de uma nova Natal no seio da cidade antiga é

⁴⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *A Noite em Natal*. A Imprensa, 11 de maio de 1924.

⁴⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. p. 283.

a chegada da eletricidade. Esta possibilitou o surgimento de novos hábitos em um espaço marcado pela ausência de vida noturna, e propiciou ainda consideráveis mudanças técnicas. A emergência da energia elétrica constituiu uma das primeiras evidências de que Natal estava mudando, e de que o passado da cidade antiga ia ficando para trás.

A II Guerra Mundial e as Transformações Urbanas Natalenses

As crônicas cascudianas publicadas na década de 1940 anunciam mudanças sem precedentes no espaço e no cotidiano da cidade do Natal. Alterações que sepultavam quase que definitivamente a cidade antiga e seus velhos hábitos e vivências, ao mesmo tempo em que consolidavam um cenário e um modo de viver novos. Se nas duas décadas precedentes as transformações se faziam sentir suavemente entre os intelectuais mais atentos, dentre eles Câmara Cascudo, e indicavam sem dúvida a emergência de uma Natal nova e moderna suplantando a antiga e provinciana cidade do início do século, durante os anos 40 esta realidade se materializa confirmando as projeções destes indivíduos.

Através dos escritos de Cascudo podemos acompanhar o desenrolar dos conturbados anos 40 em Natal, onde novas formas de sociabilidades mudam a face da sociedade natalense, surpreendendo aqueles que viveram no começo do século e provocando um profundo sentimento de nostalgia em relação ao passado “tranquilo” da cidade. Contudo, é preciso levar em consideração que esse passado não foi tão harmônico como transparece das crônicas sobre a cidade antiga, se ele é construído desta forma é para sublinhar um claro contraste com a cidade que se moderniza, espaço perigoso em que as tradicionais hierarquias se dissolvem.

A década de 40 representou um momento crucial na história natalense, pois a forte presença militar na cidade contribuiu significativamente para intensificar um processo de transformação que já se evidenciava desde as duas últimas décadas. O grande deslocamento de contingentes militares norte-americanos e brasileiros para Natal, durante a segunda Grande Guerra, foi motivado pela sua excepcional posição geográfica, mesmo motivo que alguns séculos antes fizera os holandeses dispensar recursos humanos e materiais para conquistá-la. Ponto estratégico nas movimentações de guerra, as operações que partiam da cidade serviam para garantir a segurança da costa na esquina do Oceano Atlântico.

Mesmo antes da instalação da famosa base de *Parnamirim Field* e da chegada das tropas estrangeiras, as Forças Armadas do Brasil já haviam enviado um número considerável de homens para a cidade com a inauguração da Base Naval, em setembro de 1942, na margem

direita do Rio Potengi. Podemos imaginar o impacto que o deslocamento de tais tropas trouxe a um espaço em processo de modernização.

Entretanto, foi a construção da base de *Parnamirim Field* (a qual Cascudo dedicaria um capítulo inteiro em seu *História da Cidade do Natal*) e a conseqüente presença de grandes contingentes militares norte-americanos, durante os últimos anos da guerra, que viria a desempenhar o papel de agente catalizador das transformações urbanas e sociais que havia algum tempo vinham se desenrolando no espaço natalense. A implantação da base foi iniciada em 1940, porém, dada a pouca disposição do governo brasileiro em participar de um empreendimento militar dos aliados, quase parou completamente, sendo retomada com energia em 1942 e concluída em cerca de um ano. Durante a construção e, em especial, após o governo brasileiro declarar guerra a Alemanha o número de militares norte-americanos aumentou com vigor, passando a base a sediar o quartel-general das Forças Armadas Americanas no Atlântico Sul. Para Câmara Cascudo *Parnamirim Field* constituiu um dos pilares em que se assentou a vitória dos aliados na guerra, além de contribuir para modificar o espaço natalense. Vejamos suas palavras com relação à base:

“Os americanos construíram do outro lado da Base Aérea Brasileira, perto da lagoa, *Parnamirim Field*, o campo que mais ajudou a ganhar a guerra. Não há discursos a mais e sabotagem a menos capazes de fixar o papel exato de Parnamirim. Impossível dizer até onde este pouso foi insubstituível, inverossímil, decisivo. Foi a maior mobilização técnica obtida pelos Estados Unidos fora do seu território. Mesmo relativamente ao potencial americano, Parnamirim era imenso e digno de orgulho. Pistas de dois mil metros facilitavam a descida imediata de 250 aviões. Mil e quinhentos edifícios abrigavam 10.000 homens. Todos os serviços modernos, todos os recursos da técnica, possíveis ao gênio e ao dinheiro, estavam abundantemente acumulados em Parnamirim. A gasolina, média de 100.000 litros diários, vem de um pipe line com 20 quilômetros de distância, recebendo-a dos navios tanques, na cidades do Natal. Custara sessenta milhões de cruzeiros e seis mil operários trabalharam dia e noite, sem parar, em mistério. A gasolina contida no pipe line manteria em circulação todos os veículos do estado durante um mês. Articulando Parnamirim a Natal, surgiu uma estrada asfaltada, 20 quilômetros. Pagaram seis milhões de cruzeiros e durou seis semanas sua construção. É Parnamirim Road.”⁴⁷

É evidente a empolgação do autor com a atuação indireta de sua cidade no conflito mundial. Se por um lado afirma que não há discurso capaz de avaliar o exato lugar ocupado por *Parnamirim Field* na guerra, no seguinte parágrafo utiliza os adjetivos *insubstituível*, *inverossímil* e *decisivo*. O exacerbado carinho que sente em relação à cidade em que nasceu transparece em suas palavras. É certo que *Parnamirim Field* teve relativa importância para as

⁴⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. p. 400-401.

operações militares aliadas, contudo, insubstituível, inverossímil e decisivo parecem características cunhadas pelo ufanismo do autor. O “provinciano incurável” quer alçar sua terra a uma posição de destaque no cenário internacional, ponta- de- lança na vitória aliada. Também é possível perceber a empatia do autor com os norte-americanos.

As novidades técnicas, trazidas a Natal pela potência aliada, são relacionadas com admiração por Cascudo. Parnamirim constituía uma prova incontestável do avanço cultural e técnico americano, sendo um motivo de orgulho mesmo aos seus criadores. As inovações técnicas trazidas por eles são mencionadas de forma positiva, trazem melhorias a Natal, trabalho para seus habitantes, estradas, capital. Porém, na paisagem que os americanos ajudaram a criar nem tudo são flores, e nas crônicas desta década Cascudo demonstra como a alteração do cotidiano e a mudança nas formas de sociabilidade da população causaram-lhe uma profunda inquietação, tal qual se percebe neste trecho de uma Acta de 1945:

“Outrora havia uma frase típica do mandonismo doméstico e social: -Na minha casa manda eu!”

“Hoje essa frase existe mas não regula, jurídica e logicamente. Os direitos alheios oprimem as vontades próprias. Ninguém pode estudar trombone de vara pela madrugada porque o vizinho vai a polícia. É verdade que há uma tolerância, bem natalense, pelos rádios promovidos a auto-falantes, gritando reclames de sabonetes e vermífugos até horas altas, íntremeiados de sambas com letrinhas dignas de um hospício.”⁴⁸

De fato é uma tarefa difícil avaliar os reais impactos causados pela instalação da base aliada e pela presença norte-americana em Natal. No aspecto econômico é provável que a impossibilidade de *Parnamirim Field* de constituir uma base auto-suficiente, dado o estado de guerra, tenha contribuído para gerar capital. Em um primeiro momento a base foi concebida para ser auto-suficiente, recebendo víveres, roupas e demais produtos pessoais diretamente dos Estados Unidos, contudo logo se verificou que o abastecimento de uma unidade, que em alguns momentos chegava a comportar 10.000 homens, era inviável para uma nação que atravessava um conflito de tal proporção. Certamente a decisão norte-americana de comprar, a nível local, parte dos alimentos e gêneros de primeira necessidade movimentou o setor comercial da cidade. Foram estimuladas atividades como a agricultura, que ainda nessa época mantinha sua base voltada à cultura da cana de açúcar, a pesca, e uma incipiente indústria de gêneros primários.

⁴⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Polícia da Linguagem nos Anúncios*. A República, 10 de março de 1945.

No entender de Lopes: “se essas redefinições da economia local produziram novas espacializações sociais”⁴⁹, a presença norte-americana implicou também num importante redesenho da paisagem e da estrutura viária da cidade. De acordo com grande parte dos autores que escrevem sobre a história da capital potiguar, entre eles Luís da Câmara Cascudo, no início da década de 1940 Natal ainda mantinha um relativo isolamento geográfico. Encravada entre dunas e tabuleiros a cidade ligava-se ao restante do mundo por meio de estradas precárias, da linha de ferro da *Great Western* e de seu porto. A presença norte-americana resultou na reforma da estrutura de acesso à cidade. Construiu-se a estrada asfaltada, ligando a base americana ao porto da cidade, e várias outras ligações entre *Parnamirim Road* (assim foi batizada a “pista”, como a chamavam os natalenses), e os diversos pontos da cidade. As instalações portuárias, por sua vez, receberam inúmeras melhorias que possibilitaram aos estrangeiros o atracamento de navios maiores e o desembarque de grandes cargas. Natal, impulsionada pelo esforço de guerra, abriu-se ao mundo por meio dos investimentos dos governos norte-americano e brasileiro.

Sem dúvida a presença de contingentes do exército norte-americano trouxe investimentos à cidade, os quais possibilitaram significativas melhorias técnicas em um espaço que já estava em processo de mudança. A identidade provinciana da cidade começava a mudar para uma imagem mais cosmopolita. Parece-nos que já existe uma razoável literatura sobre o assunto, dando conta das transformações possibilitadas pela instalação da base de *Parnamirim Field* no espaço natalense. Dessa forma, a análise dessa ocupação e das mudanças materiais que ela provocou foge as nossas intenções.

As crônicas cascudianas da década de 40, como veremos mais adiante, nos permitem vislumbrar os aspectos sociais e culturais dessas modificações urbanas. Cascudo, confirmando sua imagem de pesquisador das “tradições populares”, estava mais atento as mudanças de hábitos e sociabilidades que essas transformações materiais produziam na sociedade urbana natalense. A presença norte-americana significou para ele, acima de tudo, resignação de costumes e formas de viver e enxergar o mundo. Os estrangeiros representavam a presença definitiva dos hábitos modernos em uma cidade já invadida pelos ideais e signos do progresso. Os escritos sobre a cidade neste período indicam a presença militar como um agente liberalizador de costumes e racionalizador da vida social da cidade, fazendo com que

⁴⁹ LOPES Edmilson. *A Construção Social da Cidade do Prazer: Urbanização Turística, Cultura e Meio Ambiente em Natal (RN)*. 1997. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). p. 39.

se oxigenasse um pouco de provincianismo local. Vejamos as palavras de João Mendes Melo, um homem que viveu o cotidiano natalense da década de 40:

“...apesar do blecaute quase todas as noites, apesar da BBC dizer, do alto falante instalado no Grande Ponto, o que Londres sofria todas as noites, o que os judeus estavam sofrendo, as batalhas perdidas; era possível ouvir, em vários lugares da cidade, o som de um jazz, a música do swing, os passos de dança. E a alegria contagiante do Barril de chope nas eletrolas, caça níqueis automáticas, importadas e instaladas em todos os bares e restaurantes da cidade, e quase sempre a música predileta para o final dos bailes.

Os americanos tinham os seus clubes de recreações e danças, os alegres USOs.(...) Swing e conga. Mais tarde da noite, a quietude e o cansaço dos cirnscunstantes, americanos e garotas brasileiras pediam um Fox em surdina. E ele chegava à meia luz.”⁵⁰

Neste pequeno trecho João Wilson Mendes Melo, que viveu a efervescente década de 40 em Natal, relata um pouco do que aconteceu no cotidiano da cidade com a chegada dos norte-americanos. A música podia ser ouvida em vários pontos da cidade; além dos rádios, já populares neste período, os estrangeiros trouxeram as eletrolas para tocar seu rítmico jazz. A maioria dos bares e restaurantes adequou-se ao gosto dos militares, tratou-se de produzir um ambiente acolhedor aos que vinham de fora. Organizaram-se clubes de recreações e danças para os americanos, onde eles podiam divertir-se e apreciar as mulheres mais ousadas da cidade naquela época. No texto acima podemos observar como a vinda dos contingentes militares, principalmente dos EUA, modificaram o cotidiano de um espaço ainda pacato e conservador, que apesar de vir passando por um processo modernizante há algumas décadas conservava grande parte de seus traços de cidade provinciana. Melo descreve com empolgação esta época de mudanças, que para ele eram notadamente benéficas. Contudo, para entendermos tal ponto de vista precisamos levar em consideração que na década de quarenta o autor vivia os anos de sua mocidade, em uma cidade de ritmo ainda lento em relação a outras capitais brasileiras. Ou seja, para um jovem irrequieto e ansioso por novas experiências qualquer alteração no cotidiano monótono em que vivia seria encarada com bons olhos. Câmara Cascudo, como poderemos comprovar através de algumas *Actas Diurnas* deste período, ao contrário de Melo vê na alteração da quietude que caracterizara a Natal antiga uma transformação intolerável e indesejada. O presente da cidade, em que o dia-a-dia nas ruas tornava-se cada vez mais agitado, vai servir como ponto de partida para construir o passado de uma Natal onde a tranqüilidade era praticamente inabalável.

⁵⁰ MELO, João Wilson Mendes. *A Cidade e o Trampolim*. Natal, Sebo Vermelho, 1999. p. 82.

Quanto aos hábitos e as formas de sociabilidade, influenciados pelos norte-americanos na nova Natal, vejamos o que diz Melo:

“(...) Influenciaram grandemente os americanos jovens e alegres, apesar de caminharem para as frentes de batalha, no modo de vida da terra que os abrigava com admiração.”

“Causava-lhes espécie o fato de passearem moças de braços dados com outras moças e rapazes em grupo de rapazes. Por que não casais? E conseguiram, pela admiração que se lhes votava, um começo de mudanças que prosseguiram.”

“Suas fardas eram mais esportivas que formais.”

“Os nossos paletós e as nossa gravatas foram desaparecendo. Por que ir em traje formal ao cinema Rex, sobretudo nas sessões populares como a saudosa Sessão das Moças, toda quarta-feira, às 7:30 da noite?”

“(...) Houve uma resposta natalense com a criação e a fabricação locais das pequenas botas que passaram a ser usadas pelos soldados americanos, como parte oficial dos seus uniformes. Criação e engenho do artesão brasileiro de Natal que desenvolveu por muito tempo essa verdadeira indústria de fabricação.”⁵¹

Tanto neste trecho quanto no precedente podemos perceber, através das palavras do autor, como a presença dos militares norte-americanos e brasileiros, ao contrário do que se poderia imaginar, teve um impacto liberalizador sobre os hábitos e costumes da sociedade natalense.⁵² Os EUA já constituíam uma potência mundialmente reconhecida e respeitada, portanto não é de admirar que os habitantes de Natal tentassem adequar sua forma de vida e seus hábitos cotidianos ao gosto dos estrangeiros, dando início à “... um começo de mudanças que prosseguiram”. O contato com o outro, o diferente, levou os habitantes de Natal a questionar e redefinir velhos costumes. Por exemplo, as próprias fardas dos militares norte-americanos eram acentuadamente esportivas, então porque os civis vestirem paletós e gravatas para irem a uma sessão popular do Cine Rex? Pequenas mudanças como estas, no vestuário, nas formas de relacionamento, na visão de si mesmo e do outro, indicam a emergência de novas sensibilidades, forjadas na agitação dos anos de guerra, ao mesmo tempo em que apontam para o desaparecimento de tradições seculares, que localizavam-se e confundiam-se com a própria imagem da cidade do começo do século. Vejamos, por exemplo, o hábito natalense, bastante comum entre parte da população no início do século, de reunir-se em grupos de amigos nas calçadas para conversar sobre os mais variados assuntos. Eram os chamados *cantões*.

⁵¹ MELO, João Wilson Mendes. *A Cidade e o Trampolim*. Natal, Sebo Vermelho, 1999.p. 95.

⁵² Ver LOPES, Edmilson. *Tempo e Dinâmica Espacial em Natal*. In: *A Construção Social da Cidade do Prazer: Urbanização Turística, Cultura e Meio Ambiente em Natal (RN)*. 1997. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

“Um dos aspectos mais curiosos da vida natalense à época a que nos reportamos é aquele que se refere ao costume de uma parte da população – políticos, empregados públicos de categoria, altas figuras do comércio se reunir em grupos em determinados lugares – para conversar. Criou-se assim o CANTÃO.”

“Um grupo de amigos – sem número definido, diariamente, à certa hora, se encontrava na calçada da residência de um deles – sempre o mesmo – e colocadas as cadeiras estava reunido o conclave.”

“Havia vários cantões na cidade, cada um com o seu feitio próprio.”⁵³

Assim descreve o antigo costume dos habitantes da cidade de se reunirem nas calçadas (típico das cidades menores) para jogar conversa fora um de seus contemporâneos, Pedro de Alcântara Mello. É importante lembrarmos que ele fala do começo do século, mais precisamente do ano de 1904, e o texto de onde foi extraída essa passagem data de 1962. Mas muito antes disso já não havia mais cantões. Escreve Lindolpho Câmara em 1938:

“Os cantões eram reuniões permanentes de pessoas amigas, nas calçadas de certas residências, para bater papo e falar da vida alheia. O mau hábito de falar da vida alheia é universal e eterno. Mas em Natal, já agora, não se fala apenas em locais determinados. Fala-se por toda parte.”⁵⁴

O processo modernizante em Natal, iniciado por volta da segunda década do século, vinha progressivamente apagando velhos hábitos e formas de viver. Os anos quarenta representam o ápice dessas mudanças. Se em 1938 os *Cantões* estavam em franco processo de desaparecimento, no decênio seguinte, com a agitação que ganha as ruas da cidade, eles deixaram definitivamente de existir em sua forma original. Agora as más línguas não escolhiam mais pontos específicos para falar da “vida alheia”, o tumulto que começava a tomar conta das ruas não era mais propício às velhas reuniões.

Para Luís da Câmara Cascudo é justamente a destruição das sociabilidades urbanas tradicionais a característica mais traumática dos anos quarenta. *Tradição*, esta foi uma palavra central ao longo de sua carreira intelectual. Dedicou-se vivamente ao que entendia como defesa e resgate das tradições *populares*. Portanto, suas crônicas que tratam da nova Natal tem um forte caráter de denúncia contra o que ele entendia como um assassinato das tradições urbanas natalenses. Os escritos produzidos na década de 1940 por este autor demonstram uma forte consciência de que as mudanças iniciadas nos anos precedentes, e exacerbadas naquele período, estavam apagando os hábitos e costumes do passado que ele tanto amava, daquele

⁵³ MELLO, Pedro de Alcântara. Natal de Ontem. Figuras e fatos de minha geração. Natal, Sebo Vermelho, 2006. p. 11.

⁵⁴ MELO, Veríssimo de. Natal há Cem Anos passados. Natal, Sebo Vermelho, 2007. p. 23.

tempo idílico de sua infância e adolescência. A cada crônica que dedica à nova Natal vemos afirmar-se uma postura quixotesca de batalha contra a passagem do tempo.

Nova Cidade, Novo Carnaval

No que diz respeito às transformações que a modernidade urbana estava causando nos hábitos e costumes tradicionais da sociedade natalense um tema, em especial, chama a atenção nas crônicas cascudianas da década de quarenta: as mudanças nas festas carnavalescas. A cada ano uma crônica registrava a admiração do autor com as novas maneiras inventadas pelo povo de comemorar o carnaval.

Em um texto de 1944, época em que, como foi frisado anteriormente, a presença de contingentes militares-norte americanos oxigenava o cotidiano da cidade trazendo uma certa liberalização de hábitos e costumes, o autor revela sua percepção de uma brincadeira carnavalesca que a cada ano ganhava mais espaço nas festa natalenses.

“E não brinquei. Mas andei olhando o carnaval, sublimador de todos os recalques, alegria irresponsável, esplendor popular, três dias fraternais de camaradagem espontânea.”

“Há, porém, uma nota que vale um simples confetti. Um leve reparo no turbilhão que passou.”

“Espantoso o número de homens fantasiados de mulher!... Uma maioria absoluta dos foliões dentro de saiotas, saias, soutiens, calçotas, chapéus, seios e ancas de mulambo, fingindo, imitando, representando a mulher.”

“(...) Num carnaval carioca, num banho de mar de fantasia, o registro dará o mesmo. Maioria de homens vestindo toiles femininas, com os gestos, ondulações, falsetes, passinhos e trepidações que não constituem características masculinas.”⁵⁵

Ele principia afirmando que não brincou o carnaval, contudo andou observando com atenção. Nesta atitude já podemos perceber a postura de etnógrafo de Cascudo, sempre atento às manifestações populares, tentando perceber as rupturas e permanências das tradições. No entanto, no seu entender as rupturas são constantes, as tradições populares estão sempre em vias de extinção, competindo a ele, o estudioso do assunto, salvá-las do desaparecimento através da escrita. Na referida crônica Cascudo relata sua admiração com o grande número de homens fantasiados de mulher. Se no passado recente de Natal essa irresponsável brincadeira não era comum, tendo em vista que a sociedade conservadora de uma cidade provinciana não encarava com bons olhos tais transgressões mesmo no carnaval, no período relatado na crônica a modernidade vinha conferindo um caráter de mudança nas formas dos divertimentos

⁵⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Um Confetti do Carnaval...* A República. 25 de janeiro de 1944.

populares. O crescimento e a modernização da cidade traziam um certo clima de liberalização, possibilitando que hábitos, antes consensualmente reprimidos, viessem à tona, como no caso da brincadeira carnavalesca de homens vestidos de mulheres.

Em 1948 ele novamente dedica uma crônica a este divertimento carnavalesco, que continuava se popularizando:

“Ano passado, no Carnaval, tive a honra de assistir à passagem de um grupo de foliões vestidos de mocinhas, saia azul, casquete de suspensório, soquetes nos pés e lacinho róseo, amarrando-lhes a cabeça inspirada. Esquecia-me de ajuntar que as bocas tinham os lábios pintados de batom e havia rodas de ‘rouge’, forte como placas de tomates, nas bochechas sorridentes, jiga-joga aperitivo, trejeitos alusivos ao sexo imitado. O grupo desfilou saracoteando, balançando quadris, em tão gostosamente cantando, cantando, cantando.”

“Gosto não se discute. Vamos respeitar esses rapazes maiores de 26 anos que se divertem semelhandando exteriormente moças, meninas e mulheres. Deixemos que a pele de ovelhas não dê ao lobo o temperamento do animal deliberadamente simulado. Parece que o estribilho da canção entoada pelas bocas besuntadas de vermelhão afirmava, candidamente: - Nós somos as belezinhas!...”⁵⁶

Nesta crônica, Cascudo apresenta, nas entrelinhas, seu juízo de valor acerca dos homens fantasiados de mulheres no carnaval natalense. Para o autor gosto não é uma matéria de discussão, é preciso respeitar as vontades alheias, entretanto, ele não consegue esconder seu repúdio por esse hábito que vinha ganhando mais espaço nos carnavais natalenses. O tom de suas palavras é de extrema ironia. As mudanças, que há algum tempo vinham transformando o espaço e a sociedade natalenses, estavam interferindo mesmo nas tradições populares. Cascudo reconhece que a festa carnavalesca sempre foi um momento de transgressão e extravasamento, porém no passado as formas de comemoração eram menos debochadas e nocivas. A própria brincadeira da troca momentânea de papéis, os homens se vestindo de mulher e as mulheres de homem, segundo o autor era proibida até há algum tempo.

“Há quinhentos anos, os sisudos mestres das ORDENAÇÕES AFONSINAS proibiam, terminantemente, homem vestido de mulher ou mulher vestida de homem.”

“Esse rigor do século XV veio quase aos nossos dias. Uma portaria do presidente Manuel do Nascimento Castro e Silva mandava meter na cadeia e sofrer processo o homem que andasse de saias ou as saias que usassem calças compridas. Gente feroz.”

“Depois, mestre Freud e seus discípulos em pansexualismo, com as pesquisas psicanalíticas, dizem muita coisa complicada, explicando essa predileção masculina pela roupa do sexo aliado.”⁵⁷

⁵⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Nós Somos as Belezinhas*. Diário de Natal, 05 de fevereiro de 1948.

⁵⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Um Confeti do Carnaval...* A República. 25 de janeiro de 1944.

Esse é um procedimento bastante comum nas crônicas cascudianas, buscar confirmação para suas argumentações no passado. Para ele a história é, de certa forma, uma espécie de juíza dos atos do presente. O passado sempre revelando a verdade das coisas. Observar o passado, na sua compreensão, seria a forma mais correta de proceder para formar uma opinião sobre os fatos presentes. Dessa forma, se a brincadeira carnavalesca de homens fantasiados de mulher para ele é um divertimento debochado e sem graça, busca até mesmo no passado colonial confirmação para suas teses. Há quinhentos anos, desde as Ordenações Afonsinas, esse hábito era proibido; há algum tempo os transgressores chegavam a serem presos; então porque a modernidade rompia com a tradição do passado? De acordo com Cascudo os antigos é que estavam com a razão. Imaginem se ainda estivesse vivo e pudesse observar um carnaval no século XXI! Certamente ficaria escandalizado.

Em outro texto, de 1948, Cascudo reclama de nova mudança introduzida nos carnavais de rua da cidade. Um fato que, na sua compreensão, aliado ao desfile dos “machos efeminados” contribuía para tornar o carnaval moderno um espetáculo ainda mais desrespeitoso e imoral. Desta vez o autor reclama veementemente contra as letras das músicas carnavalescas, que nesse ano demonstraram uma liberdade exacerbada, beirando os limites da pornografia:

“(...) Meia dúzia de idiotas (pertencem a essa meia dúzia) há anos e anos vêm lutando contra a vulgaridade criminosa das letras que sujam as músicas do Carnaval, músicas sempre deliciosas de graça melódica; vivazes, sugerindo movimento, alacridade, bom humor.”

“Nenhuma autoridade entendeu de apertar a garganta desse vozeirão deseducador e ensopado de vulgaridade, estupidez e fofice de incrível mediocridade, alagando a memória infantil brasileira, envenenando as horas do Carnaval, dando aos bailes sociais, onde são cantadas, sem intenção, o aspecto de uma porneia ou de um manicômio em dia de verificação de equilíbrio mental.”

“Incrível que tanta música bonita seja inutilizada pela ignorância de letras absolutamente cretinas, sem sentido, sem gramática, sem moral e sem vergonha.”

“Aqui não está nenhum assalto feroz contra o delírio da cura carnavalesca, nem ao tão natural e sentido Jus Lubi, o direito de divertir-se. O que se afirma é que o Brasil tem o direito, pelo Ministério da Educação, pela Polícia, pelas Secretárias de Educação Estaduais, de obstar a propaganda anual de uma maré de porcária condensada no condimento mais sugestivo e gostoso desse Mundo: - a música carnavalesca.”⁵⁸

Aqui, mais uma vez, Cascudo apresenta-se como o defensor da moral e dos bons costumes na sociedade natalense, contra a invasão de licenciosidade trazida pelo processo modernizante para o carnaval da cidade. O carnaval sempre foi caracterizado como um

⁵⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *A Letra das Músicas Carnavalescas*. Diário de Natal, 18 de fevereiro de 1948.

período de liberdade, de inversão de valores, de transgressão, no entanto, para Cascudo os anos que coincidiam com o momento mais marcante das transformações urbanas em Natal estavam exagerando nas comemorações. O autor, revelando sua face autoritária, afirma que os órgãos competentes deveriam intervir e obstar a circulação das letras mais abertamente pornográficas.

Ao refletirmos acerca destas crônicas cascudianas, publicadas na década de quarenta, que elegem como tema privilegiado as mudanças que estão ocorrendo na festa popular do carnaval, percebemos como seu autor enxerga a modernidade como um forte fator que estaria contribuindo para a dissolução da *cultura popular*. A adoção de novas formas de viver, se divertir e enxergar o mundo, em uma Natal que passava por um processo modernizante sem precedentes em sua história, constitui, na visão do autor, uma forte ruptura com a tradição que ele tanto defendia. O progresso estava, definitivamente, sepultando os últimos sinais da cidade antiga: as velhas formas de sociabilidade que ainda persistiam no cotidiano de Natal. Por isso Cascudo resiste tanto em aceitar as transformações físicas e sociais que estão ocorrendo no espaço urbano. Ele, em grande medida, vive uma outra temporalidade. O passado está sempre presente em sua vida, é nele que habitam suas melhores memórias, suas glórias familiares; é no passado que encontra refúgio contra as transformações que tanto o angustiam no presente.

Natal nos Anos 40: Cidade do Progresso e do Barulho

Se nas crônicas sobre a Natal antiga observamos a face de historiador de Câmara Cascudo, ao construir o passado de uma cidade que desaparecia lentamente passando a existir apenas através de suas memórias saudosas, nos textos acerca da Natal em que vivia Cascudo revela seu lado etnógrafo, pondo em prática a observação participante para retratar, em suas *Actas Diurnas*, o cotidiano de um espaço que passava por um rápido processo de transformação. De fato, Cascudo foi um atento observador do dia-a-dia da cidade em que nascera, neste momento crucial de sua história. Não escaparam aos seus sentidos atentos os sinais evidentes de mudança, que se faziam sentir nas ruas de Natal. Esta tomava ares de “cidade grande” segundo o folclorista, e isto não constituía nenhum grande benefício, mas pelo contrário, representava o aparecimento de problemas antes nunca enfrentados pela população natalense.

Um tema bastante abordado por Cascudo, em suas crônicas produzidas ao longo dos anos 1940, é a alteração da quietude que caracterizara a cidade em tempos passados. Acompanhando os escritos do autor durante esses anos percebemos claramente como a

emergência de um cotidiano mais complexo e conturbado foi vista com desconfiança. Se a Natal antiga foi produzida como o espaço da paz e da tranquilidade, onde o tempo demorava a passar e as pessoas viviam calmamente, a nova Natal é caracterizada como lugar da agitação e do barulho, do ritmo de vida quase frenético se comparado ao do início do século. As referências aos ruídos que iam transformando o cotidiano de uma cidade silenciosa são constantes durante esse período. O barulho das cidades modernas é apontado por Cascudo como um dos aspectos mais negativos da nova ordem urbana. Vejamos um trecho de uma crônica de 1945, publicada no periódico *A República*:

“A cidade do Natal, com seus sessenta mil habitantes prováveis, faz muito mais barulho que se possuísse meio milhão.”

“As buzinas dos autos berram sem pausa, os proprietários de rádios, especialmente de casas públicas, abrem todo o ‘volume’, transformando os aparelhos em estações retransmissoras, os pregões são repetidos diante de cada residência em vez de um número regular em cada rua, os velhos bondes roncam e metralham os ouvidos como animais termináveis e armas desprovidas de silenciadores.”

“Toda a gente sabe que essas cousas estão regulamentadas e previstas nas cidades grandes e médias de civilização.”

“Chama-se legislação do silêncio e há em todo Mundo.”

“Natal pode ir aprendendo esses bons costumes. Já está na idade de ir tomando modos, ares, atitudes de gente grande. Tem 345 anos de existência...”

“(...) Barulho não é civilização.”

“Entre um bairro de Paris e um povoado africano, qual pensam vossas mercês que seja o mais sonoro em gritos, apitos, estrilos, pregões, cantos, rufados, tinidos, conclamações.”⁵⁹

Já pela primeira afirmação do autor podemos perceber como ele estava atento as transformações espaciais e sociais que tinham lugar em Natal. De fato, é um dado bastante significativo o aumento populacional ocorrido na cidade neste período. Se em 1920 Natal tinha pouco mais de 30.000 habitantes, quando Cascudo escreveu esta crônica o número havia, praticamente, duplicado. Sem dúvida, o relativo desenvolvimento da cidade durante os anos quarenta, ocasionado, entre outros fatores, pela presença militar norte-americana, foi um atrativo a mais para as pessoas que acorriam a Natal. Se levarmos em consideração que outras capitais brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, nesta mesma década já contavam com populações bem mais numerosas, os sessenta mil natalenses podem parecer um número inexpressivo, contudo para uma cidade que até bem pouco tempo mantinha grande parte dos seus traços coloniais e que atravessava um processo modernizante de início, relativamente, recente, este dado é bastante significativo. Não é difícil imaginar o impacto causado pela duplicação do número de habitantes em um espaço em processo de

⁵⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Barulho não é Progresso*. A República, 25 de janeiro de 1945.

transformação. Com certeza a velha tranqüilidade, que caracterizara a cidade em outros tempos, foi substituída pela agitação e efervescência que tanto incomodaram Cascudo.

Se a cidade antiga constituía um espaço onde o silêncio tinha seu lugar assegurado, a nova Natal, que o folclorista descreve neste texto, é exatamente o seu contraponto. Agora é o barulho que toma conta das ruas. **“Começando a crescer, Natal está assimilando mais depressa os vícios que as virtudes das cidades grandes. O pior, um dos piores vícios de uma cidade é o barulho, o ruído dispensável, a hipertensão sonora, fábrica de neurastênicos e alérgicos”**⁶⁰.

Os equipamentos modernos chegavam mostrando todas as suas potencialidades. Automóveis de motores barulhentos guiados por motoristas impacientes, que a todo o momento disparam suas incansáveis buzinas contra os ouvidos dos transeuntes; rádios que, em certas casas comerciais, viram, praticamente, estações retransmissoras; bondes que produzem sons que mais se assemelham a berros animais e disparos de armas de grande potência.

O rádio, principal meio de comunicação na época, era percebido por Cascudo como um dos responsáveis pela barulheira que tomava conta das ruas, antes silenciosas, da cidade. É importante lembrarmos que esse equipamento moderno tinha feito suas primeiras aparições no cenário nacional não havia muito tempo. É tida como a data oficial da inauguração do rádio no Brasil o dia 07 de setembro de 1922, na então capital da República, o Rio de Janeiro, onde o presidente Epitácio Pessoa discursou sobre as comemorações do centenário da Independência brasileira, sendo transmitido para 80 aparelhos receptores, importados especialmente para o evento. No entanto, a implantação do rádio só pôde ser efetivada no dia 20 de abril de 1923, data em que foi fundada a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, de propriedade de Roquette Pinto e Henry Morize, criada para atuar sem fins comerciais.

Neste momento o rádio podia ser considerado um meio de comunicação para as elites, uma vez que os aparelhos receptores eram caros e tinham de ser importados, sendo inacessíveis às camadas menos abastadas da população do país. Além disso, a programação era também elitizada, sendo voltada para a educação e as ciências, e composta em sua quase totalidade por operas, poesias, concertos, palestras e temas educativos. Na década de trinta as coisas começaram a mudar no cenário radiofônico nacional, principalmente com a introdução dos chamados reclames (comerciais), entre as programações eruditas. Este foi um dos primeiros fatores que atraiu as camadas populares para a audiência dos programas de rádio, contribuindo para sua difusão e popularização na década seguinte. Foi também neste período

⁶⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Natal, Cidade do Barulho*. Diário de Natal, 13 de março de 1948.

que se criou a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a qual se tornaria um marco na história deste meio de comunicação. Surgem ainda a Rádio Bandeirantes, em São Paulo, e a Rádio Globo, no Rio de Janeiro, que contribuíram significativamente para a diversificação das programações, motivada pela concorrência entre as emissoras.

Os anos 1940, por sua vez, ficaram marcados como a “época de ouro do rádio brasileiro”. Neste período a disputa entre as emissoras aumentou cada vez mais, e a briga pela conquista de novos anunciantes e patrocinadores era intensa. Interessadas também nas camadas mais pobres da população brasileira (que continham um grande número de analfabetos), as rádios vão ficando cada vez mais populares apostando nas mais variadas atrações, como por exemplo, nas radionovelas, inauguradas pela Rádio Nacional em 1942 com “Em busca da felicidade”.

No que se refere a Natal podemos considerar, tomando como base as crônicas cascudianas, que foi na década de 1940 que se deu o surto de popularização do aparelho. Antes disso, os principais meios de comunicação de massa encontrados na cidade eram os jornais impressos e, posteriormente, o sistema de alto-falantes, denominado Indicador da Agencia Pernambucana – I. A. P., inaugurado em 1938. Os amplificadores de som, popularmente conhecidos como “bocas de ferro”, eram instalados nas praças públicas, sendo interligados por fios e transmitiam músicas gravadas, informações jornalísticas, poesias, dramas e apresentações artísticas ao vivo. O I. A. P. constituiu um importante divulgador de notícias, principalmente durante os primeiros anos da segunda Guerra Mundial.

O sistema de auto-falantes pode ser considerado um precursor dos aparelhos de rádio em Natal, proporcionando a população natalense entretenimento e informação. Vale lembrar que o I. A. P. transmitia alguns programas de rádios nacionais, e nos primeiros anos da guerra as informações da BBC de Londres. As praças ficavam cheias, pessoas se aglomeravam embaixo dos auto-falantes atentas às notícias do mundo em guerra, contudo as 9:15 da noite acabava o noticiário e a cidade se esvaziava. Como o sistema de auto-falantes só funcionava em determinadas horas e em certos lugares é de se imaginar que não introduzisse tanto barulho no cotidiano da cidade, uma vez que as programações tinham horas definidas para começar e terminar, e o volume das transmissões era controlado pelos administradores.

Nos anos quarenta o rádio passa, definitivamente, a fazer parte do dia-a-dia natalense. A “Era de Ouro” do rádio no país coincidiria com a popularização do aparelho em Natal. Em 29 de novembro de 1941 é dado o passo que incorpora os transmissores de rádio ao cotidiano natalense: a inauguração da Rádio Educadora de Natal. Cerca de um ano após a instalação desta primeira estação radiofônica do Rio Grande do Norte o Brasil entra na segunda Grande

Guerra, e Natal, localizada numa posição estratégica como já foi discutido anteriormente, tornou-se base militar dos EUA. A pequena cidade recebeu um grande contingente de militares, sobretudo americanos, a partir da criação da Base Aérea de Natal e de *Parnamirim Field*. A população cresceu consideravelmente, o que mudou de forma drástica os hábitos locais, conferindo inclusive uma vida noturna ao local, com a inauguração dos já citados USOs – United States Organizations, – clubes de lazer para os soldados⁶¹. Naquela época o rádio assumiu um importante papel na difusão de notícias, na veiculação de músicas norte-americanas, tendo o jazz como o gênero reconhecidamente presente nas programações, nos estrangeirismos e no modo de falar dos locutores.

Através das crônicas cascudianas desses anos podemos perceber como os aparelhos transmissores não demoraram a espalhar-se pela cidade, modificando sobremaneira o seu cotidiano. Muitas residências e, principalmente, estabelecimentos comerciais adotaram este meio de comunicação. Contudo, para Cascudo os natalenses não sabiam usar, de uma forma educada, seus rádios. Cada proprietário escutava o seu aparelho na altura que bem desejasse, criando nas ruas da cidade uma confusão sonora sem precedentes. O antigo silêncio fora agora substituído pelo barulho estridente dos vários equipamentos ligados ao mesmo tempo, causando aos ouvidos uma intolerável sensação:

“Não é possível, num apartamento, abrir-se o volume de voz a um rádio e deixar um samba abalando todo o edifício sob pretexto de que o dono do aparelho é livre e não tem contas a prestar com as orelhas alheias, não é lógico que toda a gente se interesse pelo mesmo programa e procure contagiar essa simpatia pelo estridor instrumental ou vocal. A popularidade, cada vez maior do rádio, a quase obra de possuí-lo, não implica numa proclamação de direito sobre o sossego ou idiosincrasias circunvizinhas.”

“Um amigo da Rua Princesa Isabel não podia conservar o mesmo timbre de voz graças ao berreiro do rádio paredes-meias. Por que você não pede para o seu vizinho gozar o rádio sozinho, sem esse fervoroso entusiasmo comunicativo?”

“ – Não peço, não senhor. Vingo-me. Quando ele quer dormir, eu ligo o meu rádio para os programas mais idiotas e deixo gritar a vontade...”

“A função educadora do rádio, nesse caso, é diametralmente oposta a uma finalidade elementar de bom comportamento. O melhor é ter um rádio e ouvi-lo sempre. Ouvi-lo em nossa sala sem a participação dos outros que, podem ou não, estar em momento de boa recepção mental.”⁶²

Cascudo, neste trecho de uma crônica de 1947, demonstra toda a sua indisposição com a grande quantidade de ruídos provocados pelos rádios natalenses. Mais uma vez ele assume uma posição de insatisfação com as mudanças que os equipamentos modernos, símbolos do tão desejado progresso, vão provocando nos antigos hábitos e costumes da sociedade. Se o

⁶¹ Ver MELO, João Wilson Mendes. *A Cidade e o Trampolim*. Natal, Sebo Vermelho, 2003.

⁶² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Direito de Não Ouvir*. Diário de Natal, 11 de outubro de 1947.

espaço físico da cidade não era mais o mesmo, a Natal antiga desaparecera quase por completo, as sociabilidades e o cotidiano também estavam mudando drasticamente. A velha quietude, resguardada pelo silêncio, dava lugar agora a um agitado e estridente tumulto, que tomava conta do espaço urbano. Se por um lado não podemos analisar as transformações urbanas de uma cidade de sessenta mil habitantes usando o conceito benjaminiano de “turbilhão”⁶³, por outro não devemos ignorar a efervescência que o processo modernizante trouxe as ruas de Natal. Sem dúvida o movimento urbano cresceu significativamente nesta época. O barulho que denuncia Cascudo em suas crônicas é uma evidência disto.

Cascudo parece sugerir ainda, nestes dois textos, uma mudança de postura nos próprios habitantes da cidade em transformação. O individualismo parece ter tomado conta das pessoas. A atitude dos proprietários de rádios, que “abrem todo o volume de seus aparelhos” pouco se preocupando com os “ouvidos alheios”, é significativa. Se a cidade antiga aparece nas crônicas como um espaço em que todos se conheciam e se respeitavam, onde a comunidade vivia da maneira mais harmônica possível, a nova Natal que Cascudo apresenta nos textos dos anos quarenta rompe com essa imagem. Nela o que impera é a vontade individual, sufocando qualquer premissa de coletividade. Segundo o autor, os donos de aparelhos receptores parecem acreditar que não devem satisfação a ninguém, nem mesmo aos vizinhos. O fato de possuir o equipamento o isenta de qualquer preocupação com os outros. A propriedade confere total liberdade de uso. Cascudo aponta para a exacerbação do individualismo que a nova ordem urbana e burguesa trazia em seu esteio. Então:

“É preciso que a Chefia de Polícia ou a Prefeitura Municipal, alegando razões de ordem psicológica, terapêutica, educacional, moral, social, comum e geral, informe discreta e sizudamente aos donos de rádios, de autos, etc., que não dispõe, totalitariamente, dos ouvidos do próximo. Inicialmente podia-se conceder um determinado horário para esses idolatras do ruído. Poderiam riscar as ouças não pessoais até as vinte e uma horas, a hora simpática e tradicional em que se ouvia rufar a caixa das nove⁶⁴, no princípio do século passado.”⁶⁵

As crônicas, nesse sentido, mais uma vez assumem um tom deliberado de denúncia. O autor procura alertar seus leitores para a outra face das transformações urbanas que estavam

⁶³ Em seu clássico estudo de um dos mais notáveis poetas franceses, Baudelaire, Walter Benjamin observa as transformações urbanas ocorridas na Paris Hausmaniana através da ótica do turbilhão humano que tomou conta das ruas parisienses. Ou seja, as ruas da moderna Paris eram o lugar onde as individualidades eram dissolvidas pela massa humana que por ali circulava. BENJAMIN, Walter. *O Flâneur*. In: Obras Escolhidas III. Um Lírico no Auge do Capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1994.

⁶⁴ De acordo com o que esclarece Cascudo em *História da Cidade do Natal*, no tópico “Luzes da Cidade”, a caixa das nove constituía o toque de um tambor no Quartel da Tropa de Linha, que anunciava a chegada das 21:00 na cidade. Uma espécie de toque de recolher.

⁶⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Barulho não é Progresso*. A República, 25 de janeiro de 1945.

ocorrendo em Natal. Para Cascudo, o progresso, tão decantado e ansiado por uma parte da intelectualidade natalense, trazia problemas antes nunca suspeitados pelos habitantes da cidade. Nos escritos da década de quarenta, assim como nos demais textos em que é abordada a cidade em processo de modernização, o autor não consegue esconder sua insatisfação com as mudanças que estavam ocorrendo no cotidiano de Natal. Sua batalha enquanto intelectual engajado nos destinos da cidade se concentra no sentido de deter a passagem do tempo e tudo aquilo que ela representa: fluxo e mudança contínuos.

Nestas crônicas de nomes bastante significativos, *Barulho não é progresso* e *O Direito de Não Ouvir*, Cascudo coloca o barulho como característica de cidades atrasadas. Para ele “*barulho não é civilização*”. São bastante interessantes às associações que o autor faz no primeiro trecho, em sua elitista visão de mundo, **“Barulho não é civilização. (...) Entre um bairro de Paris e um povoado africano, qual pensam vossas mercês que seja o mais sonoro em gritos, apitos, estrilos, zabumbas, pregões, cantos, rufados, tinidos, conclamações”**. Enfim, para ele a África constituiria um continente incivilizado e atrasado, enquanto os países europeus seriam o berço do silêncio, portanto civilizados. O texto assume um caráter educativo, alertando os leitores acerca dos malefícios causados pelas maquinarias modernas. É necessário que Natal cresça, mas não abdique de atributos que a tinham caracterizado em outros tempos. O silêncio é indispensável à civilização e ao avanço. Na segunda crônica o autor chega a comparar o barulho a um veneno que destrói qualquer indivíduo:

“Médicos e educadores sabem o que vem a ser um ruído, um rumor, um barulho e sua influência no sistema nervoso infantil e adulto. Envenena-se pelo rumor como pela via oral, engolindo-se o tóxico. O rumor gasta a energia, dispersa a atenção, deseduca o sentido, exaspera a percepção, desvia a mentalidade. Prefeitos, sanitaristas, educadores, psiquiatras conseguiram dos Governos essa Legislação do Silêncio, obrigando democraticamente, a maioria a respeitar a unidade, ou essa unidade acatar a decisão da maioria quando fundamentada em lógica científica. Em qualquer cidade grande, dessas que Verhaeren denominou tentaculares, há uma série de obrigações impostas pelo dever de respeitar-se o silêncio, ou prazer do próximo...”⁶⁶

O ruído, som indissociável de uma grande metrópole, é relacionado como uma das piores moléstias modernas, acabando com as atividades intelectuais dos indivíduos. Para Cascudo o barulho tem que ser combatido e controlado por autoridades administrativas, por constituir uma questão de saúde pública. É preciso exterminar essa mal, assim como é necessário controlar uma epidemia urbana. E qual a solução apontada pelo autor? A *Legislação do Silêncio* existente em todo o mundo, mas que não era respeitada em Natal.

⁶⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Direito de Não Ouvir*. Diário de Natal, 11 de outubro de 1947.

Em 1948, já alguns anos após o fim da segunda Guerra e da presença militar norte-americana, Cascudo continua queixando-se dos ruídos que enchem a cidade do Natal. O tom de suas palavras soa ainda mais veemente que nos anos anteriores e dispara com ironia:

“Moro justamente na artéria principal da cidade e por onde corre o sangue mais violento e barulhento do Natal. Tenho ficado observando automóveis, caminhões e bondes, motocicletas, bicicletas e carroças em passagem diurna e noturna. Os veículos mais bem educados são justamente as carroças, com a rodagem de borracha espessa e o burro primorosamente silencioso. O dono é que, às vezes, vai discutindo com o ajudante ou com outro amigo distante ou com ele mesmo os altos problemas individuais do comer e do beber, ajudado por quem bebe água e come capim. Os bondes natalenses são instrumentos modernos de medir a resistência nervosa das criaturas insensíveis. Os motores representam, com precisão matemática, as cenas de bobarreamento rítmico da Sicília pela esquerda aliada ou o surdo e majestoso fogo-de-barragem na invasão da Normandia. Os klaxons e buzinas foram admiravelmente escolhidos entre as coleções mais estridentes e completas das lanchas-relâmpagos da Polícia Marítima de New York e das sirenes de incêndio. Algumas avisam, com precisão e eficiência, a população de Macaíba quando passam pela Junqueira Aires. Escapação aberta, carburador desregulado, dando descargas magníficas, lembrando metralhadoras pesadas, são elementos comuns ao dinamismo da cidade que se torna civilizada com essa visão tempestuosa da vida e dos seres.”

“Os rádios particulares também são moderníssimos. O volume é perceptível na ilha do Disko ou nas solidões geladas do Alaska. Queira ou não queira, educamo-nos nos programas espirituosos e nas novelas muito bem feitas.”⁶⁷

Esta crônica, do final da década, praticamente resume tudo o que Cascudo vinha reclamando durante os últimos anos acerca dos ruídos urbanos. Contudo, a acidez do texto chama a atenção. O autor parece, em grande medida, desiludido com os rumos que o progresso vai tomando na cidade. Se as outras crônicas dos anos quarenta aqui analisadas apresentavam um caráter, em grande medida, educativo, apresentando os problemas mas ao mesmo tempo apelando ao bom senso dos cidadãos para resolve-los, este texto exacerba a crítica ao barulho urbano sem oferecer qualquer alternativa de saída. O autor, que mora em uma das principais avenidas da cidade, impressiona-se com a poluição sonora causada pela movimentação de carros, caminhões, bondes e outros meios de transporte. Para ele, os veículos mais educados são exatamente aqueles que representam o passado da cidade, quando ainda não havia os barulhentos motores: as carroças puxadas por burros.

É interessante notar o recurso narrativo de que Cascudo se utiliza para chamar a atenção de seus leitores nesta crônica. Como a guerra havia terminado há pouco tempo e ainda estava bastante presente no imaginário dos natalenses ele compara os principais causadores de ruídos nas ruas da cidade com artefatos bélicos e episódios da guerra. Assim os

⁶⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Natal, Cidade do Barulho*. Diário de Natal, 13 de março de 1948.

motores representam o bombardeamento da Sicília, as buzinas se parecem com as das lanchas da Polícia Marítima de New York, os automóveis lembram metralhadoras pesadas. Por fim Cascudo reconhece ironicamente que esses são elementos intrínsecos de uma cidade que se torna grande. Nenhum apelo ou conselho a população é apresentado.

A Cidade Como Escrita

Um outro aspecto da Natal moderna que, na década de 1940, chama a atenção de Cascudo tal qual a questão do ruído incômodo é a explosão de letreiros e informes publicitários, que neste período ganha as ruas da cidade. Se no passado a paisagem urbana constituía um cenário de grande beleza devido, sobretudo, a convivência harmônica entre natureza e artificialidade, a Natal desta época apresentava-se para o autor como um feio cenário, onde os anúncios murais, os cartazes e demais inscrições espalhados por todos os recantos, trazidos no esteio do processo de urbanização, consistiam em uma agressão visual. A cidade que se moderniza vai, lentamente, transformando-se em escrita. As palavras grafadas inscrevem-se no cotidiano da nova Natal, suplantando a oralidade como principal meio de transmissão da experiência, e transformando o espaço urbano em um espécie de página garranchada de rabiscos.

De fato, não só em Natal, mas em todos os espaços citadinos que cresceram e passaram por um processo de modernização os letreiros e demais formas de escrita pública tornaram-se um dos componentes constitutivos da paisagem urbana. Eles anunciam o desenvolvimento comercial e capitalista ao veicularem os mais variados reclames, propagandas e outros tipos de informações.

Walter Benjamin, em um trecho de *Rua de Mão Única*, esboça uma compreensão da cidade e do mundo como escrita, que é bastante esclarecedora:

“A escrita, que no livro impresso havia encontrado um asilo onde levava sua existência autônoma, é inexoravelmente arrastada para as ruas pelos reclames e submetida às brutais heteronomias do caos econômico. Essa é a rigorosa escola de sua forma. Se há séculos ela havia gradualmente começado a deitar-se, da inscrição ereta tornou-se manuscrito repousando oblíquo sobre escrivatinhas, para afinal acamar-se na impressão, ela começa agora, com a mesma lentidão, a erguer-se novamente do chão. Já o jornal é lido mais a prumo que na horizontal, filmes e reclames forçam a escrita a submeter-se de todo à ditatorial verticalidade. E, antes que um contemporâneo chegue a abrir um livro, caiu sobre seus olhos um tão denso turbilhão de letras cambiantes, coloridas, conflitantes, que as chances de sua penetração na arcaica quietude do livro se tornaram mínimas. Nuvens de gafanhotos de escritura, que hoje já obscurecem o céu do pretenso espírito para os habitantes das grandes cidades,

se tornarão mais densas a cada ano seguinte. Outras exigências da vida dos negócios leva mais além.”⁶⁸

Podemos perceber uma notável comparação da leitura da cidade com a leitura de um livro. A cidade, no entanto, verticaliza as palavras. Ela as força a se levantarem do seu secular descanso na quietude dos manuscritos e dos livros impressos para servir aos ditames do mundo moderno. É importante observar que o espaço urbano se transforma em escrita não só pela profusão de letras, letreiros, placas e anúncios existentes, mas também pela forma de seus habitantes se relacionarem com ele, pela possibilidade de ler a cidade como se lê a um texto, decifrar os signos que revelam algum sentido ao observador.

Se a escrita tinha nos livros impressos um pouso firme e tranqüilo, a modernidade e os ditames econômicos capitalistas transportaram-na das páginas para o espaço das ruas. O morador das grandes cidades já não precisa mais folhear um livro para mergulhar no encantado mundo das palavras pois elas hoje são parte integrante de seu cotidiano, estão nos muros, nos vivos letreiros espalhados por todos os lados, nas placas das ruas. As cidades instituem-se também como escrita.

Cascudo, através de alguns textos de 1940, expressa a compreensão de que também a cidade do Natal vinha se transformando em um espaço de grafia cada vez mais abundante.

“Uma parte essencial nas cidades é o anúncio mural, o anúncio pintado nas paredes das ruas, nos cartazes para bondes e esquinas. Essa literatura caracteriza esse fim de século e há para ela, em toda a parte, as exigências legais do bom senso e do bom gosto.”

“É preciso, em bem da beleza citadina, um expurgo nessa liberdade de mau gosto tão cheio de boa intenção. Ninguém admite a possibilidade de um desses proprietários achar feio a sua taboleta ou os riscos, fisionomias humanas ou de bichos, fixadas em sua casa. O pintor, por sua vez, cumpriu ordens ou satisfaz sua intenção pessoal, ignorando, santamente, os cânones rígidos da Arte Plástica e Gramatical.”

“A cidade, com seus viajantes, visitantes, vagabundos e moradores, não pode e não deve apresentar o aspecto suburbano que apresenta, com disformidades gramaticais e bruxedos horrendos querendo ter pretensões a ser qualquer cousa.”

“A polícia gramatical e estética nos anúncios é uma necessidade. Necessidade legal e de bom gosto...”⁶⁹

Cascudo já de início reconhece que esse tipo de literatura, que é típico da cidade que se quer moderna, caracteriza o período em que estava vivendo. Ele, que viajara por diversas capitais brasileiras que experimentavam um surto de modernização bem mais intenso que Natal, como o Recife ou o Rio de Janeiro, sabia que as grandes cidades estavam repletas de

⁶⁸ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única*. São Paulo, Brasiliense, 1995. p. 28.

⁶⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Polícia da Linguagem nos Anúncios*. A República, 10 de março de 1945.

escritos ao longo de suas ruas. E Natal, que vivia uma época de crescimento acelerado e de aumento populacional intenso, ainda mais por estar recebendo contingentes militares, assistia a proliferação dos anúncios murais, das tabuletas expostas, dos cartazes nas paredes. Já não era mais como no início do século, onde praticamente todos se conheciam no espaço citadino e a oralidade substituíra os reclames escritos de produtos e serviços na divulgação pública.

Para Cascudo a Natal antiga constituía um local em que as tradições tinham sua continuidade assegurada. Cozinheiras, pescadores, feirantes, vendedores de rua, festeiros, cantadores, enfim, todos os tipos populares, que segundo o autor eram característicos da velha cidade, mantinham viva sua cultura através da transmissão oral. As festas, os folguedos, os gestos, a própria troca de informações e experiências do povo perpetuavam-se através de uma forma não escrita. A Natal antiga, portanto, enquanto espaço privilegiado da manifestação de uma *cultura popular*, que Cascudo entendia como milenar e iletrada, constituía uma cidade da palavra falada, da voz, da oralidade enfim, e não da escrita. Desse modo, os anúncios, que na cidade moderna vão se desdobrar em uma abundante escrita espalhada pelas ruas em cartazes, tabuletas, pinturas nos muros, na velha Natal eram produzidos, sobretudo, pela voz que enunciava. A publicidade era feita através da conversa, a oferta de produtos e serviços era gritada pelo ambulante na porta de cada residência.

É importante notar que a palavra, o nome, também tinha seu lugar na cidade antiga. Lembremos o tópico, do capítulo anterior, *Geografia Invisível*, onde tivemos a oportunidade de acompanhar determinadas crônicas cascudianas em que as denominações de algumas velhas ruas são discutidas. De acordo com Benjamin:

“A cidade possibilitou a todas as palavras, ou pelo menos a um grande número delas, algo que só era acessível a pouquíssimas, a uma classe privilegiada de palavras: serem elevadas à nobreza do nome. Esta revolução da língua foi realizada pelo que há de mais comum: a rua. – Através dos nomes de ruas a cidade se torna um cosmos lingüístico.”⁷⁰

Na Natal do início do século o nome das ruas representava uma intersecção entre a palavra escrita e a vocalizada. As ruas tinham suas designações oficiais, que eram representadas por meio da escrita e apareciam em documentos e textos. Todavia, na compreensão de Cascudo, o povo, a gente simples, se apropriava dessas palavras de uma maneira bem particular. Os nomes das ruas sugeriam antes uma imagem espacial armazenada na memória do que uma palavra escrita, inscrita na cartografia do espaço urbano. Ou seja, embora as denominações das ruas sugerissem uma interferência da palavra escrita na Natal

⁷⁰ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006. p. 563.

antiga, os habitantes da cidade transformavam-nas em oralidade. Muitas ruas chegavam mesmo a serem conhecidas por nomes extra-oficiais, que não constavam em nenhum registro escrito.

De acordo com Cascudo é a modernização que vai transformar Natal em cidade da escrita. No moderno espaço urbano em que o folclorista vivia, local do progresso e da emergência de novas sociabilidades, não havia mais lugar para a *ingênua cultura popular*. Para Cascudo, o processo modernizante em Natal, ao romper com as tradições e erigir novos hábitos e costumes, desaloja a cultura do povo de suas ruas. Na nova Natal impera a cultura massificada, importada dos grandes centros industrializados, que impõe a padronização e a impessoalidade. O capitalismo dita o ritmo das transformações de acordo com os seus interesses. As ruas passam a ser o habitat das grandes massas, do coletivo, este sujeito anônimo que sufoca a cultura tradicional. Os anúncios murais, as tabuletas, os cartazes, os letreiros, as placas indicativas de nomes e direções, enfim, todas as grafias introduzidas na capital potiguar pela modernização e pelo capitalismo vão, pouco a pouco, transformando a cidade da oralidade em cidade da escrita. O que o autor parece esquecer é que ele próprio, enquanto cronista e historiador da cidade, contribui para torná-la um espaço da escrita. Ao transformá-la em palavras impressas, por meio de seus textos, Cascudo colabora para que a letra que cristaliza se imponha sobre a voz que enuncia.

Na compreensão de Cascudo a modernização, responsável pela emergência da cultura de massa nas ruas de Natal, conferia aos indivíduos uma excessiva liberdade de intervenção no meio urbano. Na referida crônica, citada acima, aponta a vontade individual dos habitantes como principal motivo que propicia o aparecimento da feia escrita que se observava na cidade.

As tabuletas exibidas nos estabelecimentos comerciais, os cartazes afixados nas paredes, os garranchos pintados nos muros, que muitas vezes ignoravam todos os princípios estéticos, tornavam-se possíveis pela liberdade que a nova Natal proporcionava aos seus moradores. A cidade moderna constituía um lugar onde público e privado confundiam-se. Os limites entre as *vontades próprias* e os *direitos alheios* não eram nítidos. Se na Natal antiga o caráter pessoal das relações levava os indivíduos a respeitar o espaço alheio, na nova o individualismo se impunha e resultava na liberdade para fazer o que bem entendesse. Sobre este aspecto Walter Benjamin novamente revela uma compreensão bastante esclarecedora:

“As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de

suas quatro paredes. Para este coletivo, as brilhantes e esmaltadas tabuletas das firmas comerciais são uma decoração de parede tão boa, senão melhor, quanto um quadro a óleo no salão do burguês; muros com o aviso ‘Proibido colar cartazes’ são sua escrivaninha; bancas de jornal, suas bibliotecas; caixas de correio, seus bronzes; bancos de jardim, a mobília de seu quarto de dormir; e o terraço do café é a sacada de onde ele observa seu lar. Ali, na grade, onde os operários do asfalto penduram o paletó, é o vestibulo; e o corredor que conduz dos pátios para o portão e para o ar livre, esse longo corredor que assusta o burguês é, para eles, o acesso aos aposentos da cidade. A passagem era o aposento que servia de salão. Na passagem, mais do que em qualquer outro lugar, a rua se apresenta como o *intérieur* mobiliado e habitado pelas massas.”⁷¹

Na cidade moderna as ruas são a residência do coletivo, da multidão, um sujeito anônimo e indistinto. Nelas ele se comporta como se estivesse em sua própria casa. Interage, experimenta, cria, de acordo com suas vontades. O coletivo transforma o espaço público das ruas em uma espécie de ambiente privado. Ele se apossa das vias e alamedas e faz delas uma extensão de suas moradas, apropria-se de seus elementos livremente e molda-os de acordo com seu gosto.

É preciso levar em consideração que Benjamin se refere, no trecho citado acima, a Paris do século XIX, uma experiência urbana de proporções titânicas. Por volta de 1850 esta cidade contava com cerca de um milhão de habitantes. Dessa forma, quando ele fala em coletivo, em massas, esses substantivos assumem uma significação bem mais relevante em seu discurso. Natal na década de 1940 não era uma cidade de multidões. No entanto, o processo modernizante e o aumento populacional eram significativos, dadas as proporções da cidade no século passado. Se no passado suas ruas eram percorridas por indivíduos que, em grande medida, conheciam-se uns aos outros, na nova Natal a modernidade trazia a despersonalização das relações, os caminhantes passavam a ser uma massa indistinta. O coletivo tomava conta do espaço urbano e transformava-o de acordo com seu livre-arbítrio. Deixando um pouco de lado a disparidade entre as proporções espaciais das duas cidade, a passagem de Benjamin nos leva a observar a Natal que se enche de escrita como uma obra do coletivo, esse ser tão característico dos espaços urbanos modernos. Na capital potiguar dos anos quarenta as ruas, lugares públicos, eram transformadas em ambientes privados por um coletivo que colava cartazes, afixava feias tabuletas, rabiscava garranchos nos muros. Os *direitos alheios* oprimindo as *vontades próprias*.

Todavia, para Cascudo era necessário que os letrados e demais formas de grafia, que se espalhavam pela cidade, obedecessem a normas legais, reguladas pelo bom senso e pelo bom gosto. A cidade como escrita devia proporcionar uma boa leitura. Mas não era isso que

⁷¹ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006. p. 468.

se observava em Natal. Segundo Cascudo, assim como havia uma tolerância bem natalense pelo barulho, existia certa indiferença com relação à feiúra estética de muitos anúncios.

Para ele, em prol da beleza citadina, era preciso que se mantivesse um controle sobre essa escrita. A cidade, com seus vários indivíduos, não devia tolerar o aspecto suburbano que lhe conferiam as barbaridades gramaticais se almejava a ser uma grande capital. Segundo Cascudo, a escrita que respeitasse os cânones da norma e da estética era uma obrigação, nem que para isso fosse preciso um rígido controle.

Porém, dois dias após a publicação daquela *Acta Diurna* o jornal *A Ordem*, um outro periódico natalense da época, publicou um artigo em que os argumentos de Cascudo acerca dos anúncios publicitários espalhados pela cidade são, sutilmente, criticados por um autor desconhecido.

“Há poucos dias *A República* publicou na secção *Acta Diurna*, da autoria do Dr. Câmara Cascudo, uma crônica, chamando a atenção das nossas autoridades para a falta de policiamento dos anúncios que enchem os nossos muros, e as taboetas inestéticas de alguns estabelecimentos comerciais, e onde se vêem as piores garatujas, com os maiores insultos a língua portuguesa. Natal, ‘cidade eminente’, já não deve tolerar tamanha feiúra que escandalizará os turistas que a visitam.”

“Tem toda razão o eminente escritor. Tudo aquilo é muito feio.”

“É feio... Mas é honesto. Aquela garatuja reflete o esforço de um homem de bem que, sabendo ler e escrever quanto bastante para ser um hábil ‘cambista’ do jogo do bicho, preferiu ganhar a vida de um modo menos ocioso, embora com lucros menores.”

“O que envergonha os nossos foros de cidade civilizada e o que, antes dos anúncios desajeitados, deve ser corrigido é essa exposição acintosa de lousas do ‘jogo do bicho’ que se encontram bem na porta dos nossos cafés, nos pés das escadas, nas bancas do Mercado, em toda parte, enfim.”

“Aqueles lousas significam que em Natal se joga o ‘bicho’ abertamente. Que a polícia sabe que se está jogando o ‘bicho’.”

“(...) Essas materializam a contravenção acima citada. Para ela chamamos a atenção da polícia.”⁷²

Segundo o autor deste texto os anúncios murais, gramaticalmente incorretos e sem estética alguma, de fato são feios, contudo justificáveis por refletirem o esforço de um homem honesto. Os proprietários das taboetas e cartazes podiam ter escolhido ganhar a vida sendo cambistas do jogo do bicho, porém resolveram trabalhar de uma forma mais honrada.

O autor, que prefere não assinar o artigo, contrapõe-se claramente a opinião emitida por Cascudo na *Acta Diurna* de 10 de março de 1945. Para ele, o que fere o status de Natal de “cidade eminente e civilizada”, não é a incorreção ou a inestética dos anúncios murais espalhados pelas ruas, mas sim a liberdade de que gozava o “jogo do bicho”. Este, mesmo constituindo uma contravenção penal, uma infração da lei, era praticado abertamente na

⁷² S/A. *As Lousas do Bicho*. *A Ordem*, 12 de março de 1945.

capital potiguar, pois as autoridades “fingiam” que o ignoravam. Segundo o artigo, mesmo em cidades onde tal prática era mais difundida, como São Paulo, Recife e Niterói, não se via tamanha exposição.

Tal texto nos permite acompanhar um fato pouco comum no cenário intelectual da cidade. Em um momento em que Cascudo já era tido como um dos maiores homens de letras do Rio Grande do Norte e do Brasil, sendo aclamado por sua notável erudição e pela pesquisa sistemática das manifestações populares, era raro que no seu próprio Estado alguém se propusesse a contestar suas considerações sobre qualquer assunto.

Sendo assim, quatro dias após a veiculação da matéria na imprensa, em 16 de março de 1945, Cascudo, que certamente se sentira contrariado com a contestação de suas idéias por um autor desconhecido, publicou na coluna *Acta Diurna* sua resposta. Desta vez além de atacar de novo as barbaridades gramaticais e estéticas que eram expostas nos anúncios murais, as quais comprometiam gravemente a beleza da cidade, ele critica também a concepção de que “é feio, mas é honesto”.

“Há dias lembrei um aspecto pré-colonial que conservamos: – a liberdade do anúncio externo, independentemente de uma revisão oficial no sentido de sua vernaculidade e, havendo desenho, de seu normal equilíbrio e bom gosto.”

“Essa sugestão, candidamente julgada natural e lógica, de compreensão unânime, teve um inesperado opositor pela *A Ordem* de segunda-feira última.”

“Depois de tudo quanto eu disse em defesa de um reparo banalíssimo, inseparável da organização de uma cidade moderna como água encanada, esgoto hidráulico, luz elétrica, transporte mecânico, esperei apenas que se pusesse em prática o que existe na legislação municipal de tantas capitais brasileiras, começando pelo Distrito Federal. Tratava-se de um motivo mezinho, de necessidade incontestável, tão ligado ao interesse cidadão como os demais elementos de higienização e ordem social. O que se considera, na legislação municipal do Rio, S. Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, passível de reforma e de reajustamento estético, na eterna submissão da parte ao todo, em Natal deve continuar intocável, indeformável, sagrado. E sabem por que? Porque o criador das feiúras é um homem honesto.”

“ ‘É feio mas é honesto. Aquela garatuja reflete o esforço de um homem de bem que etc., etc.’ O resto é a explicação de que essa criatura problemática pode pintar feio e escrever cassangue por que não é cambista do jogo do bicho.”

“Mãe de Deus! Que tem uma coisa que ver com a outra? Nem sempre a esse conceito do feio-honesto se permite livre trânsito. (...) Defesa da cidade organizada contra a linguagem desorganizada e as artes plásticas delirantes do cidadão-unidade.”⁷³

Nesta crônica, em que Cascudo rebate os argumentos de seu opositor defendendo que a honestidade não legitima a função estética, podemos observar sua compreensão de como

⁷³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Do Feio de do Honesto*. A República, 16 de março de 1945.

deve ser uma cidade moderna. Para ele, a organização é um elemento essencial nos novos espaços citadinos, tão importante quanto as melhorias de infra-estrutura (água encanada, esgoto hidráulico, transportes mecânicos, etc.). De acordo com Cascudo o processo modernizante em Natal estava conferindo uma certa liberalização na conduta dos indivíduos. E essa liberdade podia ser, em grande medida, nociva. O individualismo, que nos novos tempos vinha ganhando cada vez mais espaço entre as grandes populações urbanas, levava cada um a agir do modo que bem entendesse. Dessa forma, a cidade enquanto espaço social coletivo ficava extremamente comprometida. Na Natal moderna cada cidadão-unidade parecia esquecer que era apenas parte componente do todo, que consistia no espaço citadino.

A feiúra dos anúncios murais e das tabuletas espalhadas por Natal, assim como o barulho causado por donos de rádios e automóveis (tema que abordamos no tópico anterior), constituem para o autor aspectos indesejáveis que a modernidade urbana vinha trazendo para Natal.

É interessante perceber ainda que a Natal moderna não se apresenta aos olhos de Câmara Cascudo como uma cidade da escrita apenas em virtude da profusão de *letras cambiantes* espalhadas por suas ruas. A nova Natal se constitui como uma cidade da escrita também (e talvez sobretudo por este motivo), pela possibilidade de lê-la, de decifrar através de palavras, assim como de vozes, comportamentos, signos, personagens, o sentido que a experiência urbana vai adquirindo nos novos tempos. Ou seja, a cidade moderna se transforma em escrita também por oferecer ao observador a chance de interpretá-la por meio de seus elementos verbais e não verbais.

Na nova Natal Cascudo consegue ler a linguagem da modernidade. Embora em suas crônicas sobre a cidade ele não se refira diretamente a este conceito, suas argumentações demonstram uma compreensão aguçada do fenômeno moderno na capital potiguar. Em seus vários textos acerca da nova urbe (alguns dos quais tivemos oportunidade de observar aqui) Cascudo deixa transparecer que compreende a temporalidade em que vive como uma experiência fugaz, efêmera, fluída. Segundo suas próprias palavras:

“A expansão da cidade, aglutinando arrabaldes, imponente esmagante dos arranha-céus, maré montante do tráfego exilando o transeunte, a devastação vegetal infalível na estética urbanística, são elementos de compressão, apreciando a população, obrigando-a ao ritmo do escoamento tumultuoso e descontínuo. A velocidade mudou a pose, cadência de outrora e o tempo parece diminuir na veracidade dos encargos imperiosos. Morreram os tipos populares, o povo desapareceu na massa e o homem na classe.”⁷⁴

⁷⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal, Imprensa Universitária, 1968. p. 247.

Portanto, para Cascudo a modernidade se caracteriza como um estilo, um novo modo de vida; uma visão de mundo extremamente perturbadora. É o tempo da fragmentação, do dilaceramento do sujeito. Ela traz a despersonalização de tudo inclusive dos espaços. A modernidade se inscreve no espaço urbano através do progresso, este constitui a sua linguagem.

E para Cascudo o progresso escreve e inscreve palavras terríveis no cotidiano da cidade. *Devastação, compressão, tumulto, descontinuidade, morte* são algumas das expressões que traduzem a experiência urbana moderna. A velocidade, a mudança contínua tornam o presente inseguro, fugaz. O tempo diminui no ritmo acelerado do progresso e a morte torna-se cada vez mais próxima. Morte esta, do indivíduo, da Natal antiga, das sociabilidades, de uma cultura que se nomeia popular.

Na compreensão de Cascudo a modernidade é um período carregado de ambigüidades. Embora o progresso e suas maquinarias ofereçam segurança, oferecem também riscos; conquanto proporcionem conforto infundem ainda no ser humano o sentimento de infelicidade:

“É evidente que somos bem pouco, muito pouco felizes com a espantosa aparelhagem possuída para fazer-nos conhecer a terra, céu e mar. A vida tornou-se febril e nas cidades grandes são anfiteatros onde o homem se debate, sofrendo como se fosse submetido a uma vivisseccção. Os complexos tradicionais de ‘amigo’, ‘compadre’, ‘companheiro’ sofrem restrições calamitosas e vão cedendo à maré montante dos interesses crescentes. Vivemos sob o signo da angústia. Angústia significa justamente o nosso estado de compressão, opressão mental, asfixia econômica, hostilidade ambiental.”⁷⁵

Este trecho consiste numa espécie de síntese da compreensão esboçada por Luís da Câmara Cascudo acerca da nova Natal, que observamos nas crônicas analisadas neste capítulo. As mudanças nas formas de brincar o carnaval, o tumultuoso cotidiano da cidade saturado de ruídos, as ruas que se enchem de uma escrita desorganizada são alguns dos signos do modo de vida moderno. Cascudo lia cotidianamente esses símbolos na Natal que se modernizava. O presente para ele era o tempo da aflição, da ansiedade, da agonia. Tempo em que o semelhante não era mais *o amigo, o compadre, o companheiro*, mas apenas mais um

⁷⁵ Citado por LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo. Um Brasileiro Feliz*. Rio de Janeiro, Lidador, 1998. p. 90.

desconhecido. Tempo em que o próprio tempo parecia de despedaçar, se esgarçar, diminuir, e a sociedade pagava “**o progresso com a moeda da tranqüilidade**”⁷⁶. A vida, como se acometida por uma moléstia, tornava-se febril. A modernidade transformava as cidades grandes em uma espécie de experiência onde os sujeitos eram dissecados e fragmentados como cobaias. O progresso testava todos os limites dos sujeitos. É por isso que Cascudo emerge de suas próprias crônicas como um tipo de herói. Ele é o intelectual que não se conforma com o estado das coisas, o homem que se debate, o quixote que com sua espada-caneta tenta extirpar as agruras da modernidade. Enfim, é um herói que não consegue se adaptar a temporalidade em que vive e trava contra ela uma batalha da qual não sairá vencedor.

⁷⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal, Imprensa Universitária, 1968. p. 220.

CAPÍTULO III

CAPÍTULO III

VÁRIAS FACES DE UM PROVINCIANO INCURÁVEL

*Eu já fiz chapéu de palha,
fiz bodoque, fiz cangalha,
carrapeta e birimbau,
fui menino presenteiro
correndo pelo terreiro
em meu cavalo de pau
Luís da Câmara Cascudo
com seu profundo estudo,
sobre o folclore tratou,
na cultura popular
foi o maior potiguar
que o Rio Grande criou
Contava tudo a miúdo
porque sabia de tudo,
conservava nos arquivos
populares tradições,
lendas e superstições
e costumes primitivos
Do folclore foi patrono,
ergueu ali o seu trono
com o dom que Deus lhe deu,
não há em nosso universo
quem possa dizer em verso
o que ele em prosa escreveu
Eu não tenho competência
para fazer referência
sobre o seu grande saber
falando de coisa antiga,
por mais que o poeta diga
falta ainda o que dizer
Acho ser ignorante,
muito ousado, petulante,
atrevido e linguarudo,
um matuto agricultor
falar sobre o professor
Luís da Câmara Cascudo*

(CAMARA CASCUDO – Patativa do Assaré)

O Homem por Trás das Crônicas

Nos dois capítulos precedentes procuramos apresentar e analisar as imagens que Luís da Câmara Cascudo construiu para a cidade do Natal, nas primeiras décadas do século XX. Imagens estas que se contrapõe e ao mesmo tempo se complementam. A cidade antiga, fruto de reminiscências assim como do sentimento de perda, fonte de saudades, extinta pela implacável passagem do tempo, que continuava viva apenas através das lembranças e da

escrita do autor. E a cidade moderna, que evidencia a emergência de uma nova Natal nascida no seio das transformações urbanas e sociais dos anos 30 e 40, espaço de fragmentação, de dilaceramento de valores e hierarquias tradicionais, mina de sentimentos confusos e angustiantes.

Através das crônicas publicadas por Cascudo na coluna *Acta Diurna* vislumbramos uma Natal nostálgica e tranqüila que existira no início do século e que, no momento em que ele escreve, só adquiria materialidade no campo das palavras; e uma outra cidade, contemporânea sua, onde o progresso deixava um rastro de desassossego e aflição, apagando todos os traços de um passado urbano pacífico e tradicional. Estas imagens que ele produziu para o espaço urbano natalense são complementares, uma não existe sem a outra. É no contraste com a Natal que se moderniza que se definem os contornos da cidade antiga.

As duas faces apresentadas por Cascudo para a capital potiguar, de certa forma, revelam muito acerca de sua própria trajetória de vida. Através delas podemos compreender como o autor sentiu e elaborou, por meio de sua escrita cotidiana, dois momentos distintos de sua experiência temporal. Sua visão do passado como encantamento o levou a buscar na cidade antiga um refúgio, um abrigo, contra a desterritorialização que vivenciava no presente. Nesse sentido, narrar a história do Natal significa aproximar-se de sua própria história.

Desse modo, se nas páginas anteriores procuramos compreender o sujeito Luís da Câmara Cascudo por meio de suas crônicas sobre a cidade, nas próximas buscaremos seguir um caminho inverso, ou seja, lançar luz, através da análise de alguns pontos de sua trajetória intelectual, acerca de sua própria experiência.

Nossa proposta, neste capítulo final, é que o leitor percorra conosco os labirínticos caminhos da formação intelectual de um homem erudito, enfocando, sobretudo as suas concepções no terreno da história, que se refletiriam nas suas crônicas sobre a cidade, e o silêncio que paira como uma nuvem negra sobre alguns aspectos do seu passado, que seriam obliterados no processo de construção de sua memória.

Um Intelectual Nascido da Doença e da Solidão

Luís da Câmara Cascudo, como muitos outros intelectuais de sua geração, tem suas raízes vinculadas as antigas elites do Norte do país. Em alguns de seus textos autobiográficos podemos perceber o orgulho com que se referia a antiga família Cascudo, originária do interior do Rio Grande do Norte e que se constituía em uma poderosa oligarquia local. Seu avô, Antônio Justino de Oliveira, apelidado Cascudo pela intransigente devoção ao partido

conservador, é apresentado como a figura forte e viril do patriarca. Ele viveu os tempos áureos e opulentos do auge da produção agrícola e pecuária do Norte, anos em que o poder de tais homens era praticamente ilimitado, época em que as grandes casas dos senhores do campo refletiam seu prestígio e sucesso. Câmara Cascudo alude com grande nostalgia aos dias de glória do avô, lembrando, com uma pitada de humor, a arrogância e o poder que emanavam dele:

“Meu avô paterno Antônio Justino de Oliveira (1829 – 1926) ao receber uma multa trabalhando o animal na calçada residencial, não discutiu, está aí a multa de hoje, e pago também a outra, porque amanhã passarei por aqui e o cavalo vai subir a calçada de novo... E deu dispora pela estrada.”⁷⁷

No entanto o raiar do novo século não trazia bons augúrios para as tradicionais camadas dirigentes nortistas. O poder econômico e político que se perpetuava há séculos e que parecia inextinguível começa a ruir. O incipiente desenvolvimento urbano-industrial, que no campo se faria sentir pela emergência das usinas em substituição aos engenhos; a queda na exportação dos produtos agrícolas, sobretudo com a crise de 1929 que prejudicou a produção e a venda do principal produto da região, o açúcar; e o aumento da produção bovina no Sudeste, entre outros fatores, contribuiriam sobremaneira para o declínio das elites do Norte.

Muitos dos herdeiros das decadentes oligarquias rurais da região deslocam-se para as cidades na busca por restabelecer os antigos privilégios de que desfrutavam. As condições econômicas desfavoráveis os levam a ingressar em diversas carreiras, entre as quais destacam-se o comércio, a política e o ofício intelectual. Através do pouco prestígio que lhes restava alguns se aliam com membros dos grupos dirigentes locais e conseguem empregos públicos.

A família Cascudo também sofreria as conseqüências deste contexto de decadência. Impossibilitado, em virtude da crise da produção agrícola, de exercer uma atividade rural, Francisco Cascudo, pai do folclorista, torna-se um dos chefes da política local em Caicó, cidade interiorana. Algum tempo depois, ainda desfrutando da influência que conseguira na política, migra para a capital do estado onde se torna alfeires do Batalhão de Segurança, cargo que assegurou a ele a patente de coronel que o acompanhou pelo resto de sua vida.

“Meu pai Francisco Cascudo nasceu na vila de Campo Grande, o chefe político local Luís Pereira Tito Jacome (1835-1906) levou para Natal,

⁷⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu (Confidências e Proposições)*. Natal, Imprensa Universitária, 1968. p. 129.

recomendando-o ao governador Pedro Velho e meu pai prestou juramento como Alferes do batalhão de segurança em 13 de julho de 1892.”⁷⁸

Em 1900, na cidade do Natal, o coronel Cascudo envereda pelo rumo dos negócios comprando uma loja de ferramentas e miudezas. Logo o investimento se mostraria lucrativo, e o homem que, segundo o folclorista, pertencia a “aristocracia rural” tornou-se um afortunado comerciante, adaptado a ordem capitalista. Este foi um período de prosperidade financeira para a família, e o coronel Cascudo aproveitou para consolidar a sua imagem de homem influente e respeitado. Criou bispado, orfanato, asilo de mendigos, uma companhia de bombeiros; construiu estradas de automóveis para o interior; ajudou aos retirantes da seca.

“Alto, robusto, de proporções harmoniosas, pele fía e clara, fisionomia tranqüila de energia e mando avivado pelo fulgor imperioso dos olhos azuis (...) Maravilhoso atirador de revólver, age como um gato-do-mato, mãos e pés de linhas impecáveis. A comprovada coragem pessoal era famosa e lembrada na memória dos sertões jamais provou bebidas alcoólicas.”

“Durante mais de vinte anos todas as iniciativas úteis oficiais ou particulares, tiveram em Natal a colaboração decisiva do Coronel Cascudo.”⁷⁹

Em uma Natal que ainda não sofrera as fissuras provocadas pelo advento da modernidade urbana ele, aproveitando a ventura nos negócios, se consolida como uma liderança. Mesmo que não desfrute do mesmo poder que seus antepassados haviam conseguido no passado o coronel Cascudo ainda consegue reproduzir, parcialmente, os códigos sociais de seu pai. Conserva a energia do poder de mando, o porte elegante, a virilidade, a coragem e determinação dos patriarcas rurais. Na cidade antiga, onde as hierarquias e tradições assumiam grande importância social ele conseguia ser tratado com distinção e respeito.

É neste período áureo da família Cascudo que o menino Luiz é criado. Teve dois irmão nascidos mortos, por isso desde a idade mais tenra foi cercado de inúmeros cuidados. Nasceu sob o signo da doença, marca que o acompanharia por toda vida e que o levaria, muitas décadas mais tarde, a escrever o *“Manual do Doente Aprendiz”*.

“Fui menino magro, pálido, enfermício. Cercado de dietas e restrições clínicas. Proibiram-me movimentação na lúdica infantil. Não corria, não saltava, não brigava. Nunca pisei em areia nem andei descalço. Jamais subi em uma árvore. Cuidado com fruta quente, sereno, vento encanado. Brincava com meninas. Um quarto cheio de brinquedos para exercício secundário. Aprendi a

⁷⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu (Confidências e Proposições)*. Natal, Imprensa Universitária, 1968. p. 35.

⁷⁹ Idem. p. 34-40.

ler quase sozinho aos seis anos, graças ao tico-tico, proeza de Chiquinho e Jagunço.⁸⁰

De acordo com Albuquerque, Luiz da Câmara Cascudo construiu sua biografia **“de erudito, de homem voltado para os livros e as letras a partir do tema fundador da doença”⁸¹**. À criança impedida de compartilhar o cotidiano de um menino normal, em virtude dos problemas de saúde, restava o mundo encantado dos livros, presenteados aos montes por pais e amigos, e as histórias encantadas contadas por Benvenuta de Araújo, sua ama de criação. Portanto, quando muito depois o notório folclorista, escreve e fala sobre a sua escolha pela carreira de intelectual, ele procura justificar sua aptidão para o mundo das letras como uma consequência natural de sua meninice enferma e cercada de livros e estórias. Ele procura naturalizar sua escolha profissional, como se esta tivesse, imperiosamente, se imposto a sua vida.

Também o caráter solitário de sua infância de menino doente e isolado é utilizado na construção da biografia do “homem que devotou sua vida ao conhecimento de seu povo e de suas tradições”. O hábito solitário, da pesquisa nos arquivos, das intermináveis leituras durante a madrugada, trancado em seu escritório, das infindáveis horas sentado frente à máquina de escrever, produzindo um livro, Cascudo adquiriu na idade pueril.

“Tive uma meninice isolada e doente. Cercado de brinquedos mais sem companheiros de folias. Não possui amigos de infância. Meus mais antigos amigos datam dos cursos preparatórios restando raros.”⁸²

Segundo a construção que faz de si próprio, e que podemos vislumbrar em livros de memórias como *“O tempo e Eu”* e *“Pequeno Manual do Doente Aprendiz”*, a doença constitui o ventre solitário em que foi gerado o erudito Câmara Cascudo, “sabedor de todas as coisas do campo e da cidade”. A enfermidade e a solidão o teriam conduzido, precocemente, pelos caminhos da leitura e da escrita. Dessa forma, a doença constitui, de acordo com suas palavras, um momento de reflexão sobre si mesmo; representa a oportunidade do auto-encontro. É ela, juntamente com a solidão que a acompanha, que irão transformar o menino Cascudo no pequeno prodígio, que impressionava até aos mais refinados amigos de seus pais com suas demonstrações de inteligência.

⁸⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu (Confidências e Proposições)*. Natal, Imprensa Universitária, 1968. p. 44.

⁸¹ ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Escrita como Remédio: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX*.

⁸² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu (Confidências e Proposições)*. Natal, Imprensa Universitária, 1968. p. 54.

“A doença é um processo de análise, uma oportunidade para o auto-encontro, a intimidade reveladora da própria personalidade, estar realmente consigo, entender-se, pesquisar-se. Função ideal como alter – ego, disperso na diversidade das preocupações centrífugas. A moléstia nos reaproxima, restituindo-nos a unidade psicológica da nossa meninice, quando estabelecíamos a entidade total, na naturalidade, no milagre da conversa dialogal, falando sozinhos com nós mesmos”⁸³

Sua intenção, em fragmentos autobiográficos como este, é tornar natural uma escolha que de modo nenhum é aleatória, mas que pode ser historicamente situada no contexto do declínio das elites rurais do espaço que viria a ser conhecido como Nordeste. A carreira intelectual que veio a seguir não seria a consequência normal de sua infância enferma, embora sua escrita tente apresentá-la como uma condição pré-determinada desde o nascimento, ela representa antes uma impossibilidade de reproduzir os códigos sociais familiares. Cascudo não herdaria as características que tanto admirava no avô, e que o pai conseguira parcialmente atualizar, como o poder de mando, a força e virilidade patriarcais e a própria condição de homem poderoso. Embora nascido no seio de uma família ainda rica (é importante lembrar que o pai do folclorista, embora membro da “aristocracia rural”, conseguiu progredir financeiramente através do comércio, uma atividade urbana), Cascudo não teria fortuna garantida pelo resto da vida, os reveses da economia capitalista acabariam levando a falência o Coronel Francisco. A carreira intelectual, neste contexto, assume mais uma função de luta pela subsistência e meio de restituir, ao menos parcialmente, o prestígio perdido da família do que o atributo de “dom natural”.

A boa condição econômica de seu pai, durante os anos de sua meninice, garantiu ao jovem Cascudo a oportunidade do ensino, que na época, em uma cidade provinciana, constituía um privilégio ao qual poucos tinham acesso. Seus primeiros passos no campo educacional são dados com dona Totônia Cerqueira, que o inicia nos fundamentos da leitura. Após algum tempo passa a estudar no “Externato Sagrado Coração de Jesus”, dirigido pelas irmãs Maria Emilia e Guilhermina Andrade, um ambiente educacional feminino. É possível que a influência do “sexo frágil” na formação do filho tenha desagradado ao Coronel Francisco Cascudo, que vinha de uma sociedade onde a masculinidade era ostentada como um adereço obrigatório pelos varões. O menino Luís passa então a ter aulas particulares na chácara do Tirol com o professor Francisco Ivo Cavalcanti, que desdobrava-se no ensino de várias disciplinas. Segundo seus biógrafos, já nesta época Cascudo demonstrava enorme

⁸³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*. Natal, Imprensa Universitária, 1963. p. 77.

aptidão para o mundo das letras e impressionava seu mestre com sua perspicácia. Conta-se que foi neste período que adquiriu o hábito, que o acompanharia ao longo de sua vida, de passar todas as noites lendo incansavelmente. Quando já havia esgotado todas as possibilidades com o professor particular, aprendendo tudo o que este tinha para lhe ensinar, foi matriculado no Atheneu norte-riograndense onde concluiu o curso preparatório.

O período de sua infância em que esteve no sertão potiguar com os avós seria decisivo para a sua formação como folclorista e pesquisador das tradições e costumes do povo, e este primeiro contato com o campo marca muitos dos seus prefácios e biografias.

“Conheci e vivi no sertão que era das ‘eras dos setecentos’. Vivi nesse meio e deliciosamente cortei macambira e xiquexique para o gado nas secas, banhei-me nos córregos no inverno, esperei a cabeça dos rios nas enchentes, desengalhei tarrafa nas pescarias dos poços, dei laços nos açudes, cacei mocós e preás nos serrotes. Subi nas esperas sob juazeiros, persegui tatus de noite com fachos e cachorros amestrados, matei ribaçã a pau e colhia-as nas arapucas. Ouvi o canto anulado da mãe da lua imóvel nas oiticicas, ouvi histórias de Trancoso, de cangaceiros, de gente rica, guerras de família, heroísmos ignorados, ferocidades imprevistas e completas.”⁸⁴

É neste momento que Câmara Cascudo, menino da cidade, descobre os costumes da região, as roupas, o vocabulário, as refeições, as festas, as vaquejadas e todos os elementos do campo que ele nunca tivera a oportunidade de conhecer em Natal. É este campo povoado de rezadeiras, vaqueiros, cantadores, gente simples e valente, onde todos sabem contar histórias, que vai povoar o universo de seus livros mais importantes. Contudo, não é mais a época da opulência das grandes famílias patriarcais. Cascudo conhece o campo em um momento dramático, onde um poder mantido em equilíbrio durante séculos está em franco processo de declínio. Assim, o sertão de seus antepassados surgirá, posteriormente, em suas obras, sempre perseguido pelo signo da morte. Suas tradições e personagens serão sempre anunciados como estando às portas do desaparecimento. O medo da morte, que o marcara desde o início de sua vida se estenderá a abordagem de seus objetos. A cidade antiga será descrita em suas crônicas como uma realidade arrasada pelo passar dos anos e pela invasão dos valores e maquinarias modernos, a cultura do povo, da qual seria um dos maiores intérpretes, é vista como um moribundo as vias do desaparecimento eminente.

Nas Malhas do Poder

⁸⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000. p. 08.

Em 1914 o coronel Francisco Cascudo, ainda gozando de prosperidade financeira, funda com seus próprios recursos o jornal *A Imprensa*, para concretizar o sonho do filho de ser escritor. É lá que o folclorista publica a primeira das muitas crônicas que escreveria pelos anos afora. Em sua primeira coluna, denominada Bric-à-Brac, abordava assuntos variados, mas se concentrava, sobretudo, nas pequenas críticas literárias dos livros que lia, tratando tanto de autores nacionais quanto internacionais. O jornal ficaria conhecido pela forte determinação de seu patrono, que o manteria funcionando com seus próprios recursos por alguns anos, e por constituir uma espécie de laboratório para muitos jovens, que mais tarde viriam a se destacar entre a intelectualidade da cidade do Natal. Para Cascudo *A Imprensa* consistiria em um grande aprendizado, lá ele pôde desenvolver seu estilo e aprimorar a escrita de um gênero literário ao qual se dedicaria ao longo de toda a sua carreira, a crônica.

Alguns anos depois, em 1918, já demonstrando uma considerável maturidade intelectual, Cascudo inicia o curso superior de Medicina na Bahia, deslocando-se posteriormente para o Rio de Janeiro. Apesar das várias evidências de que a carreira de escritor seria a escolha mais acertada não é de admirar que tenha enveredado pelo ramo da ciência médica. Neste período, os filhos das famílias mais abastadas da região optavam pelo curso de Medicina ou pelo bacharelado na Faculdade de Direito do Recife.

“Fui pra medicina. Filho único de pai rico, queria ter um laboratório de pesquisas e, nesse tempo, não havia curso de laboratório. Tínhamos que nos formar em Medicina. Meu pai empobreceu e eu ia sendo o pior médico do mundo. Abandonei o curso, embora me dedicando a Anatomia e Fisiologia, com presenças tão poderosas que eu ainda considero os médicos muito mais colegas do que os bacharéis.”⁸⁵

O sonho de se tornar médico, que certamente lhe traria prestígio e status social, é interrompido de forma brusca em virtude da falência paterna. A crise financeira familiar, que seria decisiva para que Cascudo viesse a assumir os ofícios de professor, escritor e intelectual, levou-o a abandonar o curso de Medicina.

Sobre o empobrecimento do coronel Francisco Cascudo seus livros de memórias, assim como suas biografias, não fornecem grande detalhes. A versão mais corriqueira é que o pai do folclorista **“esbarra no declínio por ter tentado ajudar os amigos, antigos fregueses que lhe passaram a perna”⁸⁶**. Comerciante de prestígio, dono da maior loja de ferragens da cidade, *O Cometa*, o coronel Francisco realizava negócios que envolviam grandes somas de dinheiro, inclusive negociando produtos que não pertenciam ao ramo de atuação da sua loja.

⁸⁵ LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo Um Brasileiro Feliz*. Rio de Janeiro, Lidador, 1998. p. 68-69.

⁸⁶ OLIVEIRA, Gildson de. *Câmara Cascudo Um homem Chamado Brasil*. Brasília, Brasília Jurídica, 1999.

Pertencente a uma sociedade em que a honra constituía o bem mais valioso de um homem, exigia como única garantia de suas vendas a palavra empenhada. Em um momento onde o comércio já fazia uso de documentos escritos, tais como duplicatas, como forma de assegurar a honestidade nos negócios, preferia fiar-se no secular costume da “palavra de homem”. Contudo, este seria seu maior erro, pois os amigos e fregueses o enganaram deixando de saldar grandes dívidas e levando-o a falência. Mas, embora **“com a fortuna abalada, nunca se queixou de nenhum freguês, tampouco ingressou com ações para débitos ou falou no assunto”**⁸⁷. Dessa forma, o coronel Cascudo, que na cidade antiga constituía uma das pessoas mais populares de Natal, admirado por todos, comerciante próspero, político e conselheiro do governo, benfeitor de causas sociais, na década de 1930, em uma cidade cada vez mais invadida pelos valores e signos modernos, torna-se apenas mais um rico empobrecido. Na Natal que passa por um vertiginoso processo de mudança, onde as tradicionais hierarquias ficam cada vez mais tênues, o homem que no passado havia sido tão notório e influente transforma-se em um cidadão anônimo, apenas mais um entre tantos.

Luís da Câmara Cascudo, impossibilitado de concluir o curso de Medicina, segue a trajetória intelectual da maioria dos filhos da antiga elite nortista ingressando em 1924 na Faculdade de Direito do Recife. Quatro anos mais tarde conclui o curso, tornando-se bacharel em Direito, uma profissão que não chegaria a abraçar plenamente.

De volta a Natal consegue o cargo de professor interino de História, no Atheneu norte-rio-grandense (assumindo em seguida a diretoria da escola), por influência de Juvenal Lamartine de Farias, na época presidente do Estado. Em 1930 é nomeado deputado estadual, contudo o mandato dura apenas dois dias, sendo destituído por ocasião da revolução de 30. É neste período que inicia a íntima relação, que se estenderia pelo resto de sua vida, com o poder e a política.

Embora sempre tenha tentado manter a imagem de homem que vivia afastado da política sua trajetória foi repleta de relações com o poder. Para alguém que provinha de uma elite decadente, que de maneira nenhuma conseguiria manter os padrões de vida de seus antigos familiares, a proximidade com as camadas dirigentes afigurou-se como uma tábua de salvação. Cascudo se vale do prestígio que ainda restava à sua família e da tradicional amizade que sempre mantivera com os políticos e poderosos para combater o medo da miséria e da insegurança profissional. Contudo, atribuir suas conquistas no serviço público apenas ao capital social, que sua família conseguira amealhar ao longo de décadas, seria uma grande

⁸⁷ Idem. p. 34.

injustiça. Sua sólida formação intelectual e escolar constituiria também uma arma fundamental na disputa por cargos e carreiras. De acordo com Miceli:

“Se na Primeira República o recrutamento dos intelectuais se realizava em função da rede de relações sociais que eles estavam em condições de mobilizar e as diversas tarefas de que se incumbiam estavam quase por completo a reboque das demandas privadas ou das instituições e organizações da classe dominante, a cooptação das novas categorias de intelectuais continua dependente do capital de relações sociais mas passa cada vez mais a sofrer a mediação de trunfos escolares e culturais, cujo peso é tanto maior quanto mais se acentua a concorrência no interior do campo intelectual.”⁸⁸

Incapaz de seguir a antiga tradição familiar Luís da Câmara Cascudo procurou apoio político e profissional, passando a obter uma parcela considerável de seu sustento através dos cargos que ocuparia no serviço público, conseguidos por meio das relações sociais que sua família estabelecera nos tempos de opulência financeira, mas também por sua refinada formação intelectual. Trabalhou na secretária do Tribunal de Justiça, foi diretor do Museu e Arquivo de Natal, Consultor Geral do Estado, quase chegou a deputado estadual, além de várias outras atribuições conseguidas graças às boas relações que sempre manteve na esfera política. Uma experiência de dependência e agradecimento, que se traduziria em vários escritos que legitimam o lugar de poder de seus benfeitores. Escreveu livros louvando os políticos que, de alguma forma, relacionaram-se com ele, como por exemplo, *Antologia de Pedro Velho* e *Vida de Pedro Velho*, ambos sobre o ex-governador do estado, produzidos a pedido de outro político, Sylvio Pedroza, que na década de 1940 lhe agraciou com o título de Historiador da Cidade do Natal. Além destes, eram comuns as crônicas sobre a história dos grupos dirigentes locais, onde podemos encontrar um grande número de relatos de vida de políticos, a exemplo da Acta Diurna publicada em 04/09/1957, sobre o ex-deputado Olímpio Tavares:

“Foi Presidente do Banco do Natal, da Junta Comercial da Intendência Municipal, 1889-1901. Deputado Estadual nos triênios de 1898-1900, 1904-1906, 1907-1909, 1910-1912. Comerciante poderoso. Uma das figuras prestigiosas, influentes, dominadoras no velho Natal desaparecido.”

“Viveu trinta e quatro anos como um legítimo papa-gerimun, participando da vida industrial, política, social, econômica do Rio Grande do Norte, do Império e da República.”

“Lembro-me muito bem dele. Forte, robusto, corado, cara fechada, que um leve sorriso irônico dava uma breve nota acolhedora, tinha fama de mordaz, dizendo pilhérias que fugiam e feriam como dardos. Era nosso vizinho na saudosa Rua Sachet, hoje Duque de Caxias.”

“Nós morávamos onde se ergue o Grande Hotel e o Coronel Olimpio Tavares onde está o Hotel Avenida. Singular destino das duas grandes casas

⁸⁸ MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. p. 79.

agasalhadoras e fartas em título gratuito. São hotéis...Era, realmente, uma vocação funcional.”

“Foi um dos grandes animadores para a Cidade Nova, hoje Petrópolis e Tirol, e sonhava transformar o pequenino Banco do Natal num financiador agrícola, libertando algodão e açúcar dos empréstimos escorchantes. Meu pai era muito amigo dele, recordando-lhe a verve feliz.”⁸⁹

Dentre as muitas figuras da sociedade potiguar que emergem de suas crônicas várias são políticos notórios que haviam se relacionado com a família Cascudo. Desde a infância sua vida sempre fora cercada pelos poderosos, que faziam parte de seu cotidiano através dos anos. O ex-deputado Olímpio Tavares havia sido vizinho e grande amigo de seu pai. É descrito como homem distinto e empreendedor, pessoa ímpar no cenário natalense. Tendo em vista que Cascudo sempre manteve uma espécie de neutralidade política, sua intimidade com as camadas dirigentes do estado se afigura como extremamente reveladora. É inegável o tom familiar com que trata de Olímpio Tavares, e de muitas outras pessoas públicas conhecidas.

As referências constantes a homens como Pedro Velho, Alberto Maranhão, o próprio Olímpio Tavares, que encontramos em sua obra, podem ser interpretadas como uma forma de agradecimento àqueles que sempre estiveram prontos para auxiliar a família Cascudo. Suas biografias, embora não problematizem a questão, mostram como sua atividade diária era cercada pelo poder. As viagens, jantares, veraneios em companhia de generais, coronéis e políticos do estado constituíam fatos corriqueiros no seu dia-a-dia. Grandes amizades como as que manteve com José Augusto Varela e Sylvio Piza Pedroza são bons exemplos da sua intimidade com os poderosos.

Com a estabilidade financeira, conseguida através dos cargos no serviço público, Cascudo pôde dedicar-se com mais tranquilidade a produção literária que o tornaria tão célebre. Uma vez que a decadência paterna não possibilitou que concentrasse suas habilidades apenas na pesquisa e na produção de artigos e livros, os empregos estaduais, obtidos tanto por meio da teia de relações sociais que mantinha com pessoas influentes da sociedade potiguar quanto por sua reconhecida capacidade intelectual, forneceram as condições econômicas necessárias para que pudesse desenvolver o talento para as letras que esboçava desde a infância. De acordo com o poeta Carlos Drummond de Andrade:

“O emprego do Estado concede com que viver, de ordinário, sem folga, e essa é a condição ideal para bom número de espíritos: certa mediania que elimina os cuidados, porém não abre perspectivas de ócio absoluto. O indivíduo tem apenas a calma necessária para refletir na mediocridade de uma vida que não conhece a fome nem o fausto (...) Cortem-se os víveres ao mesmo

⁸⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Olímpio Tavares*. A República, 04 de setembro de 1959.

temperamento, e as questões de subsistência imediata, sobrelevando a quaisquer outras, igualmente lhe extinguirão o sopro mágico (...) o escritor-homem-comum, despido de qualquer romantismo, sujeito a distúrbios abdominais, no geral preso à vida civil pelos laços do matrimônio, cauteloso, tímido, delicado. A organização burocrática situa-o, protege-o, melancoliza-o e inspira-o.”⁹⁰

Conquanto os empregos de professor, secretário do Tribunal de Justiça ou Consultor Geral do Estado não forneçam as condições para uma vida de fausto, eles servem perfeitamente para sanar as necessidades mais imediatas do escritor Câmara Cascudo. Desempenham uma dupla função, por um lado garantem a subsistência do folclorista e de sua família, e por outro possibilitam que ele dê continuidade ao trabalho da pesquisa e da escrita. Seus benfeitores, sob esta perspectiva, assumem as funções de Mecenas. Eles, através de seus favores, tornam possível que o folclorista dedique uma boa parcela de seu tempo aos trabalhos no campo da cultura.

Anauê

Uma grande parte dos pesquisadores da vida e obra de Luís da Câmara Cascudo, ao tratar do tema da formação de sua subjetividade e da gênese do pensamento que o transformaria em um dos mais destacados autores de sua época, segue uma tendência bastante comum de privilegiar aspectos demasiado evidentes de sua trajetória intelectual. Seus biógrafos não cansam de apresentá-lo como “o homem que dedicou sua vida a salvar do esquecimento a cultura do povo”, ou como “o brasileiro feliz”, ou ainda, o “erudito professor que nunca quis afastar-se de sua província”. Seu perfil de intelectual é sempre traçado em estreita relação com o folclore, a etnografia, a história, enfim todas aquelas disciplinas nas quais atuou e as quais dedicou longos anos de estudo. E não são apenas os que escrevem sobre Cascudo que tratam sua formação desta maneira, ele próprio em seus vários livros de memórias reforça tais imagens apresentando-se como “o provinciano incurável”, “aquele que devotou sua vida as letras”.

Percorrer um caminho diverso, mergulhando nas zonas de silêncio e esquivando-se dos elementos mais corriqueiros, se afigura como um procedimento bastante interessante para investigar a constituição de Luís da Câmara Cascudo enquanto autor. Nesse sentido, a observação de Robert Darton acerca dos ricos indícios que encontramos camuflados no que nos parece inexplicável em nosso material de pesquisa é significativa. Para o autor de *O*

⁹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Passeios na Ilha*. In. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964. p. 658-659.

Grande Massacre dos Gatos as “áreas de opacidade e silêncio”, como ele as chama, são sobremaneira importantes porque:

“Quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho. O fio pode até conduzir a uma pitoresca e maravilhosa visão de mundo.”⁹¹

Com relação a Cascudo, uma área de opacidade revelada pelos documentos, que pode ser considerada fundamental para delinear seu perfil enquanto indivíduo e sujeito do conhecimento, é a ativa atuação junto ao movimento integralista que desempenhou ao longo da década de 1930, no estado do Rio Grande do Norte. Ao acompanharmos o percurso intelectual de Cascudo nos damos conta de que o integralismo constituiu, em determinado momento de sua vida, uma ideologia que o seduziu completamente, pois de certa forma coadunava-se com sua postura política conservadora. Contudo, sua participação no movimento teve implicações muito mais duradouras, uma vez que passou a representar uma espécie de nuvem negra que pairou sempre sobre a sua vida pública. De fato, é curioso observar o silêncio que recai sobre os discursos de seus biógrafos quando o assunto é a obscura década de 30 e o envolvimento do folclorista com os chamados camisas-verdes. Trata-se de uma lacuna que seus comentadores propositadamente esquecem (talvez no intuito de preservar ilibada a sua memória), uma espécie de segredo que todos conhecem, porém preferem deixar a margem de sua gloriosa história. O próprio Cascudo, que com evidente orgulho, gostava de escrever em seus livros de memórias sobre seu áureo passado, onde havia conquistado uma ampla erudição e notório reconhecimento, parecia querer esquecer essa fase de sua vida, pois em momento algum a menciona, nem mesmo para tentar esclarecer os motivos que o haviam levado a entrar para as fileiras do integralismo. Contudo, esse vazio tem muito para revelar acerca de sua personalidade, pois o silêncio às vezes pode ser mais contundente do que todas as palavras que possam ser escritas sobre o assunto.

O Integralismo, em linhas gerais, é uma corrente do pensamento político contemporâneo derivada dos regimes nazi-fascistas europeus, que emergiu no Brasil no início do século passado. Caracteriza-se pela sua associação à moral religiosa, pelo apelo nacionalista e, sobretudo, pela defesa da hierarquização da sociedade como forma de manter a ordem e a paz internas. Originalmente, o integralismo pregava o antiliberalismo, buscando um

⁹¹ DARNTON, Robert: “Apresentação”. IN: *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. pp. XIV e XV.

Estado autoritário e nacionalista. Na época de seu aparecimento a Europa, em especial, experimentava uma espécie de integração cada vez maior da população no sistema político-social. Parte desse contingente, formado por trabalhadores, acabou sendo seduzido por doutrinas socialistas, comunistas ou anarquistas. Ao contrário destas correntes de pensamento, o integralismo defendia a participação popular, mas por meio dos mitos e símbolos que representavam o nacionalismo que seus partidários tanto defendiam.

Por volta de 1930 as idéias integralistas chegaram ao Brasil e tiveram ampla repercussão entre as camadas médias urbanas e intelectuais do país. Em outubro de 1932, logo após a Revolução Constitucionalista, Plínio Salgado (o Chefe Nacional, que era merecedor de grande admiração de Cascudo) e outros intelectuais fundaram em São Paulo a Ação Integralista Brasileira (AIB). O ideário do movimento, com relativa rapidez, conquistou membros nos variados recantos do país, muitos dos quais já eram, ou viriam a ser, homens de grande reconhecimento no cenário nacional, entre os quais figuravam Helio Viana, José Lins do Rego, Álvaro Lins, Vinicius de Moraes, além do próprio Luis da Câmara Cascudo.

A ênfase maior do Integralismo no Brasil se concentrava na tomada de consciência do valor espiritual da nação, assentado em princípios unificadores: “Deus, Pátria e Família” era o lema do movimento. No que diz respeito às relações entre o Estado e a sociedade, negava a pluralidade dos partidos políticos e a representação individual dos cidadãos.

A Ação Integralista Brasileira tinha como inimigos declarados o liberalismo, o socialismo, o capitalismo financeiro internacional. Como movimento de inspiração totalitarista, apresentava uma certa face anti-semita, sobretudo, através das idéias e obras de Gustavo Barroso, que escreveu livros como *Brasil Colônia de Banqueiros* e *Sinagoga Paulista*, que apresentam um claro fundo de ideologia nazista. Além disto, o Integralismo tupiniquim apresentava outras características que o aproximava dos regimes totalitários europeus, como o culto da personalidade do Chefe Nacional, as cerimônias de adesão e os pomposos desfiles de seus participantes vestindo uniformes verdes.

O integralismo no Brasil atraiu para suas fileiras um número significativo de aderentes. O recrutamento dos dirigentes nacionais e regionais se fez, sobretudo, entre profissionais urbanos de classe média e, não raro, entre intelectuais ligados a camadas conservadoras da sociedade, que viam no incipiente desenvolvimento do liberalismo no país e na popularização dos ideais anarquistas e comunistas entre os grupos operários, uma crescente ameaça as suas concepções políticas.

Não é uma tarefa fácil esclarecer os motivos que levaram Luís da Câmara Cascudo a se identificar com o pensamento integralista, uma vez que ele sempre manteve este assunto

sob um véu de silêncio e incerteza. Contudo, não chega a ser espantoso que um intelectual profundamente enraizado em uma aristocracia decadente, enxergasse em tal movimento ideológico, uma maneira de restabelecer no presente as condições sociais e políticas de que desfrutara no passado. Cascudo, como muitos outros intelectuais de sua geração, enxergava com grande temor a afirmação da nova ordem urbana que o processo modernizante trazia em seu esteio, a qual tinha como uma de suas principais características a dissolução das tradicionais hierarquias políticas e sociais. Dessa forma é possível que as idéias integralistas, forjadas sobre valores tradicionais, tenham se assemelhado a uma tábua de salvação contra as agruras do tempo presente.

Se por um lado, as simpatias monárquicas e posições políticas tradicionalistas do autor, as quais nunca constituíram um grande segredo, não bastam para explicar a sua participação no movimento integralista, por outro, tais posicionamentos teóricos conservadores nos fornecem pistas muito importantes para compreendermos porque tal ideologia consistiu em uma fonte de atração tão forte para ele (a ponto de aceitar o cargo de Chefe Provincial da A.I.B. no Rio Grande do Norte). É necessário considerarmos que Cascudo, além de monarquista convicto na juventude, foi um fervoroso defensor das doutrinas católicas e membro de uma família tradicional e antiga da província. Dessa forma, em um momento em que a intelectualidade brasileira discutia vivamente a questão da identidade nacional, não é estranho que Cascudo tenha sido seduzido por uma corrente de pensamento político que tinha como lema “Deus, Pátria e Família”. Ora, estes eram valores que faziam parte da sua própria formação subjetiva e pessoal, logo abraçar a causa integralista, mais do que uma questão de identificação de idéias, deve ter se assemelhado a um dever cívico.

Em 1933, a Ação Integralista Brasileira chegou ao Rio Grande do Norte, fundando na capital potiguar uma sede Regional e nomeando como chefe interventor Luís da Câmara Cascudo, na época talvez o mais notório defensor das idéias do movimento no Estado. Percorrendo as páginas de *A República* neste ano e no seguinte, observamos a emergência de uma série de artigos de cunho integralista, dedicados à divulgação de sua ideologia (certamente com o intuito de recrutar novos membros), e ao detalhamento das ações na cidade. Duas colunas eram publicadas com frequência, *Ação Integralista Brasileira* e *Notas Integralistas*. A primeira destinava-se a descrever as reuniões do movimento em Natal, esclarecendo diretrizes, marcando datas para os novos encontros, noticiando a aderência de novos membros. O caráter informativo é notório, como se pode perceber no trecho abaixo, datado de seis de julho de 1934:

“Reúnem-se hoje, as 10:30, todos os secretários do D.P. sob a presidência do Chefe Provincial para as últimas organizações departamentais”.

“Anuncia-se de modo brilhante a sessão de domingo, oito do corrente. Prestarão compromisso novos milicianos. Existe um verdadeiro entusiasmo pela A.I.B., sendo avultado o número de pedidos de inclusão que a Chefia está examinando.”⁹²

Já a coluna *Notas Integralistas* voltava-se para um conteúdo mais doutrinário e nacional, divulgando e explicando os argumentos integralistas a membros e simpatizantes, noticiando eventos em outros estados, apresentando datas de grande valor simbólico para os participantes, como por exemplo, o dia em que o movimento completa um ano de vida no Rio Grande do Norte:

“Passa hoje o primeiro aniversário da instalação da A.I.B. em Natal. O movimento integralista, que tantas simpatias desperta e tanta controvérsia tem provocado na explicação de sua doutrina, está no Rio Grande do Norte confiado a chefia do Dr. Luís da Câmara Cascudo que tem multiplicado seus esforços para difusão dos moços camisas verdes”.

“Segundo a fórmula vitoriosa, os integralistas pregam a necessidade do Trabalho cada vez mais dominante, a Natureza cada vez mais dominada e o Capital cada vez mais proporcional”.⁹³

Tais artigos, que aparecem em abundância no ano subsequente ao da fundação da sede regional, não revelam a identidade do autor. Entretanto, parece-nos razoável imaginar que não eram escritos por Cascudo, mas por algum subordinado seu na hierarquia integralista. Note-se que o folclorista é constantemente mencionado nestes textos, mas sempre com respeito e deferência, a palavra Chefe antecedendo todas às vezes o seu nome. Além disto, estas eram notas breves e sintéticas que permitiam aos membros, que cresciam cada vez mais na cidade, acompanhar os rumos que o movimento vinha tomando.

Além destas duas colunas encontramos, no mesmo ano, um bom número de artigos, do próprio punho de Cascudo, que abordam o tema do integralismo. É interessante lembrar que as Actas Diurnas só apareceriam vários anos mais tarde em 1938, mas já na época do entusiasmo integralista, ele colaborava com frequência para *A República*. Em 1934, entre artigos sobre os mais variados assuntos, os temas ligados ao integralismo apresentam-se como uma constante em seus textos. Em tais escritos encontramos fortes críticas ao comunismo e ao liberalismo, exaltações inflamadas das virtudes da A.I.B, apologias a figura do Chefe

⁹² A República, 06 de julho de 1934. S/A.

⁹³ A República, 14 de julho de 1934. S/A.

Nacional, referências a preocupante situação do Brasil e menções a idéia de que só o Estado Integral poderia salvar o país.

É significativo que, enquanto os artigos das colunas *Ação Integralista* e *Notas Integralistas* não revelem a identidade de quem os escreveu, as matérias de Cascudo tragam sua clara assinatura. O fato de todos os textos escritos por ele, que tem como tema o integralismo, serem autorais constitui um forte indicativo de seu prestígio dentro e até mesmo fora do movimento. Ter Câmara Cascudo entre os membros da Ação Integralista Brasileira era benéfico para o movimento, uma vez que a admiração que lhe era devotada seria, possivelmente, transferida para a ideologia que defendia. O autor natalense já então desfrutava de um reconhecimento nacional e internacional, por sua obra de etnógrafo e folclorista, e sua assinatura nos artigos relativos ao integralismo funcionava como um argumento de autoridade para as teses da A.I.B.

Em 1º de julho de 1934, encontramos o seguinte texto sobre a figura do Chefe Nacional Plínio Salgado:

“... me lembro dele escrevendo o *Estrangeiro*. Ia a pé para o Braz ver o emigrante rico e o judeu pobre e voltava, acampando para o café no Pignoni. Existirá ainda o Pignoni? Plínio, entre outros tipos criava Juvêncio, que nós aclamamos como o exemplo do potencial brasileiro. Juvêncio, numa cena final, estrangula um bando de papagaios de estimação por que os bichos só sabiam cantar em italiano e rogar pragas em sírio. Nem uma palavra em brasileiro. Mas não é disto que se trata.”

“Também não será, senhores burgueses, capitalistas ilustres, comunistas simpatizantes, indiferentes soberbos, ignorantes doutores, insultadores de Deus, da Pátria e da Família, invertidores de todas as ordens morais e físicas, do INTEGRALISMO que falarei. Não quero perguntar rumos doutrinários nem dialéticas argumentadoras, pró e contra. O que pergunto é o segredo de Plínio Salgado...”

“Porque, francamente, dizem-me uns, ele não tem presença. Dá vontade de lembrar o tamanho da boneca de Nuremberg que possui Dolfuss e insinuar que Hitler não parece nada com o gigante Adamas tor. Mas, convenhamos que Plínio não tenha físico, jeito para movimentar duzentos mil brasileiros. Não tem. Acabou-se. (...) Não tendo Plínio nem físico, nem cultura, nem voz, nem passado, (como se Mussolini, Kemal, Salazar explicassem a obra nacional pela projeção de seu pretérito) nem outros valores materiais para empolgar a grande massa, como justificarmos nós a existência de vinte e duas chefias provinciais, trinta jornais e estes 200.000 rapazes cujo número desnorteia a opinião pública, mesmo de quem não a tem?”

“Não é o livro, a palavra, o exemplo, a atitude de Plínio Salgado que nos seduziu e o elegeu perpetuamente nosso Chefe. Aquilo estava em todos nós. Plínio foi à mão forte que percutiu a rocha em cujo silêncio a onda sonora dormia, inútil e parada. (...) Agora ela estourou, vasta e alta, vaga equinocial, tempestuosa e fremente, cobrindo vitoriosamente todos os cachopos das margens, pedreiras das ribas e recifes das praias...”⁹⁴

⁹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Caso Plínio Salgado*. A República, 01 de julho de 1934.

Este artigo deixa transparecer todo o devotamento e entusiasmo que Cascudo dedicava à causa integralista e ao seu Chefe. Plínio Salgado na, sua compreensão, era um exemplo ímpar na história política brasileira. Homem “simples, paupérrimo, sem casamento rico, sem ser genial”, que conseguiu se converter no “Esperado, homem oportuno, herói”, através de idéias que o levaram a fundar e dirigir o que Cascudo concebia como o mais lindo e inexplicável de todos os movimentos sociais do Brasil desde 1500. Em uma época em que muitos intelectuais procuravam repensar a realidade do país, no intuito de forjar uma nova nação e uma verdadeira identidade nacional, Plínio Salgado criava o personagem Juvêncio, o mestre-escola, cujo exemplo de civilidade chega ao extremo. Para Cascudo este personagem constitui, nas suas próprias palavras, o exemplo do potencial brasileiro. O ato de estrangular os papagaios de estimação que só cantavam em italiano e despejavam pragas em sírio, talvez equivalha à ação de sufocar os “pérfidos” movimentos sociais, como o anarquismo e o comunismo, que rondavam o Brasil. No entender de Cascudo o verdadeiro brasileiro devia mirar-se em Juvêncio, o que significava vestir a camisa-verde do integralismo e combater, com as próprias mãos, os papagaios “capitalistas-ilustres”, “comunistas simpatizantes”, e todas as demais aves de rapina que ameaçavam com suas falácias a tríade Deus, Pátria e Família. Suas palavras talvez possam ser traduzidas pela dualidade: ou se está conosco ou se está contra nós, isto é, ou o cidadão é integralista ou é contrário a todas as ordens morais e físicas, não há meio termo. Seu pensamento, que se mostra repleto de esquecimentos, parece não lembrar que o próprio pai, em um passado não muito distante havia sido um próspero comerciante, portanto, burguês e capitalista ilustre.

Aos que não entendiam como Plínio Salgado, homem sem presença, físico, jeitão, conseguia congrega milhões de brasileiros em torno de si e de seus ideais, movimentando-os rumo ao avanço integralista, Cascudo oferece um paralelo: Mussolini, Kemal ou Salazar por acaso possuiriam tais atributos? Hitler, por acaso, assemelhava-se ao gigante mitológico Adamastor, filho da terra que se rebelou contra Zeus? A resposta, embora ele não a revele, é negativa. E neste ponto, Cascudo deixa entrever uma das questões que talvez mais tenha contribuído para motivar o posterior silêncio, que sempre encobriu a sua atuação como líder integralista: a clara associação do integralismo com os regimes totalitários europeus da primeira metade do século XX. O que Plínio Salgado teria em comum com ditadores como Mussolini, Kemal, Salazar ou mesmo Hitler? A resposta de Cascudo é que apesar de serem homens sem “físico, nem cultura, nem voz, nem passado” estavam realizando uma grandiosa “obra nacional”. O ato de justificar a legitimidade da liderança de Plínio Salgado através de uma breve referência a estes nomes talvez seja extremamente revelador. É possível que estas

figuras, no momento em que Cascudo escreveu tal artigo (antes que fosse revelada, com o fim da segunda grande guerra, toda a brutalidade dos regimes nazi-facistas), representassem para ele, e para a maioria dos integralistas, uma espécie de modelo de líder político; homens fortes e decididos como o próprio Plínio Salgado, que apesar de suas aparências frágeis, tinham as idéias firmes e os pulsos fortes necessários para comandar uma nação.

Em outro artigo, de outubro de 1934, no qual Cascudo discute os motivos porque a A.I.B. concorreria as próximas eleições, encontramos mais uma explicitação dos princípios integralistas e uma crítica mordaz aos movimentos considerados inimigos da tríade Deus, Pátria e Família:

“E o que é o Integralismo? Uma frase curta, profunda e da qual se podem tirar inúmeras conclusões, o define claramente. É um movimento destinado a salvar o Brasil da anarquia e que por isso mesmo exige de todos que a ele pertencem o juramento solene de serem fiéis a DEUS, à PÁTRIA e à FAMÍLIA, noções básicas da ordem social. (...) O Integralismo, portanto, é inimigo de todos quantos combatem a Religião, bem supremo da Nações, e a idéia de Deus onipotente, finalidade última da pessoa humana.”

“Declara guerra sem tréguas a todos os movimentos que procuram apagar os sentimentos de Pátria, como por exemplo o comunismo, que pretende fazer desaparecer as nações, para construir um Estado universal, subordinado a Rússia, o que é inadmissível. Também combate a liberal democracia, que trouxe a chegada do capitalismo e os partidos políticos, que só fazem alimentar ódios, regionalismos, brigas intermináveis e prejudiciais, separando filhos de um mesmo país, da mesma província e do mesmo município.”

“Comunismo, capitalismo, liberalismo, são portanto contrários aos interesses do Povo, à sua felicidade, pois criam situações de privilégios, de um lado e de miséria, de outro, para determinadas pessoas, sem se lembrarem de que TODOS têm direito à felicidade. (...) Finalmente, o integralismo defende com ardor a instituição da família, porque sabe que é da pureza do Lar, da sua segurança, que depende o futuro das Pátrias. Segurança econômica e principalmente segurança moral. Todas as medidas que procuram enfraquecer a Família têm a nossa repulsa. O Divorcio, a restrição dos nascimentos, o socialismo pedagógico, a exploração do trabalho da mãe de família fora do lar, não podem ser admitidos.”⁹⁵

Cascudo inicia o texto esclarecendo uma questão fundamental: o que era o integralismo. Para ele esta pergunta podia ser respondida por uma única frase. O integralismo seria, simplesmente, o movimento dedicado a salvar o Brasil do estado caótico em que se encontrava, livrando a pátria da ameaça anárquica. Mas quem seriam os agentes desta anarquia que rondava o país? As palavras deste artigo não deixam dúvidas quanto a este ponto. No entender de Cascudo, os inimigos do Estado brasileiro e, conseqüentemente, do integralismo eram todos aqueles movimentos que punham em risco a tríade Deus, Pátria e Família, “noções básicas da ordem social”, ou seja, comunismo, capitalismo e liberalismo. O

⁹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Por que a Ação Integralista Brasileira concorre às eleições de 14 de Outubro*. A República, 05 de outubro de 1934.

combate a estes três elementos componentes da nova realidade nacional, de fato, ocupa um espaço significativo dos artigos cascudianos sobre o tema integralista.

Por meio deste artigo, vislumbramos as posições políticas de um intelectual conservador, que encara o movimento integralista como uma defesa dos valores tradicionais contra a avalanche trazida pelos novos tempos. Se ele se posiciona contra o comunismo é porque o seu sentimento nacionalista lhe adverte que este regime quer acabar com a nação brasileira, para incorporá-la ao Estado Universal, subordinado a Rússia. Sua crítica a liberal democracia, por sua vez, se justifica por esta ter trazido ao território nacional o capitalismo e os partidos políticos, que só fazem estimular a fragmentação, alimentando ódios, separando os irmãos de nacionalidade, criando brigas infundáveis.

Enfim, para Cascudo, as idéias integralistas encontram legitimidade em sua defesa de Deus, da Pátria e da Família. Estes princípios, que no seu entender, estão cada vez mais ameaçados pela modernidade, constituiriam a garantia de uma sociedade feliz, esvaziada de tensões. O conservadorismo, que sempre transpareceu de sua vida pública e de sua obra, se reflete em seu apoio a ideologia integralista, em um momento em que se fazia premente a atuação intelectual na esfera política.

Esquecer Para não ser Esquecido

Como já foi frisado anteriormente, a participação de Câmara Cascudo junto ao movimento integralista permanece como uma lacuna entre as muitas obras que se debruçam sobre sua trajetória intelectual. É importante lembrar que o próprio autor sempre preferiu evitar tal assunto, colocando-o a margem da construção de sua memória. Contudo, a exemplo dos artigos citados, vários outros indícios permanecem nos arquivos, atestando a sua identificação com o movimento. Pois como nos lembra Walter Benjamin:

“Esconder significa: deixar rastros. Porém, invisíveis. É a arte da prestidigitação. Rastelli sabia esconder coisas no ar. Quanto mais aéreo um esconderijo, tanto mais engenhoso. Quanto mais livremente estiver exposto a todos os olhares, tanto melhor.”

“Portanto, de modo algum colocar em gavetas, armários, debaixo da cama ou dentro do piano. (...) Não precisa por isso estar a descoberto: uma dobra na toalha da mesa, um tufo na cortina pode já denunciar o lugar onde se deve procurar.”⁹⁶

⁹⁶ BENJAMIN, Walter. *“O Coelho da Páscoa Descoberto ou Pequeno Guia dos Esconderijos”*. In. *Imagens do Pensamento. Obras Escolhidas II*. Rua de Mão Única. São Paulo, Brasiliense, 1995. pp. 237 e 238.

As pistas que nos permitem situar Cascudo entre os diversos intelectuais que, nos anos 30, abraçaram a causa integralista são mais evidentes do que se pode pensar. Se em suas várias obras (entre as quais os livros de memórias), não encontramos traços de suas antigas inclinações políticas, nos artigos que escreveu para a imprensa natalense neste período, observamos vestígios inequívocos de sua participação como Chefe provincial integralista. Até mesmo em sua biblioteca, onde nos deparamos com praticamente todos os livros de Gustavo Barroso, contendo dedicatórias como a de *Brasil Colônia de Banqueiros*: “**Ao querido Cascudo, Anauê! Gustavo**”; e em um trecho de uma carta do amigo Mário de Andrade: “... então não se escreve mais pra este polista com saudade? Nem ao menos você está carecendo aí de algum livro hitlerofachiatocamisaverdice para mandar pedir e eu ter o gosto de receber letra sua! Será que nem pra isso o Fachismo serve mais!”; observamos rastros de sua simpatia pelas idéias da A.I.B. Cascudo parece ter acreditado que os melhores esconderijos são aqueles mais visíveis, por isso optou por preservar as pistas de sua face integralista justamente nos locais mais fáceis de se encontrar, ao invés de escondê-las em gavetas, armários ou debaixo da cama.

As tentativas de camuflar este aspecto de sua vida têm muito para revelar. Se é, principalmente, através da memória que podemos nos aproximar do passado de uma existência, devemos lembrar que esta mesma memória é também construção. Isto é, rememorar o passado significar ordenar lembranças que estão intimamente ligadas ao seu sujeito. O que é lembrado, todavia, obedece a um subjetivo processo de seleção. Portanto, esquecer é um procedimento que, tanto quanto lembrar, compõe a produção memorialística.

Ainda de acordo com Benjamin:

“Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido. Tal como a palavra que ainda há pouco se achava em nossos lábios, libertaria a língua para arroubos demostênicos, assim o esquecido nos parece pesado por causa de toda a vida vivida que nos reserva. Talvez o que o faça tão carregado e prene não seja outra coisa que o vestígio de hábitos perdidos, nos quais já não poderíamos nos encontrar”.⁹⁷

Restaurar completamente o que foi olvidado pelo processo de produção do passado constitui uma tarefa, em grande medida, improvável. O esquecimento é parte fundamental da memória, pois consiste no contraponto de sua ação, ou seja, aquele que lembra também

⁹⁷ BENJAMIN, Walter. “*O Jogo das Letras*”. In. *Infância em Berlim por volta de 1900. Obras Escolhidas II*. Rua de Mão Única. São Paulo, Brasiliense, 1995. pp. 104 e 105.

esquece, pois memória é também escolha. Com relação a Cascudo, o que é lembrado em sua trajetória intelectual, se sobrepõe ao que foi esquecido. È possível que para ele (enquanto esteve vivo), e para os cultores de sua memória a rememoração de seu passado integralista significasse um choque, trazendo a tona sentimentos extremamente perturbadores, como embaraço e vergonha. De acordo com a reflexão de Benjamin, podemos enxergar no silêncio acerca da atuação de Cascudo junto ao integralismo o vestígio de hábitos perdidos, que a história havia condenado, e que já não se conformariam com a sua imagem de erudito e conhecedor das tradições do povo.

Ao folclorista consagrado, autor de inúmeros livros de alcance nacional e internacional, que cultivou a imagem de intelectual folgazão, que recebia as visitas mais ilustres vestindo pijama, espirituoso e brincalhão, não convinha lembrar o momento em que vestira a camisa-verde de um movimento que passaria a História como à versão brasileira dos regimes totalitários europeus. Se na década de 30 vislumbramos um Cascudo extremamente entusiasmado e comprometido com Plínio Salgado e a A.I.B., que atacava com mordacidade o comunismo, o liberalismo e o capitalismo, e citava os nomes de Mussolini, Kemal e Salazar como exemplos de líderes políticos; nas décadas seguintes encontramos um autor que faz questão de esquecer esta parte de seu passado e em momento algum faz referência a ela e que jamais, até a sua morte, voltou a assumir qualquer posicionamento político claro, embora sempre estivesse ligado as camadas mais tradicionais e conservadoras do poder.

Não é fácil apontar com convicção o motivo que levou o folclorista a querer esquecer esse momento de sua vida, pois o assunto sempre foi mantido intocado por ele e pela maioria de seus biógrafos. Certamente, o descrédito em que caiu a A.I.B., após a fracassada tentativa de golpe de 11 de maio de 1938, quando um grupo de integralistas tentou invadir o Palácio da Guanabara, residência oficial do presidente da república, para depor Getúlio Vargas, no episódio que passou a ser conhecido na história brasileira como Levante Integralista, contribuiu para afastar Cascudo das idéias do movimento. É importante lembrar que após esse evento muitos integralistas foram perseguidos e mortos (ao próprio Plínio Salgado, frustrado em suas ambiciosas aspirações políticas, só restou o exílio em Portugal, do qual só voltaria em 1946 após o fim do Estado Novo varguista), mas que alguns intelectuais ligados a A.I.B., em vista do prestígio cultural de que desfrutavam, como é o caso do próprio Cascudo, mantiveram seus nomes intocados, embora tenham tido de renunciar ao ideário que tanto defendiam.

Todavia, o silêncio que sempre encobriu a sua ligação com o movimento integralista, parece estar mais associado à preservação de sua memória. Não é nenhuma novidade que

muitas das idéias da A.I.B., mantinham estreita relação com as ideologias dos regimes nazi-fascistas europeus. Com o fim da segunda Guerra Mundial todas as atrocidades cometidas por estes governos totalitários vieram à tona, e tornou-se uma questão moral expurgar o Ocidente das doutrinas fascistas e todas as suas congêneres. Neste contexto de repulsa pelos diversos crimes e demais barbaridades, empreendidos pelos ditadores nacionalistas europeus, não é de admirar que a associação ao integralismo, rapidamente, passasse a ser encarada de uma maneira pejorativa. O integralismo, em grande medida, foi visto como um sinônimo do fascismo por uma grande camada da sociedade brasileira. Muito embora saibamos que isso não reflete a realidade do movimento, que talvez não compartilhasse com as idéias mais extremadas dos seus congêneres europeus, é impossível não identificar as simpatias que os integralistas dedicavam aos líderes fascistas (lembramos do artigo de Cascudo sobre Plínio Salgado onde ele se refere as grandes obras nacionais que estavam realizando homens como Mussolini, Kemal e Salazar).

É possível que o ato de esquecer e camuflar sua atuação como Chefe provincial integralista, revele, em Cascudo, um íntimo sentimento de vergonha por ter seu nome associado a idéias tão repudiadas. Contudo, não se pode afirmar que tenha se arrependido de ter feito parte de tal movimento (alguns outros intelectuais, como por exemplo, o romancista paraibano José Lins do Rego, assumiram publicamente o envolvimento integralista e procuraram se retratar por isso), uma vez que nunca tocou publicamente em tal assunto. É mais provável que a preocupação em esconder este aspecto do seu passado, demonstre a inquietação com a não aceitação da opinião pública. Para uma figura tão conhecida e notória quanto ele, que deixaria em sua obra e em sua história de vida, um legado para a posteridade, ter seu nome embotado por uma paixão da juventude constituía um fato inadmissível.

O seu próprio silêncio, assim como o de seus biógrafos, configura-se como um artefato, utilizado na batalha que foi, e ainda continua sendo travada em torno da preservação de sua memória. O passado de Cascudo, como o que ele produz para a cidade antiga como vimos no primeiro capítulo, é construído como um espaço calmo e destituído de tensões. Todas as possíveis nódoas que possam embotar a sua imagem de intelectual simpático, “homem do povo”, são camufladas.

No entanto, suas palavras, embora encobertas, continuam nos registros da história, escondidas nos arquivos, como a transcrição de um discurso que proferiu em 1º de julho 1934 em uma reunião do movimento integralista em Natal, a proclamar que:

“... o simpatizante não se deixe levar pelo entusiasmo do movimento. Quem entra para a A.I.B. não sairá jamais. Nem a morte tem o poder de dividir os camisas verdes. Só a traição é que justifica a morte civil, declarada oficialmente. Recomento toda a atenção as saudações fascistas.”⁹⁸

Entre o Folclore e a História.

Câmara Cascudo constituiu, na história intelectual brasileira, um sujeito do conhecimento multifacetado. Sua longa trajetória pelo mundo das letras, caracterizou-se sempre por uma espécie de onipresença nos mais variados campos do saber. O horizonte de suas pesquisas era marcado pela amplitude, que conferia uma aura de grandeza a sua obra como um todo. Sempre procurou cultivar a imagem do erudito, aquele que possuía uma instrução variada, aurida, sobretudo, por longas horas de leituras e pesquisas. Não é a toa que as biografias que foram escritas sobre ele aludem, com frequência, a suas múltiplas facetas de professor, jornalista, advogado, memorialista, crítico literário, biógrafo, poeta, e também historiador, embora tenha se destacado na história cultural brasileira principalmente como folclorista e etnógrafo.

Apesar da diversidade de seus interesses intelectuais e da pluralidade dos objetos estudados, Cascudo alçou-se ao lugar de destaque (que ocupou ainda em vida e que continua a ocupar depois de morto), no cenário brasileiro, através da extensa produção e metódica pesquisa que desenvolveu nas áreas do folclore e da etnografia. Foi, sem dúvida, como estudioso da cultura e das tradições populares que obteve o reconhecimento (nacional e internacional), pelo qual ansiava. Seu status de profundo conhecedor da “cultura popular nordestina”, objeto de poder-saber que ele próprio ajudou a criar, o tornou merecedor do prestígio que receberia da posteridade.

Pioneiro do folclore no Brasil, embora tenha declarado em texto publicado na imprensa cearense “Os jornais, na melhor ou na pior das intenções chamam-me folclorista. Folclorista é a puta que os pariu. Eu sou um professor⁹⁹”, em 1925 já revelava em carta escrita ao amigo modernista Mario de Andrade que “desde 22 lia e reunia notas, viajava e observava” em busca das tradições e costumes do povo. Em 1941, antes mesmo que Renato Almeida iniciasse os trabalhos da Comissão Nacional de Folclore, fundou uma Sociedade Nacional para Estudos de Folclore, com sede em Natal. Sem dúvida, foi de Cascudo a maior contribuição para o lançamento das bases e posterior desenvolvimento da disciplina no Brasil. No campo dos estudos folclóricos e da etnografia produziu obras fundamentais e inovadoras,

⁹⁸ A República, 03 de julho de 1934. S/A.

⁹⁹ CASCUDO, Daliana. Org. Câmara Cascudo. *20 Anos de Encantamento*. Edufrn, Natal, 2007. p.188.

como o Dicionário do Folclore Brasileiro, Tradição, Ciência do Povo, Geografia dos Mitos Brasileiros, Vaqueiros e Cantadores, entre muitas outras.

Afirmar que a chamada “cultura do povo” era seu objeto de estudo privilegiado e sua verdadeira paixão, constitui um lugar comum na maioria dos escritos daqueles que se debruçam sobre sua obra. No entanto, se analisarmos com atenção estes mesmos textos, perceberemos como frequentemente ele era identificado, sobretudo em seu estado natal, como o historiador Luís da Câmara Cascudo. De fato, dentre as várias áreas do conhecimento pelas quais transitava, a história ocupava um papel de grande importância.

É significativo que tenha sido, por muitos anos, professor de História do Atheneu Norte-Rio Grandense, e que, como vimos no trecho citado acima, prefira o título de educador ao de folclorista. Entretanto, o exercício do magistério na disciplina histórica não basta para explicar a recorrência com que é identificado como historiador. Não se afigura como uma tarefa difícil classificar como livros de História, no sentido mais literal do termo, um bom número de obras entre a sua extensa produção. De fato, entre escritos sobre a História do Rio Grande do Norte e sobre a Cidade do Natal, biografias de personagens célebres e de figuras comuns, textos sobre a História do Brasil e livros de memórias, é possível contabilizar uma expressiva quantidade de obras. E não apenas muitos dos livros e artigos de Cascudo eram produzidos e lidos como textos de caráter histórico, mas uma infinidade de crônicas publicadas na coluna Acta Diurna, que constituem nesta dissertação material fundante para analisar suas percepções da cidade do Natal, consistiam em instantâneos de história.

Através de vários destes curtos textos podemos vislumbrar, com certa clareza, o que significava para ele ser um historiador. Mais ainda, por meio de algumas crônicas é possível compreender o que era para Cascudo a História, e como (amparado em que princípios) se dava seu fazer historiográfico.

No prefácio do Livro das Velhas Figuras. Volume VIII, Paulo Fernando de Albuquerque Maranhão escreve o seguinte sobre a coluna, citando uma fala do próprio Cascudo:

“Durante mais de duas décadas, desde 1938, Luís da Câmara Cascudo manteve na imprensa ‘uma seção denominada Acta Diurna, revivendo’ diz ele, ‘com pesquisas teimosas nos arquivos (...) episódios e nomes que tinham tido sua hora de notoriedade local. Algumas dessas Actas Diurnas revelavam, pela primeira vez, datas, o fato na sua veracidade, o ambiente na legitimidade funcional’.

‘Era uma maneira’, continua o ilustre Historiador, de ‘servir à minha terra e à minha gente, restituindo-lhes a vivência dos acontecimentos e das

vidas dignas de memória (...) Meus temas foram (...) tranquilos, distantes, imóveis na Morte, alguns esquecidos na velocidade do Tempo implacável”¹⁰⁰.

Este fragmento constitui, certamente, uma das chaves explicativas que nos ajudará a investigar as concepções de Cascudo acerca da História e do labor historiográfico, ao longo das próximas páginas. De início, contudo, é importante sublinhar o seu sentido geral. Fica explícita a relação das Actas Diurnas com o passado. Por meio das palavras de Cascudo, percebemos como a temporalidade ocupa um lugar preponderante nas suas narrativas diárias. Em tais crônicas, fatos, nomes, datas e tradições se entrelaçam, na busca de estabelecer, no tempo presente, um lugar de conservação do passado, abrigado das turbulências e do caos da modernidade.

Procissão de Mortos

Percorrendo as Actas Diurnas, ao longo de seus vários anos de existência, nos damos conta de como Cascudo dedicou uma boa parte delas a rememorar personagens, fossem eles famosos ou populares, da vida do Rio Grande do Norte e do Brasil. Homens e mulheres que, como ele mesmo diz, “tinham tido a sua hora de notoriedade local”, mas haviam ficado esquecidos em algum lugar do passado. É a esses ilustres anônimos que o autor dedica suas grandes habilidades de biógrafo e memorialista, no intuito de resgatá-los do limbo do esquecimento e os incorporar, ainda que parcial e discursivamente, a vida e a História.

A narrativa de vida e culto de personagens do passado aparece como uma constante quando pesquisamos sua obra, uma vez que além das crônicas e textos curtos, Cascudo escreveu vários livros biográficos. Algumas destas obras eram relatos dedicados a figuras ligadas à monarquia no Brasil, quer por sua relação com família imperial como é o caso do Conde d’Eu (livro duramente criticado em carta pelo amigo Mario de Andrade)¹⁰¹; quer por estarem inseridas nos quadros da burocracia de estado monárquica, como o Márquez de Olinda, para ele uma “*uma entidade isolada, única, definitiva*”. Mas não foram apenas os

¹⁰⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Livro das Velhas Figuras* Vol. IX. Edufrn, Natal, 2002.

¹⁰¹ Mário de Andrade, em 09/06/1937, escreveu uma carta ácida ao amigo fraterno, nela ele criticava com veemência alguns artigos de Cascudo, além de suas biografias sobre figuras como o Conde d’Eu: “...você vai me permitir, duma vez por todas, que fale com franqueza sobre os seus artigos. Geralmente não gosto abertamente deles, e agora careço dizer por que.(...) Minha convicção é que você vale muito mais de que o que já produziu. Há nos trabalhos de você dois erros que em assuntos técnicos, me parecem fundamentais, a falta de paciência e o desprezo da medida. (...) Vou dar exemplos do seu descomedimento: a sua monografia sobre o Conde d’Eu.(...) Mas franqueza, porque você atacou um assunto tão desimportante, uma figura de nenhum alcance fundamental pra pesquisar dados e dadinhos sobre ela.” Nesta carta, Mário de Andrade aconselha Cascudo a voltar-se para os estudos folclóricos, que tinha “aí passando na rua a qualquer hora”.

grandes do Império, os intelectuais, literatos e políticos que foram biografados por Cascudo. Também alguns homens e mulheres do povo tiveram suas trajetórias resgatadas do anonimato, como é o caso de Luiza Freire, a Bibi, a ama que o acompanhou em sua infância de menino enfermo, e que posteriormente, permaneceu como empregada em sua própria casa, uma grande contadeira de histórias que encheu de fantasia a solidão do menino Cascudo; e de Jesuíno Brilhante, o cangaceiro que considerava como uma espécie sertaneja de Robin Hood, defensor dos pobres e oprimidos. Além destes, muitos outros nomes, nobres ou populares, tiveram suas existências lembradas através das páginas cascudianas, e na maioria dos casos as obras remetem sempre ao caráter exemplar das vidas dos biografados.

As crônicas, por sua vez, tendo em vista que eram textos breves publicados diariamente na imprensa, possibilitavam uma significativa ampliação do número de biografados. Dessa forma, vemos emergir das páginas da *Republica* e do *Diário de Natal*, uma verdadeira procissão de mortos. Nomes e mais nomes, vidas e mais vidas dissipadas pelo fluxo inexorável do tempo, as quais Cascudo prestava uma singela homenagem em poucas palavras, uma vez que retratar minuciosamente cada uma delas era tarefa tão improvável que nem mesmo o “mestre” conseguiria executar. De maneira geral, as crônicas seguem a mesma lógica de seus livros de biografias, e ocupam-se tanto de gente importante (talvez a maioria), quanto de populares.

Entre os vultos notórios, que tiveram suas existências brevemente cristalizadas pelas páginas do Historiador, é curioso observar como os detentores de títulos nobiliárquicos mereciam especial atenção. Em abril de 1945, por exemplo, dedica duas crônicas ao Barão do Rio Branco, homem ímpar na história brasileira, e que, na sua concepção, não deveria, de forma alguma, ter seus feitos obliterados pelas névoas trazidas pela passagem do tempo à mente dos homens.

“No dia 20 de abril de 1845 nasceu na Travessa do Senado número 8, no Rio de Janeiro, José Maria da Silva Paranhos. (...) Nenhum brasileiro valorizou sua raça e seu país em maior soma de atitudes reais de trabalho. (...) Chamaram-no o Marechal da Paz. Rui Barbosa deu-lhe o título supremo : - Deus Término das Fronteiras do Brasil.

O bacharel que defendeu o Brasil como um general invencível, o soldado sem armas, o historiador, armado de caneta e pena, que incluiu no território nacional a superfície de quinze Bélgicas, recebeu, como nenhum outro em qualquer época, as mais espontâneas e completas manifestações da gratidão coletiva.

Todas as classes, todos os níveis de cultura, todas as atividades, encontram um elemento de aproximação no gigante sereno que afastou de nós as guerras de fronteiras, os dinamites dos corredores poloneses e as bombas de retardo das Dantzigs. Nenhum fogo de monturo arde clandestinamente contra

nós nas lindes terminais do Brasil graças as mãos pacificadoras e geniais de Rio Branco. (...) Seu nome é uma lição ao continente inteiro”¹⁰².

Nesta crônica Cascudo começa a preparar seus leitores para a celebração do centenário de nascimento do Barão de Rio Branco. Sua empatia com o personagem histórico transparece de suas palavras. Ao descrevê-lo o autor não poupa elogios e adjetivos enaltecedores, na busca por incorporá-lo a história como um grande ícone. Trata-se de um relato redentor, que procura transformar o personagem, sem dúvida importante para a nação, em um herói quase mítico. As possíveis contradições e marcas, que possam embotar a memória do “Deus Término das Fronteiras no Brasil”, são apagadas em nome da preservação de sua aura imaculada.

Alguns dias depois da publicação daquele texto, mais exatamente em 20 de abril de 1945, data exata do centenário de nascimento do Barão de Rio Branco, Cascudo apresentou a seus leitores mais um testemunho fervoroso e entusiasta, da admiração que devotava a este homem e do empenho que empregava para fixá-lo de vez na memória popular.

“Barão, para o povo brasileiro, só havia um. Quando alguém dizia, o Barão, toda a gente sabia tratar-se do bacharel José Maria Paranhos, Barão do Rio Branco, nascido no Rio, educado em S. Paulo, bacharel no Recife, rapaz de músculos resistentes, grande garfo, melhor copo e capoeira invencido apesar de filho de Visconde.

Meu pai conheceu-o em 1910 no Rio. O Barão pesava 120 quilos, estava de dieta, policiado pelos médicos. Escondia-se para poder comer e fumar. (...) Meu pai possuía, e não mais puz os olhos em cima, uma carta autografa de Rio Branco, muito espirituosa, agradecendo uma remessa de queijos do Seridó.

Historiador, pesquisador maravilhoso, anotando quanto lia, conservou seus hábitos de simplicidade, sua fé católica, sua naturalidade humana. Nenhuma glória o transfigurou e o distanciou do povo. (...) Há cem anos, na travessa do senado n.8, nascia o menino a quem as três fadas das estórias tradicionais deram os três condões de amar, viver e defender ao seu Deus, sua Terra e sua Gente¹⁰³”.

Mais uma vez Cascudo dedica palavras bastante generosas a esta personalidade notória da História do Brasil. Desta vez ele aproxima ainda mais o Barão da realidade de seus leitores. Seu pai conhecera-o, tivera notícia de aspectos íntimos do cotidiano dele, chegara mesmo a possuir uma carta agradecida do mesmo. Se na crônica anterior o objetivo de Cascudo parece ter sido apresentá-lo como uma pessoa especial, um homem diferenciado por suas múltiplas qualidades, algo mais que um mero mortal, nesta última ele trata de aproximar

¹⁰² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Centenário do Barão de Rio Branco é neste mês de abril*. A República, 08 de abril de 1945.

¹⁰³ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Barão....* A República, 20 de abril de 1945.

o Barão de Rio Branco do povo, homem possuidor de hábitos simples, religioso e até mesmo apreciador do pecado da gula.

Muitas outras Actas Diurnas tratam de Barões, Condes e Marqueses, de modo que, através delas, o pesquisador interessado poderá compor um rico painel e uma história da nobreza no Brasil (o que não é o nosso caso). Mas, se por um lado, as simpatias monárquicas e conservadoras do autor, explicam várias das crônicas dedicadas a retratar e redimir certas personalidades do Império, por outro, através destes escritos é possível vislumbrar o comprometimento de Cascudo com uma certa forma de se escrever a História (de que trataremos melhor nas próximas páginas). A qual busca no passado seus heróis, seus símbolos, os maiores representantes de sua nação. Uma História voltada para a valorização e culto dos célebres grandes homens. Que busca exaltar as virtudes e esconder as vicissitudes destes personagens, restituindo, e algumas vezes forjando, a grandeza que tiveram no passado.

Todavia, é necessário considerar que Cascudo requisitava para si a condição de homem do povo. Apesar de não ter nascido em seu seio, o Historiador acreditava ter uma profunda relação com os mais humildes (e é assim que suas biografias e autobiografias o descrevem). Sua filha Ana Maria Cascudo, em entrevista à imprensa, declarou: **“Uma vez, papai me contou que chegou a ser cogitada a expulsão dele do Atheneu, porque diziam que um homem de sociedade não podia viver se misturando com a gentinha que tinha nau catarineta, coco de roda, pastoril¹⁰⁴”**. Mas o fato, é que Cascudo desejava ser esse elemento híbrido. O erudito membro da sociedade natalense, que além de circular livremente entre o povo, chegava a confundir-se com ele. Queria ser o homem douto e refinado que conhecia as grandezas e vicissitudes de pescadores, rezadeiras, sertanejos e de todos os menos abastados, chegando mesmo a fazer parte deles.

Dessa forma, é compreensível que entre o nobre panteão biografado por Cascudo nas Actas Diurnas, figurem também personagens populares. Gente simples e humilde, que mesmo não tendo realizado atos heróicos em prol da pátria ou grandes realizações cultas, haviam tido suas façanhas cotidianas no labor diário. Essas silenciosas vidas, obliteradas pelo anonimato, também eram dignas da recordação viva e redentora do autor. E é assim que aparecem, entre crônicas acerca de barões, literatos e políticos, textos sobre as existências fugazes de figuras populares das ruas de Natal, de valentes sertanejos, de cantadores esquecidos, de amigos falecidos, entre outros.

¹⁰⁴ CASCUDO, Ana da Câmara. *Orgulho de Ser Câmara Cascudo*. Suplemento Cultura, Outubro/Novembro de 1998.

Em uma crônica de nome muito significativo, *História de Manuel Pequeno*, publicada em 1944, encontramos uma amostra muito interessante, de como Luís da Câmara Cascudo lidava com os pequenos personagens esquecidos:

“Manuel Ferreira dos Santos Pequeno, pardo, baixo, enxuto, pernas secas, cavanhaque ornamental, justificando o apelido do O BODE É MEU, portador de confiança, herói de caminhadas, devorador de estradas, é uma figura inesquecível na literatura oral de Jardim do Seridó.”

“Vive a lenda de sua coragem natural, sacudida, impetuosa, imediata. Vive a fama maravilhosa de sua resistência nas incríveis jornadas alucinantes, batendo léguas, encurtando distância, num passo ginástico, choteado, ininterrupto, ritmo dos indígenas-correio que Henri Koster admirou, e dos vagabundos árabes que Rui da Câmara regista, feitos de bronze, infatigáveis, insensíveis, impassíveis.”

“Condutor de cartas, levando escravos, dinheiros, processos, ia ao Recife, Natal, Paraíba e Fortaleza sem jamais perder um objeto confiado a sua honestidade maciça. Com sua garrucha de seis canos, carregada de bala, seu rabo de galo, sabre-baioneta Comblín, varava o sertão, calcando os taboleiros, surrando os vadios, enfrentando cangaceiros, sereno, lépido, risonho, como se exercesse função alheia aos dotes de valentia indispensáveis para a missão difícil em que vivia.”

“Honesto, simples, servicial, nunca pensou no quanto era útil. Quem levava tanto ouro deixou o espólio de 1:601 \$ 000! (...) Faleceu, com 88 anos, a 31 de Janeiro e 1928. (...) Não o esqueceu a memória popular e, seu nome, ausente dos registros glorificadores, gravou-se, indelével, nas almas claras em cuja doce luminosidade viverá para sempre.”¹⁰⁵

A começar pelo título, encontramos neste texto, elementos bastante elucidativos de como Cascudo biografava a chamada “gente miúda” em suas Actas Diurnas. A *História* de Manuel Pequeno, é grafada como H maiúsculo, tal como o nome da disciplina que Cascudo exercita ao descrevê-la. Não é a *estória* (no sentido de conto popular, ficção, relato transmitido oralmente) deste homem, que o autor quer narrar. Ele deseja incorporar essa vida ínfima e perdida no tempo, a História. Podemos ainda supor que, com essa pequena sutileza semântica, o autor busca dar a entender que, o que produz nestes breves escritos biográficos é sim conhecimento histórico.

Nesta crônica, a exemplo das duas apresentadas anteriormente, em que trata do Barão de Rio Branco, Cascudo não poupa elogios ao sertanejo, enumerando suas muitas virtudes simples. Para ele essa figura popular é também um herói que merece ter o nome lembrado nas suas páginas. Sua coragem e determinação na labuta diária equivalem (embora talvez em menor grau, tendo em vista que as crônicas sobre homens ilustres são bem mais abundantes em sua produção), aos feitos inesquecíveis dos grandes da História. Segundo o autor, a memória popular não o esqueceu, não obstante seu nome esteja longe dos registros

¹⁰⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *História de Manuel Pequeno*. A República, 6 de Fevereiro de 1944.

glorificadores. No entanto, Cascudo parece acreditar que essa mesma memória popular é falha, pois dedica suas palavras a salvar do esquecimento esse personagem. É necessário transformar a oralidade do povo em escrita (ainda que, ao ser escrito o oral perca sua principal característica). E é nesse ponto que se faz premente a intervenção do intelectual, que vai cristalizar, em algumas folhas de papel, a História popular, que é passada de boca em boca ao longo das gerações.

Em uma outra crônica de 1944, a respeito de uma antiga arma de fogo, doada ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Cascudo escreve sobre uma outra figura popular, que a exemplo de Manuel Pequeno, merecia ter seu nome e seus feitos salvos do esquecimento:

“Das mãos do brigadeiro Dendé Arco-Verde a carabina só passava para o negro Simplicio, apelidado Cobra Verde, ágil como uma onça, valente até a loucura. (...) Simplicio Cobra Verde dizia, referindo a Minié – É a melhor arma de fogo deste Mundo; onde o olho enxerga o tiro bate...”

“Uma vez, tarde de verão, uma novilha precipitou-se de encontro ao brigadeiro que passeava, todo de branco, na calçada da Casa-Grande de Cunhaú. (...) Simplicio alvejou-a. A bala alcançou o animal na testa, abatendo-o, antes que terminasse o berro que vinha soltando, furioso.”

“Cobra Verde, sério como um ídolo e ágil como o vento, era o melhor atirador das redondezas. Não há memória de haver errado a pontaria ou falhado a descarga fatal. Meio Berro evoca essas duas figuras heróicas em sua violência, generosas e cruéis. “

“Simplicio viveu seus últimos anos sozinho no meio da mata onde construía uma choupana. Dizia morrer quando completasse cem anos. Na tarde de 1º de Janeiro de 1986, Felipe Ferreira viu passar seu cadáver para o humilde cemitério de Mataraca. Cobra Verde cumprira a palavra. Vivera um século...”¹⁰⁶”

Certamente, muito poucos leitores de sua coluna diária tinham ouvido falar de Simplicio Cobra Verde, o negro ágil e valente que protegia como um cão de guarda seu patrão. É provável que a memória de tais bravos atos desaparecesse com a sua morte e de seus contemporâneos. Mas é aí que o Historiador Luís da Câmara Cascudo entra, imortalizando esse personagem através de suas palavras ressuscitadoras, e transformando em História escrita a simplicidade de sua vida. Ele parece acreditar na impossibilidade de uma história que não seja escrita. Fora dessa esfera, os homens do passado desaparecem sem deixar rastros de sua passagem, e é por isso que dedica várias de suas Actas Diurnas às suas breves biografias.

Podemos considerar que, tanto nas crônicas em que trata de figuras ilustres como nas que aborda os homens mais simples, o autor remete sempre a exemplaridade de suas vidas. Para ele o povo precisa de “heróis”, que sirvam de modelo de conduta na atualidade. E qual

¹⁰⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Meio Berro*. A República, 04 de Janeiro de 1944.

lugar seria mais propício para encontrá-los do que o passado? É bastante possível que Cascudo, como grande admirador e leitor dos autores clássicos que foi, quisesse produzir, com suas biografias, uma história amparada nas considerações de Cícero. Isto se reflete na sua intenção de fazer da história que escrevia, ao abordar essas tênues existências, mestra de vida, memória, por conseguinte, e não qualquer memória, mas uma com um sentido edificante e edificador, que garantisse aos heróis antigos ou atuais, conhecidos ou anônimos, o lugar que lhes era devido.

Por meio destas crônicas, Cascudo quer trazer de volta à realidade aquelas existências dignas de nota, convertendo-as em exemplos contemporâneos, e salvando-as do infame esquecimento. É por isso que seus biografados aparecem sempre sem uma nódoa que embote suas personalidades, sem uma mancha que os torne indignos da “História”. Para ele “a morte existe. Os mortos não”, pois enquanto existir quem mantenha acesa na memória a chama das gloriosas experiências vividas por aqueles homens, eles continuarão a viver.

História, Documento e Verdade

Em artigo de 12 de maio de 1944, publicado em A República, encontramos a seguinte apreciação sobre Luís da Câmara Cascudo:

“A história não é apenas a colheita demorada de documentos no fundo dos arquivos, tarefa que se prolonga indefinidamente, consumindo a vida dos pesquisadores. Estamos, antes de tudo, diante da interpretação e da análise, da exegese e da crítica. E neste terreno, em que a inteligência e o espírito de síntese podem se afirmar com maior segurança, Luís da Câmara Cascudo aparece, sem dúvida, no primeiro plano dos historiadores patrícios. A sua atividade nesse setor vem se desenvolvendo, há mais de vinte anos, paralelamente com os estudos do folclorista. Mergulhando no passado, procurava trazer para o presente os elementos de sua compreensão através das lendas e dos velhos costumes de nossa terra.

Não chegam os dedos das mãos para a contagem das obras que Luís da Câmara Cascudo tem publicado, nos últimos quatro lustros, a respeito de assuntos de etnografia e história. Basta citarmos *Intencionalidade no Descobrimento do Brasil, Vaqueiros e Cantadores, O Marquês de Olinda e Seu Tempo* e *Viajando o Sertão*.¹⁰⁷”

Esta nota, que apareceu primeiramente na revista carioca Vamos Ler, e que foi transcrita para as páginas do jornal natalense, tece uma crítica bastante favorável ao trabalho de Cascudo no campo da história. Para o autor, que não é identificado no artigo, o folclorista, além de exímio pesquisador, era ainda perito nas artes da interpretação e da análise, da

¹⁰⁷ S/A. *Uma Apreciação sobre Luís da Câmara Cascudo*. A República, 12 de maio de 1944.

exegese e da crítica, o que o colocava, sem sombra de dúvida, no primeiro patamar dos historiadores brasileiros. Contudo, o que ele parece ignorar (conscientemente ou não), é que, na concepção de Cascudo, ao historiador não cabia interpretar o que quer que fosse, mas sim, de forma neutra e objetiva, “...revelar o fato na sua veracidade”, como se o sonho de ressuscitar todas as coisas pretéritas se afigurasse possível.

De fato, ao se proceder a uma análise da produção historiográfica de Cascudo (tanto de livros, como de artigos e crônicas), observa-se que seu trabalho nesta área, estava muito mais próximo do fazer dos pesquisadores que consumiam suas vidas na coleta infinita de documentos empoeirados, no fundo dos arquivos. Pois para ele, era através destes pequenos fragmentos do passado que a “verdade” histórica se manifestava, independente da interpretação do sujeito que fabricasse esse relato. Cascudo conferia importância inequívoca aos arquivos (na sua concepção uma espécie de arca de tesouros, pois encerravam em si o próprio passado e não uma interpretação deste), classificando-os com a “Casa da História”. No entanto, esta casa era silenciosa, e precisava de alguém que, ao escutar seus surdos ruídos, objetivamente, os relatasse, ou seja, ao estudioso caberia o papel de analisar os documentos e relatar, fidedignamente, o que contavam.

Levando em conta tais aspectos da historiografia cascudiana, podemos afirmar que esta se insere em um modelo tradicional, característico da produção historiográfica brasileira na primeira metade do século XX. Deste modo, ela comporta as limitações do fazer história naquele período, o que significa dizer que estes trabalhos não contam com interpretações nem com uma clara metodologia dita científica. É interessante observar que por volta dessa mesma época, nas primeiras décadas do século XX, emergiram no Brasil obras bastante inovadoras, que traziam novos horizontes e perspectivas para o desenvolvimento da disciplina no país. Autores como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, apontavam para um novo direcionamento do conhecimento histórico¹⁰⁸. Contudo, a produção na área da história, de Cascudo, iniciada muito antes da publicação de muitos destes trabalhos, continuou seguindo vieses tradicionais.

¹⁰⁸ Obras como: *Casa-Grande e Senzala* (1933), que atribuía ao escravo uma importância ímpar e decisiva na formação da sociedade brasileira, abordando a vida sexual na colônia de forma franca; *Raízes do Brasil* (1936), uma macro-interpretação do processo de formação da sociedade brasileira, destacando a importância do legado cultural da colonização portuguesa do Brasil; e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), em que o autor analisa os períodos do Brasil colônia e império sob a ótica da historiografia marxista, aplicando a tese de que o país teria se desenvolvido de acordo com interesses da Metrópole; contribuem significativamente, na primeira metade do século XX, para que a historiografia brasileira tome um novo direcionamento. Constituem livros que abordam a História do Brasil sob uma nova ótica, analisando os processos que vieram a formar a sociedade do país.

Os arquivos, repletos de antigos documentos, eram as fontes de onde extraía uma história, que entendia como sendo a verdadeira. Sua preocupação com datas (que chegava a tal ponto que, Mário de Andrade, certa vez escreveu em uma carta: “Cascudinho, a você historiador, deve parecer mais ou menos incompreensível que eu não seja guardador de datas”), fatos, estatísticas, personagens, permite identificar, em sua prática, uma relação com um determinado tipo de história, que privilegia sobretudo, o tempo cronológico e a “verdade” dos eventos. Vejamos uma crônica que trata da cidade norte riograndense de Caicó:

“Um masso de mapas originais, no arquivo do Instituto Histórico, revela muita curiosidade. Casualmente andei viajando naquela maré de papel velho. São documentos oficiais, informações prestadas pelo coronel de Ordenações Cipriano Lopez Galvão e pelo Vigário do Seridó, Francisco de Brito Guerra, no ano de 1810.”

“A Vila Nova do Príncipe, como se denominava, tinha 1451 habitantes. Eram 332 brancos, 248 pretos e 691 mulatos. (...) Fiquei sabendo que se morria, previstamente, de Espasmo, Febre Maligna, Pleuriz, Bexiga, Parto, Estupor, Feridas, Ética, Hidropesia, Antraz, Câmara (de sangue deve ser), Quebradura e Tosse. (...) As IMPREVISTAS são ou eram em 1810: - Mordida de Cobra, Queda e Onça...”¹⁰⁹,

Nesta crônica, Cascudo demonstra como entende o ofício do historiador. Inicialmente refere-se aos documentos, papéis velhos, mas originais, que se tratados com rigor e imparcialidade lhe revelarão o que de fato aconteceu no passado. Em momento algum neste texto, ou em qualquer outra produção historiográfica sua, menciona (ou sequer desconfia) que também os documentos constituem fabricações de seus criadores. Artefatos escritos que, de maneira nenhuma reproduzem os eventos como eles realmente ocorreram, mas que antes narram às percepções que seus produtores tiveram deles, e escondem, em seus meandros, questões essenciais como o posicionamento político e ideológico de seus autores ou as condições sociais em que estavam inseridos.

Ao escrever acerca da história de Caicó, em 1810, privilegia dados empíricos, tais como: número de habitantes, produtos de exportação, moléstias; sempre trabalhando com estatísticas. Em momento algum há a preocupação em interpretar esses dados, pois na sua concepção eles representam a realidade passada da cidade. Existe ainda um outro aspecto interessante nessa crônica, que observamos quando o autor descreve as doenças que atacavam a população. Ele escreve que *ficou sabendo* que determinadas enfermidades apareciam com frequência, e sobre este ponto não fornece nenhuma indicação da fonte da qual extraiu tal notícia. Neste caso, o próprio Cascudo, erudito que buscava saber todas as coisas do campo e

¹⁰⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Notícia de Caicó em 1810*. A República, 30 de Janeiro de 1944.

da cidade, se configura como fonte. Seu conhecimento enciclopédico e sua íntima relação com a oralidade lhe servem de parâmetros para conferir credibilidade a um dado, ao qual ele não oferece suporte material.

Em outra crônica, que segue a tendência já mencionada de biografar personagens esquecidos do passado, observamos mais indicações de como Cascudo trabalhava com os documentos:

“Escrevem do Acari, perguntando sobre a naturalidade do jornalista Antonio Hipólito, futuro patrono da biblioteca utilíssima que nascerá na velha e gloriosa cidade seridoense. (...) Em fins de 1923 fui, pela primeira vez ao Caicó conheci Diógenes da Nóbrega, republicano histórico, veterano da abolição, jornalista, tribuno, figura cheia vivacidades, inteligência e idealismo. Entre mil informações Diógenes informou-me que Hipólito José era norte-riograndense nato, natural do Acari, nascido na fazenda de Sacramento e irmão do Padre Manuel Cassiano da Costa Pereira, vigário do Acari e deputado provincial, 1835-1837.”

“Documentadamente, nada adiantou. Fiquei alvoroçado. Chegando ao Natal escrevi a Oliveira Lima, historiador eminentíssimo, então professor na Universidade Católica em Washington. Oliveira Lima nada sabia sobre a naturalidade norte-riograndense do jornalista. Andei para baixo e para cima lendo, mandando pedir notícias. Juntei quanto arranjava e, diante dos documentos reais e legítimos, sabe-se do seguinte: - Hipólito José nasceu na COLONIA DO SACRAMENTO, então pertencente a Portugal, em 13 de Agosto de 1774, filho do alferes de Ordenança Felix da Costa Furtado de Mendonça e de Ana Josefa Pereira. COLONIA DO SACRAMENTO, no Uruguai e não FAZENDA DO SACRAMENTO, no Acari.”

“Nasceu além das fronteiras atuais do Brasil e nunca sentiu o sol ardente do sertão nordestino. (...) Não existe a menor prova de que Hipólito José seja norte-riograndense.”¹¹⁰

Neste texto, Cascudo, na busca por desvendar o enigma da nacionalidade do jornalista Hipólito José¹¹¹, demonstra como se dava o seu fazer historiográfico. Colhidas as primeiras informações através da oralidade, ele se lança a um árduo trabalho de pesquisa e coleta de documentos, que servirão para comprovar ou refutar a versão passada de boca em boca. Note-se que o depoimento de Diógenes da Nóbrega, que suas próprias palavras apresentam como um homem douto e confiável, não serve para atestar o fato de Hipólito José ser natural do Rio Grande do Norte. São apenas os documentos, que classifica como reais e legítimos (embora não esclareça qual o método empregado para verificar a autenticidade deles), que lhe revelam a verdadeira face da questão. É nestes *velhos papeis* que Cascudo acredita que esteja encerrada a verdade dos fatos. Apenas por meio deles é possível escrever a História. Em sua produção historiográfica os documentos assumem a função de provas (é por isso que encerra a

¹¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Hipólito José da Costa é Norte Riograndense?* A República, 09 de janeiro de 1945.

¹¹¹ Hipólito José ficou conhecido na história nacional como patrono da imprensa brasileira.

crônica com a significativa afirmação: Não existe a menor *prova* de que Hipólito José seja norte-riograndense). A idéia de Verdade como uma essência, uma entidade metafísica, que sua concepção de História pressupõe, necessita de provas que a legitime. Só por meio delas é que o historiador consegue conhecer o passado tal como ele ocorreu.

É aos homens que dedicaram suas vidas a coletar e preservar os documentos escritos que, segundo ele, devemos o esclarecimento da História do Brasil, pois não podemos esquecer que, na sua concepção, os arquivos são as chaves para todo o conhecimento do passado. Em outra de suas crônicas, percebemos a admiração que destina a esta espécie de historiador-colecionador, que de certa forma reflete sua própria personalidade:

“No próximo junho deste 1945, teremos o terceiro centenário da guerra contra o domínio holandês no Nordeste brasileiro. (...) Para compreendermos esse período, em sua expressão exata e fiel, os documentos são numerosos. O Tempo passou e a perspectiva é mais justa que há duzentos anos, ainda sangrando as feridas ou visíveis as cicatrizes da campanha inesquecível.”

“A homenagem será também para os pesquisadores, os homens da História, ocupados na ciência tranqüila do estudo, *in pacifica scientiae occupatio*. Sem eles, teríamos uma visão estranha da paisagem pretérita, tecido de ódios, exaltações e reminiscências dolorosas. (...) Se atualmente estudamos a Guerra Holandesa com maior claridade e segurança devemos a um grupo pequeníssimo de criaturas desinteressadas e maravilhosas pelo amor a esses trabalhos gratuitos e dignos de gigantes.”

“José Higinio Duarte Pereira é, para nós do Norte, o doador máximo. Trouxe da Holanda um material que possibilitou páginas definitivas, iluminando o escurão passado. (...) Sem essa documentária tínhamos com vezes mais dificuldade em entender e comentar a fase flamenga no Brasil.”¹¹²

De acordo com Cascudo, é a José Higinio Duarte da Costa que se deve o esclarecimento do período das guerras contra o domínio holandês no Brasil. Foi esse homem, que trouxe da Holanda um rico material sobre o assunto, que possibilitou que fossem escritos trabalhos definitivos sobre tal época. São, portanto, os pesquisadores, os homens da História, como ele os chama, que no afã colecionador de reunir um grande acervo documental, tornam possível o conhecimento histórico, pois este, na compreensão do folclorista, precisa de provas que iluminem o *escurão passado*. A homenagem a estes historiadores, por conseguinte, se converte em um tributo a seu próprio trabalho, pois não podemos esquecer que Cascudo era um ávido explorador de arquivos, dedicando uma parcela considerável de suas pesquisas ao descobrimento e salvaguarda dos documentos escritos, que permitiam extrair a *verdade* dos tempos idos. A história para este autor natalense permanecia sempre preocupada com a preservação do passado, o qual era visto como se estivesse à beira do precipício, prestes a desaparecer no vazio do tempo presente.

¹¹² CASCUDO, Luís da Câmara. *Lembro José Higinio Duarte Pereira*. A República, 19 de Janeiro de 1945.

Sua associação a um modo tradicional de se escrever a história, induz os estudos que empreende nesta área a privilegiarem uma idéia de resgate do passado perdido no tempo, ocultando a construção, a seleção, a versão criada que (como hoje sabemos), se encontra presente em qualquer trabalho de caráter histórico. Com efeito, ao pesquisarmos a obra de Luís da Câmara Cascudo, observamos que sua escritura da história, em grande medida, segue os princípios apontados por Leopold Von Ranke, para quem o historiador tinha a obrigação de, no embate com os documentos, desvendar aquilo que realmente aconteceu. Essa é a marca distintiva de seus livros sobre história regional e local. É ainda o desejo de revelar a verdade definitiva dos fatos que orienta sua obsessiva busca pelas origens, evidenciada por suas muitas crônicas a respeito de temas como: os personagens esquecidos, a procedência dos nomes de cidades do Rio Grande do Norte, a identificação do marco colonial de Touros (segundo ele o mais antigo do Brasil), a descrição das primeiras igrejas do Estado, e muitos outros assuntos.

É por acreditar que a *verdade* na História constitui um dado que a pesquisa, a persistência e, principalmente, o documento revelam ao historiador, que Cascudo deixa claro em muitos de seus escritos que, a este não cabe interpretar qualquer coisa, mas sim, com neutralidade e objetividade, retratar o fato tal como ele se mostra nas *provas*. E essa faceta positivista de sua produção historiográfica tem um significado bastante importante, pois confere uma aura científica a seu trabalho e o legitima, mesmo que, em essência, não implique na adoção de uma rígida metodologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os visitantes da cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, que constitui hoje uma das capitais mais frequentadas pelos milhares de turistas que anualmente invadem a região Nordeste do país, uma curiosidade se evidencia desde os primeiros passeios: a importância que é conferida ao nome e a figura de Luís da Câmara Cascudo. Sem dúvida, mesmo quem nunca ouviu falar do folclorista-professor-historiador-etnógrafo- antropólogo-erudito, consegue andar pelas ruas sem sentir sua presença por todos os cantos. Seu nome e suas memórias constituem uma marca indelével na realidade e no cotidiano da cidade.

Mesmo depois de transcorridos mais de vinte anos após sua morte, Cascudo continua presente em Natal como um monumento que nunca perde sua atualidade e dinâmica, e, de maneira nenhuma, passa despercebido aos olhos de qualquer visitante. Luís da Câmara Cascudo é o nome do Museu de Antropologia da cidade, da rua onde viveu, da Biblioteca Municipal, de uma livraria, de uma Universidade particular, entre tantos outros empreendimentos de menor vulto que adotaram a mesma denominação.

Em sua homenagem há um Memorial, situado defronte a principal praça do centro, onde encontram-se expostos documentos sobre sua vida e obra; objetos pessoais tais como sua antiga máquina de escrever, seus óculos e chapéu; sua biblioteca particular, com cerca de 10.000 volumes sobre diversos assuntos como folclore, religião, história, integralismo e vários outros, que chamava carinhosamente de Babilônia. Em frente à porta principal do prédio que abriga o Memorial há uma estatua do *mestre*, forjada em bronze. Neste monumento Cascudo aparece em tamanho natural, de pé sobre uma espécie de pedestal, representado por uma grande mão que o eleva do solo. A casa onde viveu tornou-se patrimônio de Natal e é conservada como quando ali morava o professor. Constitui hoje um lugar de peregrinação para muitos visitantes da cidade, como em outros tempos, quando Cascudo ainda habitava o mundo dos vivos, era parada obrigatória de intelectuais, artistas, autoridades públicas, estudantes e muitos admiradores anônimos que desejavam conhecer pessoalmente o *mestre*, já imortalizado em vida.

Por toda a cidade do Natal percebem-se as marcas de sua passagem e em muitos lugares é possível ver, sentir e ler Luís da Câmara Cascudo. Muitos natalenses, desde os mais abastados aos mais humildes, guardam em suas lembranças histórias para contar daquele que foi o mais destacado intelectual da cidade e do Estado do Rio Grande do Norte e que projetou a capital potiguar no cenário nacional.

Para os que se debruçam sobre sua vida e obra à íntima relação que manteve, ao longo de sua existência, e mesmo depois de sua morte, com o espaço urbano em que nasceu aparece como um dos traços marcantes de sua biografia. Seu devotamento aos estudos e pesquisas, sua profícua trajetória intelectual (traduzida em uma lendária produção de mais de 150 livros), o reconhecimento que obteve no país e no exterior, mas também a estreita relação que mantinha com a gente simples e sua firme decisão de não abandonar a sua terra para se estabelecer no sudeste, para onde convergiam diversos homens de letras da nação, assumindo plenamente o título de provinciano incurável, que lhe fora dado por Afrânio Peixoto, asseguram a Cascudo um lugar de destaque na memória da população de Natal, assim como na própria história da cidade.

Dessa forma, não é de se admirar que Cascudo esteja representado em todos os recantos da cidade, através de monumentos, homenagens, placas. O próprio título, concedido a ele pelo então prefeito Sylvio Pedrosa em 25 de dezembro de 1948, de Historiador da Cidade do Natal demonstra o seu reconhecimento como intérprete e cronista da cidade.

Como já foi dito ao longo desta dissertação, a identificação entre Luís da Câmara Cascudo e Natal é completa. Assim como a cidade reverenciava e continua a render homenagens a seu maior letrado, Cascudo também se reconhecia como parte indissociável do espaço urbano onde nasceu, viveu e morreu. Por isso fez de Natal um de seus objetos de estudo privilegiados, dedicando, ao longo de sua vida, grande número de seus estudos, pesquisas e escritos à terra que tanto amava.

Foi, por muitos anos, cronista diário da cidade nos jornais para os quais escreveu. Desde as primeiras crônicas, produzidas na segunda década do século XX para o jornal a *Imprensa*, demonstrou grande interesse pelo tema urbano. Na coluna Acta Diurna, fundada em 1939 e que permaneceu em circulação por mais de vinte anos em periódicos locais, dedicou inúmeros textos a cidade do Natal.

As décadas de 1940 e 1950 consistiram em um dos períodos mais marcantes da história da capital potiguar. Foi nesta época que as transformações urbanas, que já se faziam sentir desde o segundo decênio do século XX, atingiram seu ponto mais crítico. O desenvolvimento urbano-industrial da cidade neste momento, impulsionado pela expansão da nova ordem capitalista e pelo estabelecimento da base aliada de Parnamirim Field, durante a 2ª Guerra Mundial, fez com que Natal mudasse drasticamente seu perfil de lugar pacato e interiorano. Pouco a pouco, a exemplo do que ocorreu na maioria das capitais brasileiras no decorrer da primeira metade do século XX, as modificações urbanas, empreendidas em nome do tão aclamado progresso, foram traçando um novo desenho em Natal. A calma e tranqüila

cidade, que alguns haviam conhecido por volta de 1890, ia, paulatinamente, sendo sepultada sob as novas e modernas edificações. O passado ia desaparecendo enquanto realidade palpável, para passar a existir apenas nas memórias daqueles que tinham vivenciado a cidade em outros tempos.

Para Luís da Câmara Cascudo, que nascera em 1898 e travara contato com a velha Natal tanto a partir de suas próprias experiências de infância quanto por meio das várias histórias populares que sempre escutou ao longo de sua vida, as mudanças que estavam ocorrendo na cidade desde a segunda década do século, e que ao longo de 1940 culminaram em uma transformação substancial do espaço urbano e das formas de sociabilidade da população natalense, consistiam na evidência de que uma nova Natal estava emergindo. Caberia então a ele, o intelectual que nunca abandonara sua terra, o provinciano incurável, intervir nos destinos da cidade. Para Cascudo, a modernização da capital potiguar representava a alteração de uma imutabilidade de séculos. O equilíbrio de um passado tranqüilo e desprovido de tensões era agora perturbado por uma mutação radical. Mutação esta que não se restringia apenas a apagar os vestígios da velha Natal, mas obliterava também a própria preservação da memória do passado da cidade. Desta forma, fazendo da escrita instrumento de intervenção, Cascudo, através das crônicas produzidas, sobretudo nos anos 1940 e 1950, busca restabelecer no tempo presente a materialidade de uma Natal que estava sucumbindo frente à nova ordem burguesa, construindo por meio das palavras uma cidade que se perdera no tempo. Por outro lado, em outros textos da mesma época, o autor dedica-se a relatar e analisar os impactos das transformações urbanas em Natal, demonstrando sua inquietação frente às modificações materiais e sociais.

As crônicas cascudianas produzidas nestes conturbados anos, que privilegiam o tema urbano, revelam como o autor, oriundo de antigas oligarquias alijadas do poder, se posicionou frente às alterações trazidas pela modernidade urbana. Elas nos mostram um intelectual, que construiu sua identidade em estreita relação com a terra em que nasceu, dividido entre a saudade de um passado que estava deixando de existir e a angústia de um presente que se apresentava como a temporalidade da fragmentação, ao qual não conseguia se adaptar.

Em um texto fundamental para compreendermos a abordagem que o autor faz do passado urbano em seus livros e crônicas, que serve de introdução a *História da Cidade do Natal*, Cascudo menciona a figura do Alvissareiro da Torre da Matriz. Este, na Natal antiga, era o operador do Telégrafo Ótico. Passava os dias na solidão do ponto mais alto da cidade, de onde podia contemplar toda a sua extensão e, através das bandeiras do Código Internacional de sinais, anunciava a chegada e partida dos navios vindos de diversas direções. O

Alvissareiro desempenhava um trabalho importante, contudo passava despercebido aos olhos de grande parte da população natalense. Poucos lhe sabiam o nome e estado de espírito.

Segundo Cascudo, o historiador que se debruça sobre o passado da cidade também se constitui em uma espécie de Alvissareiro. Ele se posiciona no cimo da Torre da História, e de lá pode visualizar todo o horizonte de uma realidade desaparecida. Através da escrita, que substitui as bandeiras azul e encarnada, sinaliza a passagem dos “velhos e passados navios que estão no fundo do mar”. De seu ponto de vista privilegiado, olha a cidade e conta sua história aos que não a puderam ver.

As crônicas cascudianas sobre a Natal antiga, portanto, nos permitem acompanhar a emergência do Alvissareiro-Historiador da cidade. Sobretudo na década de 1940, período em que transformações urbanas vão definitivamente apagando os traços do passado, os textos acerca da velha cidade são mais abundantes. O historiador Luís da Câmara Cascudo, de seu abrangente posto de observação, se espelha no Alvissareiro da Torre da Matriz e passa a sinalizar o desaparecimento da Natal antiga. Sua função é avisar aos habitantes da capital potiguar que uma parte de sua história está sucumbindo e que é necessário salvá-la do esquecimento.

Por isso é que muitas de suas crônicas evocam lugares sentimentais do passado de Natal, como a Fábrica de Tecidos de Juvino Barreto, ou a Escola Doméstica. Sua incapacidade de conviver com as mudanças e de se adaptar a nova realidade, o leva a voltar-se para a cidade antiga, construindo-a como lugar da saudade, espaço idílico e áureo, que cada vez mais se tornava distante.

É importante recordar, como já foi frisado em outros momentos deste trabalho, que a Natal antiga emerge no âmago da cidade que se moderniza. São os opostos que se completam, pois uma só encontra sentido no confronto com a outra. Se, nos escritos de Cascudo, a velha urbe é retratada como um ambiente acolhedor e desprovido de tensões é porque é necessário evidenciar as características negativas da cidade moderna. Sentimentos como inquietação e angústia, que acompanham o intelectual em sua experiência no espaço que está sendo invadido pela modernidade, o levam a projetar no passado suas mais belas aspirações e lembranças. A vivência na Natal que passava por um amplo processo modernizante foi que o inspirou a pintar a cidade do início do século com cores tão agradáveis.

Ao longo de 1940, as transformações que já se anunciavam desde a segunda década do século, atingem seu ponto culminante. O estabelecimento da base militar de Parnamirim Field, durante a 2ª Guerra Mundial, proporciona uma nova dinâmica ao incipiente desenvolvimento da cidade. O aquecimento da economia local e as inovações técnicas

introduzidas pelos estrangeiros resultam numa redefinição do mapa urbano natalense; estradas são criadas, o porto recebe melhorias, os pequenos empreendimentos industriais, destinados a suprir as necessidades das tropas aliadas, passam a ser incentivados. No entanto, são, acima de tudo, os aspectos sociais das mudanças urbanas que chamam a atenção de Cascudo. O processo modernizante e a presença dos contingentes militares norte-americanos trazem consideráveis alterações às sociabilidades da população natalense. As festas de carnaval, por exemplo, que na cidade antiga consistiam em grandes manifestações da tradicional cultura popular, sofrem reveses inimagináveis. O próprio cotidiano das ruas modifica-se, com o desaparecimento de velhos costumes, como por exemplo, o hábito de conversar nas calçadas.

Segundo Cascudo, as modificações trazidas pela modernidade alteravam uma das principais características da cidade do começo do século, a quietude que a dominara no passado. Se a Natal antiga se constituía como o espaço da calma e do silêncio, a nova Natal, com suas desagradáveis buzinas de automóveis, seus aparelhos de rádio ligados a todo volume, seus incessantes reclames publicitários gritados a plenos pulmões, mais se assemelhava a um mercado público farto em ruídos. Uma cidade que se transformava em escrita, mas em uma escrita esteticamente feia, garranchada em muros e tabuletas comerciais espalhados pelas ruas.

Não é de surpreender que, para um indivíduo que se acostumara a vislumbrar as mudanças como indícios de tempos difíceis, as transformações urbanas em sua terra natal se afigurassem como experiências negativas. Cascudo, que presenciara a decadência econômica de sua família na aurora do novo século, passaria a enxergar as mutações com olhos de desconfiança. Se a Natal antiga havia sido o espaço áureo onde sua família gozava de prosperidade e prestígio, a nova cidade representava o tempo de decadência, o signo da ruína e da desclassificação social, onde as tradicionais hierarquias se esfacelavam.

Mas enfim, vale ressaltar nestas linhas finais, que a cidade que o folclorista tanto amava, continua fiel a sua memória. É lembrado como seu filho mais ilustre, intelectual que a projetou no cenário nacional e até internacional. Suas múltiplas habilidades no campo das letras são constantemente mencionadas como forma de enaltecer sua figura. Por outro lado, os aspectos mais desconhecidos de sua trajetória, como a participação no movimento integralista são esquecidos em nome da preservação de sua memória.

O Alvissareiro-Historiador Luís da Câmara Cascudo, que dedicou muitas de suas crônicas na imprensa ao tema da cidade do Natal, quer abordando sua história no início do século XX, quer analisando as transformações que mudaram sua face, continua sendo um dos

símbolos da capital potiguar, e esta, por outro lado, permanece indissociavelmente unida ao seu nome.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *De Amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras do Conhecimento no Ocidente Contemporâneo*. Barcelona, Mimeo, 2002.

_____. *O Engenho Anti-Moderno: A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo, Cortez, 1999.

_____. *Nos Destinos de Fronteira: História, Espaços e Identidade Regional*. Recife, Ed. Bagaço, 2008.

ARRAIS, Raimundo. *A Capital da Saudade. Destruição e Reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife, Ed. Bagaço, 2006.

_____. *Crônicas de Origem: A cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal, EDUFRN, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1996.

_____. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única*. São Paulo, Brasiliense, 1995.

_____. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1995.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura*. Rio de Janeiro, Itatiaia, 1983.

_____. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

_____. *Na Ronda do Tempo: Diário de 1969*. Natal, Imprensa Universitária, 1971.

_____. *Ontem: maginações e notas de um professor de província*. Natal, Editora Universitária, 1992.

_____. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal, Imprensa Universitária, 1968.

_____. *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*. Imprensa Universitária, 1963.

_____. *Vaqueiros e Cantadores: Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

- CASCUDO, Daliana. Org. *Câmara Cascudo. 20 Anos de Encantamento*. Edufrn, Natal, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. São Paulo, Papirus, 1995.
- _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1982.
- _____. *A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- DANDREA, Moema Selma. *A Tradição Re(des)coberta*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
- DANTAS, George Alexandre Ferreira. *Crise Urbana em Natal na Virada Para os Anos 1920: impasses da modernização e saberes técnicos*. Revista Risco. São Paulo, USP, 2006.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- _____. *O que é um autor?* Lisboa, Veja, 1992.
- _____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo, Editora 34, 2006.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo Um Brasileiro Feliz*. São Paulo, Lidador, 1998.
- LIMA, José Ayrton. *História do Rádio no Rio Grande do Norte*. Natal, Edição Coojornat, 1984.
- LOPES, Edmilson. *A Construção Social da Cidade do Prazer: Urbanização turística, cultura e meio ambiente em Natal (RN)*. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 1997.
- MELLO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de Ontem. Figuras e Fatos de Minha Geração*. Natal, Sebo Vermelho, 2006.
- MELO, João Wilson Mendes. *A Cidade e o Trampolim*. Natal, Sebo Vermelho, 2003.
- MELO, Veríssimo de. *Natal há Cem Anos Passados*. Natal, Sebo Vermelho 2007.
- MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Rádio e Cidade: Vínculos Sonoros*. São Paulo, Annablume, 2007.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Gildson de. *Câmara Cascudo um Homem Chamado Brasil*. Brasília, Brasília Jurídica, 1999.

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu Misturo com Banana*. Natal, EDUFRRN, 2005.

PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal, Sebo Vermelho, 2003.

REZENDE, Antônio Paulo. *Os (Des)encantos da Modernidade*. Doutorado em História. São Paulo, USP, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Silvia Cortez. *Tempos de Casa-Grande (1930-1940)*. Doutorado em História. São Paulo, USP, 1995.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. Rio de Janeiro, Difel, 1979.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e Voz. A "Literatura" Medieval*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

LISTA DAS CRÔNICAS DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO UTILIZADAS

A Chaminé de Tecido. *A República*, 05 de fevereiro de 1959.

A Letra das Músicas Carnavalescas. *Diário de Natal*, 18 de fevereiro de 1948.

A Noite em Natal. *A Imprensa*, 11 de maio de 1924.

A Rua de Nome Mais Antigo. *A República*, 16 de abril de 1959.

Avenida Tavares de Lira. *A República*, 12 de dezembro de 1958.

A Visão Imóvel. *Diário de Natal*, 13 de dezembro de 1947.

Barulho não é Progresso. *A República*, 25 de janeiro de 1945.

Do Feio e do Honesto. *A República*, 16 de março de 1945.

Hipólito José da Costa é Norte Riograndense? *A República*, 09 de janeiro de 1945.

História de Manuel Pequeno. *A República*, 06 de Fevereiro de 1944.

Jaime Adour. *A República*, 26 de junho de 1945.

Lembro José Higino Duarte Pereira. *A República*, 19 de Janeiro de 1945.

Mil Homens. *Diário de Natal*, 14 de agosto de 1947.

Meio Berro. *A República*, 04 de Janeiro de 1944.

Morro Branco. *A República*, 04 de março de 1947.

Natal, Cidade do Barulho. *Diário de Natal*, 13 de março de 1948.

Notícia de Caicó em 1810. *A República*, 30 de Janeiro de 1944.

Nós Somos as Belezinhas. *Diário de Natal*, 05 de fevereiro de 1948.

O Barão.... *A República*, 20 de abril de 1945.

O Caso Plínio Salgado. *A República*, 01 de julho de 1934.

O Centenário do Barão de Rio Branco é neste mês de abril. *A República*, 08 de abril de 1945.

O Direito de Não Ouvir. *Diário de Natal*, 11 de outubro de 1947.

Olímpio Tavares. *A República*, 04 de setembro de 1959.

Polícia da Linguagem nos Anúncios. *A República*, 10 de março de 1945.

Por que a Ação Integralista Brasileira concorre às eleições de 14 de Outubro. *A República*, 05 de outubro de 1934.

Rua Coronel Estevão. *A República*, 24 de agosto de 1959.

Travessa do Medeiros. *A República*, 26 de março de 1959.

Um Confeti do Carnaval... *A República*, 25 de janeiro de 1944.

Velhas Árvores. *Diário de Natal*, 08 de setembro de 1947.

Vila Imperial de Papari. *A República*, 19 de dezembro de 1958.